UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RITA DAMBRÓS HENTZ

O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente

RITA DAMBRÓS HENTZ

O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Biblioteca Dante Moreira Leite Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Hentz, Rita Dambrós.

O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente / Rita Dambrós Hentz; orientador Daniel Kupermann. -- São Paulo, 2019.

100 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Adolescência. 2. Psicanálise. 3. Pais. 4. Confusão de línguas. 5. Trauma. I. Kupermann, Daniel, orient. II. Título.

Título: O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente			
	Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.		
Aprovado em:			
	Banca Examinadora		
Prof. Dr			
Instituição:			
Julgamento:			
Profa. Dra.			
Instituição:			
Julgamento:			
Prof. Dr		_	
Instituição:			
Julgamento:			

Nome: Hentz, Rita Dambrós

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Daniel Kupermann, pelos valiosos ensinamentos transmitidos e pela sensibilidade presente em todos os momentos desta trajetória. Meu especial e verdadeiro agradecimento pelo privilégio de tê-lo como orientador.

Ao Diogo, pela coragem de um amor que derrotou as incertezas e pela luta diária em busca dos nossos sonhos. Tudo isso é por nós dois.

À minha mãe, Fátima, pelo incentivo constante pela busca de conhecimentos e, principalmente, pela garantia de um porto seguro.

Ao Alfredo, meu querido pai, que mesmo não estando mais aqui, se faz presente em cada decisão importante da minha vida.

À minha colega de mestrado e amiga, Isis Graziele, pela convivência que tornou esses dois anos mais leves e pela preciosa ajuda nos momentos de insegurança.

Aos membros da banca, Ana Paula Leivar Brancaleoni e Paula Regina Perón, pela disponibilidade em aceitar contribuir nesse momento tão importante da minha trajetória.

À Laura Bechara, amizade especial que a USP me proporcionou, pelas indicações valiosas em diferentes áreas da vida, desde o dia da primeira matrícula.

À Gabriela Medeiros, pelos momentos de angústia e de conquista compartilhados ao longo do mestrado.

Ao Enzo, por ter participado de todas as etapas: desde a primeira prova de seleção do mestrado até a finalização da dissertação.

A todos os colegas do Psia - Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise, por participarem e contribuírem tanto nesse agradável percurso.

À minha amiga, e cunhada, Paula Dockhorn, pelas nossas trocas, desde a época da graduação e, especialmente, pelo valioso auxílio prestado na época da seleção de mestrado.

Às minhas amigas Débora, Daniele, Amanda, Thaís e Nathalia, pelos anos de amizade, pela constante torcida e pelos momentos que tornam a vida mais leve.

À minha ex-professora Anelise, por todos ensinamentos transmitidos nos tempos de colégio e pela atenta revisão dessa dissertação que possibilitou uma especial reaproximação depois de nove anos.

Ao CNPq, pela bolsa de fomento que viabilizou a realização dessa dissertação de mestrado.

A equipe do Programa da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), em especial a Cláudia, pela disponibilidade.

Se eu devesse responder
a um pai que fizesse a pergunta
"como agir com um adolescente em crise?",
eu lhe diria o essencial:
"Enquanto o adolescente fala ou se cala diante de você,
pense o seguinte: a eficácia de minha ação dependerá
de minha sesação de estar efetivamente na minha pele
de pai. Quanto mais eu me sentir
em consonância com o papel que assumo
perante o jovem, mais chances terei
de ajudá-lo a entrar em consonância consigo mesmo"
J.-D. Nasio

RESUMO

Hentz, R. D. (2019). *O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa de mestrado dedicou-se ao aprofundamento da compreensão da relação entre pais e filhos adolescentes. Seu objetivo geral foi investigar, a partir da narrativa de adolescentes sobre suas vivências, qual é o lugar atribuído às figuras parentais no seu sofrimento psíquico. Em decorrência disso, o objetivo específico foi explorar as estratégias de enfrentamento dos adolescentes diante dos conflitos experenciados com essas figuras parentais. Para isso, inicialmente, realizou-se um levantamento da literatura sobre o tema da pesquisa, percorrendo as contribuições de autores que se dedicaram ao estudo e ao atendimento de adolescentes, abordando desde as concepções freudianas relativas à puberdade até os postulados atuais sobre o adolescer. Além disso, ainda no levantamento bibliográfico, foi proposta uma reflexão sobre a idealização contemporânea da adolescência, acreditando que ela poderia estar servindo como um incremento ao sofrimento do adolescente em relação às figuras parentais. Posteriormente, para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista aberta com eixos norteadores préestabelecidos com cada participante desta pesquisa. No total, foram entrevistados quatro adolescentes com idades entre 14 e 19 anos. A posteriori, as entrevistas foram transcritas e o material obtido foi analisado através do método de Análise Interpretativa proposto por Frederick Erickson e, para a interpretação dos achados, foi utilizado o referencial psicanalítico. A fim de apresentar a sistemática de trabalho que norteou este estudo, foram formuladas três asserções com os resultados da pesquisa. A Primeira Asserção foi intitulada "A confusão de línguas entre os adolescentes e seus pais versus conflitos geracionais", a Segunda Asserção foi denominada "A carência de relações significativas entre pares na adolescência", e a Terceira Asserção foi nomeada "O corpo como campo de batalha diante de uma dor psíquica não legitimada". Na elaboração das asserções, o conceito ferencziano de confusão de línguas contribuiu para pensar sobre a dinâmica da relação entre pais e filhos adolescentes. Além disso, foi proposta uma diferenciação entre o conceito de confusão de línguas e de conflitos geracionais, sugerindo que, enquanto os conflitos geracionais possuem caráter estruturante para o adolescente e permitem o exercício da ambivalência, a confusão de línguas abole essa possibilidade e apaga a dissimetria entre o mundo adulto e o mundo adolescente. Discutiu-se ainda, no percurso, a falta de amizades na vida dos entrevistados, que pode estar relacionada a uma desconfiança do jovem no mundo. Frente à confusão de línguas, foi observada uma intensificação do sofrimento adolescente e percebeu-se o corpo como predominante nas tentativas dos jovens de aliviar a angústia. Salienta-se que esta investigação privilegiou a interpretação do adolescente sobre o sofrimento. Posto isso, os resultados encontrados indicaram a importância de demarcar a diferença entre as posições de adulto e de adolescente e evidenciaram a potencialidade traumática da confusão de línguas para os jovens. Acredita-se, assim, que a análise do material obtido junto aos participantes desta pesquisa ampliou as contribuições no campo da relação entre pais e filhos na adolescência.

Palavras-chaves: Adolescência; Psicanálise; Pais; Confusão de línguas; Trauma.

ABSTRACT

Hentz, R. D. (2019). The place attributed to parents in the suffering of the adolescent. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This master's research focused on deepening the understanding of the relationship between parents and adolescent children. Its general objective was to investigate, from the narrative of adolescents about their experiences, which is the place attributed to the parental figures in their psychic suffering. As a result, the specific objective was to explore the coping strategies of adolescents in the face of the conflicts experienced with these parental figures. To do this, initially a survey of the literature on the subject of research was carried out, tracing the contributions of authors dedicated to the study and care of adolescents, ranging from the Freudian conceptions related to puberty to the current postulates about adolescents. In addition, in the bibliographical survey, a reflection was proposed on the contemporary idealization of adolescence, believing that it could be serving as an increment to the adolescent's suffering in relation to the parental figures. Subsequently, for data collection, an open interview was conducted with pre-established guiding axes with each participant of this research. In total, four adolescents between the ages of 14 and 19 were interviewed. Subsequently, the interviews were transcribed and the material obtained was analyzed using the method of Interpretive Analysis proposed by Frederick Erickson, and the psychoanalytical framework was used to interpret the findings. In order to present the work systematics that guided this study, three assertions were formulated with the results of the research. The First Assertion was entitled "The language confusion between adolescents and their parents versus generational conflicts," the Second Assertion was called "The lack of significant relationships between peers in adolescence", and the Third Assertion was named "The body as a battlefield in regards to unrecognized psychic pain. " In the elaboration of the assertions, the Ferenczian concept of language confusion contributed to think about the dynamics of the relationship between parents and adolescent children. In addition, a distinction has been made between the concept of language confusion and generational conflicts, suggesting that, while generational conflicts have a structuring character for the adolescent and allow the exercise of ambivalence, the language confusion abolishes this possibility and extinguishes dissimetry between the adult world and the adolescent world. During this journey, the lack of friends in the lives of the interviewees was discussed, which may be related to a distrust of young people in the world. In the face of language confusion, an intensification of the adolescent suffering was observed and the body was perceived as predominant in the attempts of the young to relieve the anguish. It is importante to emphasize that this investigation privileged the adolescents' interpretation of suffering. With that beeing said, the results showed the importance of demarcating the difference between adult and adolescent positions and evidenced the traumatic potentiality of language confusion for young people. It is believed, therefore, that the analysis of the material obtained from the participants of this research increased the contributions in the field of the relationship between parents and children in adolescence.

Keywords: Adolescence; Psychoanalysis; Parents; Language Confusion; Trauma.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	17
3. MÉTODO	25
3.1 Opção metodológica	25
3.2 Procedimentos para a coleta de dados	25
3.3 Procedimentos para a análise de dados	25
3.4 Participantes	28
3.5 Caracterização dos participantes	28
3.6 Considerações éticas	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: APRESENTAÇÃO DAS ASSERÇÕES	32
4.1 Primeira asserção: "A confusão de línguas entre adolescentes e seus pais versus o geracionais"	
4.1.1 O descuido à assimetria	33
4.1.2 Conflitos geracionais	45
4.1.3 A potencialidade traumática da confusão de línguas	53
4.2 Segunda asserção: "A carência de relações significativas entre pares na adoles	
4.3 Terceira asserção: "O corpo como campo de batalha diante de uma dor psíqu legitimada"	uica não
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	94
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o adolescente maior de	
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o responsável pelo ado menor de 18 anos	
ANEXO D – Termo de Assentimento para o adolescente menor de 18 anos	100

1. APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado, intitulada "O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente", foi desenvolvida no período de março de 2017 a maio de 2019, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Partiu-se do desejo de compreender, a partir da narrativa do próprio adolescente, qual é o lugar atribuído aos pais¹, ou a quem ocupa esta função, no seu sofrimento psíquico.

Tem-se como pano de fundo a noção psicanalítica de que a adolescência sempre é acompanhada por uma dose de sofrimento psíquico - inclusive no que diz respeito à relação de adolescentes com seus pais. Trabalhou-se, inicialmente, com a hipótese de que os excessos, marcados pela presença ou ausência das figuras parentais, configurariam um incremento ao sofrimento inerente vivido pelo adolescente.

Sabe-se que, a partir da perspectiva psicanalítica, a adolescência é definida como um campo amplo de investigação, uma vez que não considera apenas as mudanças corporais e a faixa etária, mas também as repercussões psíquicas que essa etapa traz ao sujeito. Desse modo, entende-se que a adolescência é constituída por perdas, repetições e conquistas que demandam intenso trabalho psíquico do jovem (Savietto & Cardoso, 2006; Macedo, Azevedo & Castan, 2010).

Nesse sentido, para o levantamento bibliográfico sobre o tema desta pesquisa, pecorreuse as concepções psicanalíticas a respeito das diferentes demandas impostas ao jovem, da importância das figuras parentais nesta fase da vida e dos possíveis excessos presentes na relação entre pais e filhos adolescentes. Além disso, explorou-se a noção de idealização contemporânea da adolescência, destacando a idealização que a contemporaneidade impõe ao processo de adolescer somadas às intensidades psíquicas próprias desta etapa da vida.

Para começar a discorrer sobre a relação entre pais e filhos na adolescência, é importante compreender o início da constituição psíquica do sujeito. Moraes e Macedo (2011) exploram a função do objeto cuidador na inauguração das primeiras marcas psíquicas que constituem o psiquismo, postulando que a posição de desamparo inicial do sujeito requer a presença de um outro primordial capaz de proporcionar, com qualidade, experiências de cuidado em relação ao bebê, fundando, assim, um sujeito psíquico (Moraes & Macedo, 2011).

-

¹ Nesta pesquisa, os pais correspondem a qualquer pessoa que exerça a função de figura parental na vida do adolescente.

Ao encontro disso, Palmeira, Mayerhoffer, Mariz e Cardoso (2011) postulam que na adolescência ocorre a repetição da sensação de desamparo vivida pelo bebê no início de sua vida. Segundo os autores, as perdas inerentes ao período da adolescência acionam perdas anteriores, podendo ser vivenciadas de forma mais ou menos dolorosa de acordo com a singularidade do jovem, sua história de vida e seus recursos psíquicos. Para Birman (2006), os pais são fundamentais no desenrolar desta conflitiva adolescente e a possível precariedade de investimentos dos pais nos filhos pode resultar em uma fragilidade psíquica do jovem.

Sobre a importância das figuras parentais nas diferentes etapas da vida, Winnicott (1988) afirma que o amadurecimento segue um percurso que se inicia com a dependência absoluta de um outro até a independência relativa, alcançada na maturidade. Sabe-se, desta forma, que o bebê nasce imaturo e desamparado, dependendo completamente de um ambiente que o acolha e o ajude a tornar-se uma pessoa inteira que se relaciona com outros.

Para Winnicott (1956), esse ambiente é, normalmente, representado pela mãe, que deve desenvolver uma identificação com o seu bebê, atendendo-o em suas necessidades. Dessa maneira, o conceito de "mãe suficientemente boa" caracteriza aquela capaz de reconhecer as necessidades do seu bebê, oferecendo a ele um ambiente seguro, acolhedor e possibilitando, dessa forma, que o bebê se integre como sujeito (Winnicott, 1956).

A importância de um ambiente suficientemente bom retorna na adolescência, quando o jovem, imaturo e vulnerável, depende de um ambiente firme, seguro e acolhedor, para que possa ser alguém e para que consiga fazer parte de um grupo (Oliveira & Fulgêncio, 2010). Assim, a crise da adolescência dificilmente será bem elaborada se o jovem não possuir sólidas bases narcísicas, ou seja, é essencial que as relações objetais primordiais tenham instaurado no sujeito uma consistência narcísica, para que seja possível enfrentar a adolescência e todas as intensas demandas psíquicas que ela impõe. Assim, é imprescindível que os pais possam oferecer aos filhos um ambiente suficientemente bom, possibilitando que o sujeito garanta seu próprio valor e, então, consiga diferenciar-se das figuras parentais e investir no seu próprio futuro (Winnicott, 1956; Savietto & Cardoso, 2006).

Nesta direção, Winnicott (1961/2013, p.117) indica que "muitas das dificuldades pelas quais passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam de más condições ambientais; este fato apenas serve para enfatizar a vital importância do ambiente e da família". Posto isso, é por meio da narrativa do jovem sobre a sua história de vida e sobre a sua experiência de "adolescer" que esta pesquisa tem como objetivo geral investigar qual o lugar atribuído às figuras parentais no sofrimento psíquico do adolescente. Em

decorrência disso, o objetivo específico é explorar as estratégias de enfrentamento dos adolescentes diante dos conflitos vividos com essas figuras parentais.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista de tempo indeterminado e com questões abertas com quatro participantes de 14 a 19 anos. Os jovens foram selecionados através da técnica denominada Bola de Neve (Turato, 2011) e passaram a fazer parte deste estudo somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou do Termo de Assentimento (ANEXOS B, C e D).

A entrevista foi elaborada com eixos temáticos que serviram como norte na busca de dados. Conforme Turato (2011), a flexibilidade oferecida por essa modalidade de entrevista permite que o pesquisador proponha uma entrevista com uma ordem de temas, seguindo questões norteadoras, mas mantendo aberto o espaço para que sejam apresentados novos questionamentos a partir da fala do entrevistado. As questões norteadoras desta pesquisa foram as seguintes: história de vida do participante, relação com as figuras parentais, experiências significativas da adolescência e estratégias para lidar com o sofrimento psíquico.

Para a análise dos dados, optou-se pelo método denominado Análise Interpretativa, de Frederick Erickson (1997). Esse método consiste na elaboração de asserções, isto é, de afirmações, a partir da escuta e leitura das entrevistas realizadas. Estas asserções configuram uma generalização lógica e não estatística e propõem sempre ir dos dados à teoria. A apresentação das asserções é ilustrada com vinhetas e fundamentada com comentários interpretativos sustentados na teoria psicanalítica. Desta forma, neste método as vinhetas das entrevistas são fundamentais, uma vez que é a partir delas que as asserções são formuladas e a teoria é relacionada. Ou seja, é a fala do entrevistado que dá rumo à teoria que é desenvolvida após a realização das entrevistas.

Vale frisar que, para a análise dos dados, a revisão bibliográfica ficou em suspenso, buscando permitir, assim, que os dados falem por si. Cabe frisar que o levantamento bibliográfico ajudou na elaboração das questões norteadoras das entrevistas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CAEE 79533717.3.0000.5561, nº do parecer 2.448.199).

Posto isso, é pertinente relatar alguns aspectos observados durante o percurso desta pesquisa que suscitaram questionamentos e algumas modificações na dissertação. Inicialmente, o título escolhido foi "O lugar dos pais no sofrimento do adolescente". No entanto, ao longo da coleta de dados, ficou evidente o efeito do título tanto nos participantes, quanto nos

responsáveis pelos adolescentes menores de dezoito anos no momento de assinar o termo de consentimento que autoriza a participação do menor na entrevista.

O caminho para a realização das entrevistas aconteceu da seguinte forma: após a indicação, por meio de pessoas próximas, de adolescentes interessados em participar da pesquisa, o contato inicial para agendamento da entrevista foi feito por telefone. Posteriormente, alguns eventuais contatos ocorreram via *WhatsApp*. Neste processo de localização dos participantes, um jovem de 17 anos, filho de uma pessoa próxima à pesquisadora, confidenciou que o convite para a entrevista estava fazendo "o maior sucesso" no grupo de *WhatsApp* de seus amigos, de forma que vários adolescentes demonstraram muito interesse em participar da pesquisa.

Diante do mencionado sucesso, foi necessário questionar sobre os motivos deste êxito, uma vez que os adolescentes só tinham conhecimento do título da pesquisa, o qual pareceu muito convidativo para alguns jovens. Por outro lado, um dos participantes, que inicialmente mostrou-se entusiasmado para a entrevista, cancelou a mesma poucas horas antes do encontro com a pesquisadora, justificando que seus pais não aceitaram preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - fato este que também poderia estar relacionado ao título inicial da pesquisa. Além disso, alguns adolescentes compareceram na primeira entrevista, falando por um longo período de tempo, e demonstrando demasiado interesse em um segundo encontro, porém, não apareceram para continuar suas narrativas.

Cabe ressaltar que estes acontecimentos não foram considerados como um obstáculo à pesquisa, e sim como um de seus pontos disparadores. Porém, o título inicial passou a ser repensado, uma vez que poderia estar sendo considerado sugestivo, produzindo um efeito de atrair e, ao mesmo tempo, de repelir os adolescentes e seus pais. O título, então, foi alterado para "O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente", enfatizando a importância da atribuição a partir da narrativa do jovem, e não a afirmação de que as figuras parentais ocupam efetivamente um lugar determinado no sofrimento dos filhos.

A coleta de dados provocou, também, diversas dificuldades para a realização da segunda entrevista - proposta inicialmente - e a consequente dúvida se a mesma seria de fato essencial. Por mais que o segundo encontro oferecesse uma possibilidade de aprofundamento das questões do jovem e um espaço de cuidado e acolhimento, alguns participantes sentiam-se sobrecarregados ao terem que se deslocar duas vezes até o local da entrevista. Dessa maneira, optou-se pela realização de apenas uma entrevista, mas com um tempo de duração indeterminado.

Por fim, outro aspecto importante a ser ressaltado é que, apesar das questões norteadoras citadas anteriormente, as entrevistas foram abertas. No entanto, mesmo deixando o jovem livre para falar sobre o que achasse importante, os entrevistados mencionaram as figuras parentais constantemente durante seus relatos, o que também pode ser um efeito do título da pesquisa.

Considerando que o eixo temático deste trabalho se encontra justamente na narrativa do adolescente sobre o lugar atribuído aos pais no seu sofrimento, por vezes é utilizada a expressão "narrativa de si" para tratar da fala do jovem, e faz-se importante refletir sobre o que a noção de narrativa representa para a psicanálise. Para isso é fundamental relembrar que, para Freud (1911), a noção de realidade psíquica tem a sua consistência, sua coesão própria, e não se poderia confundir com a "realidade exterior" (Freud, 1911, p. 279), ou "realidade material" (Freud, 1900, 1917, p. 43). Porém, apesar de não representar, necessariamente, a realidade exterior, a expressão da realidade psíquica designa nada menos que aquilo que, no psiquismo, determina a relação do sujeito com o mundo, isto é, o que constitui a condição de possibilidade da experiência, e é a partir desta noção que a pesquisa foi desenvolvida (Baas, 2001).

Sabe-se que, desde os primórdios da psicanálise, a palavra constitui-se como um instrumento importante, uma vez que a própria cura só acontece por meio da fala, quando o sujeito pode contar sua própria história e encontrar sentido para seus próprios conflitos e sofrimentos (Freud, 1905). Neste sentido, Kupermann (2012), baseado na descoberta freudiana sobre a fala, relata os três poderes da palavra: "de quem fala através dos sintomas histéricos; do que se fala quando se expressa o sofrimento psíquico a um terceiro; e a quem, afinal, se dirige nossa busca de sentido" (p. 68).

Kegler e Macedo (2016) compreendem o conceito de narrativa de si como uma possibilidade de o sujeito acessar o conhecimento de si mesmo. Além disso, as autoras apontam que a linguagem é uma oportunidade de construção e reconstrução das vivências, já que, além de transmitir um acontecimento, "a narrativa transforma o acontecimento em experiência" (p.183).

Narrativa pode também ser definida como aquilo que se constrói, se formula e se transmite. Em relação ao uso das narrativas como um instrumento terapêutico para a psicanálise, Freitas (2013) afirma que "contar histórias sempre foi e continua a ser uma forma como as pessoas não apenas expressam suas intencionalidades, afetividades e experiências, como também uma maneira como se perpetuam conceitos, criam-se outros e se constroem novas realidades" (p. 91).

É interessante lembrar aqui que, Freud (1923), em "Dois verbetes de enciclopédia", caracterizou a psicanálise a partir de três eixos fundamentais: como uma forma de tratamento, como uma teoria metapsicológica e como um método de investigação, isto é, de pesquisa. No entanto, diferentemente de outros campos teóricos, na psicanálise esses três aspectos estão sempre relacionados. Dessa maneira, a psicanálise não se restringe a apenas um espaço, mas pode se estender à análise de fenômenos sociais e de vivências do cotidiano.

Nesta direção, essa dissertação configura-se como uma pesquisa psicanalítica (Freud, 1923, 1925; Laplanche, 1992; Herrmann, 2001; Rosa, 2004), em que o material selecionado para estudo foi analisado segundo o método denominado Análise Interpretativa (Erickson, 1997), e desenvolvido a partir de aportes teóricos psicanalíticos, caracterizando o que Freud (1917, 1926a, 1926b) chamou de "psicanálise aplicada". Isto é, na perspectiva freudiana, a teoria psicanalítica não se reduz à prática terapêutica e tampouco à psicologia individual, mas que pode ser extensiva à cultura, à literatura, aos mitos, à arte, à religião, dentre outras áreas do conhecimento. Isto porque o inconsciente está presente em toda manifestação humana, e, deste modo, sua investigação, a pesquisa do psiquismo, não se restringe ao espaço do tratamento psicanalítico (Menezes, 2012; Silva & Menezes, 2018).

É neste sentido que esta pesquisa propõe uma leitura no campo das relações entre pais e filhos adolescentes por meio de entrevistas com jovens e com o auxílio de conceitos psicanalíticos, abrindo possíveis vias de análise de um fenômeno que, sendo reconhecido como complexo, merece devido aprofundamento. Portanto, apesar de esta pesquisa não estar diretamente ligada à prática clínica psicanalítica, uma vez que explora um sofrimento do cotidiano, considera-se que os achados poderão dialogar e trazer contribuições para a clínica, uma vez que a investigação psicanalítica dos fenômenos sociais também oferece subsídios para os outros campos da psicanálise.

2. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O sujeito é obrigado a condenar As identificações passadas. Ele sabe que "não é mais uma criança" Se ele não sabe, não faltará quem lhe lembre Mas ele sabe também que não é um adulto O que lhe lembram ainda mais. (Octave Mannoni, 1996, p. 32)

Do ponto de vista do desenvolvimento humano, a adolescência é definida como um período biológico em que o jovem adquire um corpo adulto e depara-se com a tarefa de reconhecer-se como sujeito a partir desta nova configuração física. Além disso, nesta fase, os pensamentos, as opiniões e as capacidades transformam-se, tornando-se possível pensar abstrata e hipoteticamente, por exemplo (Papalia, 2006). Segunda a Organização Mundial da Saúde (OMS), este estágio é caracterizada socialmente como um tempo que designa uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta - a qual acontece entre os 10 e os 19 anos. Já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define a adolescência como uma faixa etária que ocorre dos 12 aos 18 anos de idade.

Historicamente, a adolescência é um fenômeno relativamente recente, apesar de hoje saber-se que sempre existiu. Macedo, Azevedo e Castan (2010) apontam que, até o século XVIII intitulava-se juventude o período em que o sujeito já não era mais dependente financeira e emocionalmente dos pais. Dessa maneira, as etapas da vida eram divididas em infância, juventude, adultez e velhice. Faz apenas um século que a adolescência passou a ser considerada um grupo social reconhecido, já que, ao longo dos anos, estabeleceu-se uma necessidade de separar os mais jovens dos adultos, e, a partir disso, o termo adolescência foi sendo construído. Nos dias de hoje, essa fase é popularmente conhecida como uma fase da vida marcada pelos primeiros indícios da puberdade, o completo desenvolvimento do corpo e a conquista da independência (Macedo, Azevedo & Castan, 2010).

No entanto, cabe ressaltar aqui que, para a Psicanálise, a adolescência vai muito além das transformações corporais e da conquista da independência. Do ponto de vista psicanalítico, a inegável complexidade deste período demonstra a necessidade de um olhar amplo, que envolva os diversos desdobramentos relativos ao processo de adolescer, considerando a singularidade de cada sujeito. É preciso, assim, compreender as diversas demandas impostas ao jovem, tanto internas quanto externas, para que seja possível abranger o vasto campo de possibilidades com que o sujeito se depara nesta etapa da vida (Macedo, Azevedo & Castan, 2010).

Ainda que Freud não tenha utilizado o termo adolescência no decorrer de sua obra, o autor explorou a fase da puberdade, como no texto "Três Ensaios sobre a Sexualidade" (1905), em que a considera uma transição entre a infância e a vida adulta, a qual acarreta mudanças corporais que possibilitam a genitalidade como um novo destino para a pulsão sexual. O autor afirmou ainda que, nesta fase, iniciam-se as escolhas de objetos exogâmicos – fora do núcleo familiar -, baseadas nas vivências sexuais infantis (Macedo, Azevedo & Castan, 2010; Savietto & Cardoso, 2006).

Além disso, Freud (1905) constatou que durante a latência - período entre o Complexo de Édipo e a puberdade - a criança adia aquilo que retornará logo mais: a busca pelo prazer genital e a revivência do Complexo de Édipo. O autor destacou ainda que o incremento da pulsão sexual, ocorrido na puberdade, demanda a reorganização das pulsões parciais - culminando na escolha objetal definitiva. Porém, é importante ressaltar que o uso que Freud fazia do termo puberdade não se restringia especificamente às transformações fisiológicas, por mais que o autor não discorresse sobre a adolescência propriamente dita, termo incomum na época, ele se referia à puberdade como o segundo momento da sexualidade humana.

Desse modo, e apesar de não haver nos legados freudianos textos específicos sobre a adolescência, é evidente que sua obra trouxe importantes contribuições sobre este período da vida (Macedo, Azevedo & Castan, 2010; Matheus, 2008). Considera-se, então, que Freud (1905), ao destacar as transformações dos fatores biológicos e psíquicos próprios da puberdade, inaugurou um amplo campo de reflexão sobre este assunto tão pouco estudado até então.

Hoje, sabe-se que as transformações físicas da puberdade impulsionam mudanças psíquicas no sujeito. Isto é, a incontrolável maturação física faz com que o sujeito se veja obrigado a abrir mão da condição infantil e a buscar uma nova identidade. Consequentemente, diante de diferentes medos, desejos e sentimentos, o adolescente revisa seu mundo interno e suas vivências infantis, tentando dar conta das mudanças físicas repentinas e do intenso trabalho psíquico que essa fase da vida decreta. Assim, compreende-se que a adolescência vem sempre acompanhada por uma dose de sofrimento psíquico, oriundo de todas as transformações que essa fase impõe ao sujeito. Esse sofrimento, considerado, portanto, como inerente, está relacionado ao que é inseparável e constitutivo nesse processo de adolescer.

É importante salientar que, além da árdua tarefa de elaborar o luto do corpo infantil, o sujeito precisa elaborar o luto dos pais da infância e preparar-se, assim, para investir no futuro, em novos objetos e construir uma nova identidade (Savietto & Cardoso, 2006). Nesta direção, Nasio (2010) define este período como um longo e doloroso processo de luto, no qual o jovem

precisa de um tempo para aceitar e conviver com a ausência definitiva daquilo que ama, mas que, incontrolavelmente, foi perdido. Esta tarefa árdua imposta ao sujeito faz com que, recorrentemente, os adolescentes sintam-se extremamente frágeis, inseguros, impotentes e desamparados (Savietto & Cardoso, 2006).

A adolescência, então, constitui-se também como um período marcado por demandas pulsionais que, por si só, já se configuram como uma violência, visto que surgem como algo imposto. Isto porque o jovem se encontra totalmente passivo diante de transformações incontroláveis que está vivendo (Cardoso, 2006). Além disso, Calligaris (2000) aborda uma diferença importante entre a infância e a adolescência: a primeira parece possuir uma garantia de amor incondicional perante a sociedade, uma vez que as crianças representam o espetáculo da felicidade, a continuidade das gerações, além de serem controláveis e obedientes. Entretanto, com a chegada da puberdade, essas crianças vão ficando cada vez mais parecidas com os adultos, pelo tamanho, pela maturação de seus corpos e pelos interesses que deixam de ser brinquedos e historinhas e transformam-se em sexo e política, por exemplo. Em decorrência disso, Calligaris (2000) aponta que o jovem perde a garantia de amor incondicional perante a sociedade e, em um curto período de tempo já passa a ser tratado como adulto.

Donald Winnicott é um dos mais reconhecidos autores da psicanálise por ter se dedicado à compreensão da adolescência. Em seus escritos, o autor salienta que a busca do adolescente por novas experiências vem acompanhada por uma oscilação entre rebeldia e dependência. Ele sublinha que:

aqueles que cuidam de adolescentes não raro veem-se perplexos com o fato de que esses meninos e meninas, por vezes tão rebeldes, podem também ser, ao mesmo tempo, dependentes a ponto de parecerem crianças e mesmo bebês, manifestando padrões de dependência que talvez remontem aos primeiros meses de vida. (Winnicott, 1961/2013, p. 123)

Posto isso, considera-se que o intenso trabalho psíquico do adolescente remete à leitura que Birman (2014)² faz do mal-estar na contemporaneidade, na qual o autor descreve o sujeito a partir das antíteses sofrimento *versus* dor ou desamparo *versus* desalento. O psicanalista é categórico ao afirmar que o sujeito da atualidade padece de dor, e não de sofrimento, e que esse é seu maior mal. Por um lado, o sofrimento propriamente dito está ligado a uma modalidade de mal-estar que marca a experiência humana desde sempre e que é inerente à vida. Já a dor é interpretada como uma experiência contemporânea em que a subjetividade se fecha sobre si

² Apesar das considerações de Birman (2014), ao longo da dissertação os termos "sofrimento" e "dor" foram considerados sinônimos.

mesma, não sobrando lugar para o outro, isto é, o sujeito se restringe a si mesmo e torna-se incapaz de reconhecer qualquer dimensão alteritária.

Desse modo, pode-se entender que Birman (2014) caracteriza a dor, ou o desalento, como um excesso de sofrimento que inunda o sujeito e o deixa sem abertura para o outro. Já o sofrimento se refere a uma experiência eminentemente alteritária: o outro e o diferente estão sempre presentes para o sujeito, e sofrer significa, necessariamente, ligar-se ao outro. A partir da leitura de Birman (2014), é possível concluir que o sujeito da contemporaneidade padece de solidão e encontra-se preso a uma constante autorreferência, não encontrando a possibilidade de transformar a dor em sofrimento. A grande questão é que sem sofrimento não há transformação, e sem transformação o sujeito fica preso na dor e não se abre para a alteridade que o outro representa.

Essa leitura pode contribuir para pensar sobre a adolescência. Como já mencionado, o sujeito dificilmente passará por essa fase da vida sem uma dose de sofrimento psíquico, uma vez que ele se depara com novos papéis sociais e precisa elaborar o luto dos pais e do corpo da infância. Assim, as diferentes demandas e transformações incontroláveis próprias desta etapa acarretam um sofrimento inexorável a essa fase da vida.

No entanto, algumas situações vividas pelo jovem podem caracterizar um excesso de sofrimento que se soma às problemáticas próprias da adolescência, e considera-se fundamental perceber quando esse sofrimento representa um excesso para o sujeito e se aproxima do que Birman (2014) caracteriza como dor ou desalento. Desse modo, pode-se compreender que a dor descrita pelo autor se relaciona com a hipótese inicial deste trabalho, a qual sugere que o lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente está marcado por um excesso de sofrimento, o qual ultrapassaria o sofrimento inerente esperado nesta fase da vida.

Marty (2006) explora a concepção de "apoio narcísico parental", apontando que no enfrentamento da adolescência, faz-se importante não apenas as capacidades internas do sujeito para lidar com as novas demandas, mas também a necessidade de que os pais sustentem ativamente este processo de adolescer. Nesta direção, Savietto e Cardoso (2006) apontam que, se não houver esta sustentação, "a continuidade do ser não está assegurada no momento em que o remanejo identificatório for exigido, isto é, na adolescência" (Savietto & Cardoso, 2006, p. 21). Ao encontro da mesma ideia, Lerner (2006) identifica a necessidade de uma base sólida para que o adolescente sinta-se seguro, e garante que, ao deparar-se com um solo pouco firme, o jovem encontra dificuldade para constituir-se como sujeito.

Vale ressaltar que o adolescente, na maioria das vezes, tem dificuldades ou não consegue verbalizar o que sente. Nesses momentos, o jovem transfere ao adulto a função de perceber e compreender seus sentimentos e sofrimentos, esperando que esta figura de referência o auxilie na tradução de seu próprio mal-estar. Porém, quando o adulto não ajuda nessa tradução, o adolescente se depara com a impossibilidade de colocar em palavras o que lhe acomete e, nesse cenário, o sofrimento do adolescente pode se manifestar por meio do ato. Então, é fundamental que os pais participem de maneira ativa dos conflitos dos adolescentes, demonstrando a sensibilidade de assimilar as manifestações dos filhos para além da palavra (Nasio, 2010).

Na mesma direção, Kupermann (2007) sublinha as relevantes ideias de Winnicott em relação ao paradoxo que a adolescência representa: o jovem deseja e precisa experenciar a sua rebelião, entretanto, necessita de um ambiente seguro, que o acolha, o proteja e o contenha nessa turbulência. Além disso, Kupermann (2007) define que as patologias mais graves que acometem o adolescente podem estar denunciando um não vivido, que possivelmente decorre da falta de sustentação dessa "revolta" por parte dos pais.

Apesar de todas as dificuldades inerentes ao processo de adolescer, Winnicott (1964/2016) chama a atenção para o fato de que não é possível impedir, encurtar ou retardar esse processo, uma vez que a adolescência é natural e necessária para se chegar à maturidade. A partir dessa reflexão, ele mostra que "de fato, existe somente uma cura real para a adolescência: o amadurecimento. Isso, somado a passagem do tempo, resulta, no final, no surgimento da pessoa adulta" (p. 163). Portanto, o tempo é o remédio natural para a adolescência.

Amparando-se ainda na teorica winnicottiana, reconhece-se que a crise que ocorre neste período é tanto dos filhos, quanto dos pais, que precisam elaborar o luto da infância dos filhos, adaptar-se a uma nova realidade e deparar-se com a sua própria finitude. Dessa maneira, para as figuras parentais, o processo de adolescer dos filhos também pode ser angustiante e confuso, visto que se defrontam com mudanças de papéis, alterações de lugares e processos de separação, além de inevitáveis frustrações resultantes das atitudes e escolhas dos jovens. Portanto, os pais, além de ampararem os filhos adolescentes, também precisam elaborar a perda das crianças para a maturidade (Jordão, 2008).

Os conflitos entre os jovens e as figuras parentais apresentam-se ora latentes, ora patentes, mas sempre presentes. Porém, caso falte para o jovem um ambiente suficientemente bom, esse processo pode trazer diversas complicações. (Mannoni, 1996; Winnicott, 1961). Os

excessos, tema que gerou esta dissertação, estão diretamente ligados ao conceito de pulsão, que para a psicanálise, é entendido como uma força constante presente no psiquismo, ou seja, uma exigência de trabalho³.

Neste sentido, para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se o tema do excesso para caracterizar uma intensificação do sofrimento adolescente, o qual ultrapassa o sofrimento inerente e esperado nesta fase da vida. Acredita-se que os possíveis excessos no ambiente familiar do adolescente podem denunciar-se de diferentes formas, como, por exemplo: pelo uso exagerado da autoridade ou pela ausência total desta, pelas recomendações incessantes ou pelo silêncio (Mannonni, 1996).

Supõe-se, ainda, a existência de outra forma de intensificação do sofrimento adolescente: a maneira como a sociedade contemporânea tem enxergado e tratado essa fase da vida. Nesse sentido, é importante refletir também sobre qual é o lugar que o adolescente ocupa na sociedade atual. Cabe retomar, para isso, a ideia de "crise de identidade" proposta por Erik Erikson (1976) para explicar o momento de incerteza quanto às mudanças vividas pelo adolescente. Apesar de identificar oito estágios psicossociais de desenvolvimento humano, o teórico da Psicologia do Desenvolvimento afirma que é na adolescência que ocorre a integração da identidade psicossocial.

Desta forma, Erikson (1976) formula a ideia de "moratória psicossocial", que corresponde a um período intermediário admitido socialmente, durante o qual o jovem pode encontrar uma posição na sociedade por meio da livre experimentação de funções. O autor afirma que a duração e a intensidade da adolescência variam nas diferentes sociedades, mas em todas elas a ideia de não ter formado a própria identidade ao final desse período produz um profundo sofrimento devido à difusão de papéis.

Neste sentido, Rocha e Garcia (2008) propõem uma leitura da adolescência como um ideal cultural contemporâneo, considerando que, ao longo dos últimos anos, ela ganhou um lugar de destaque na sociedade. As autoras sugerem que esta idealização pode ser um efeito da exacerbada valorização da cultura do consumo e do culto à liberdade, aspectos que seriam próprios dos adolescentes.

Calligaris (2000) chama atenção para o fato de que, desde a década de 80, a adolescência já vem se tornando a maior especialidade do mercado. Dessa forma, com o *marketing* totalmente voltado para as tendências e modas adolescentes, acabou-se provocando também

³ A tensão pulsional é insistente e perturbadora, e por isso é necessário seu escoamento, isto é, o psiquismo precisa trabalhar para encontrar caminhos possíveis de descarga que viabilizem manejar a intensidade da estimulação e alcançar a satisfação (Fortes, 2010).

desejos nos adultos por estes modelos. Nesta direção, Rocha e Garcia (2008, p. 623) afirmam ainda que:

presenciamos a idealização de uma juventude adolescente, de modo que a adolescência hoje ocupa o lugar de ideal cultural, não só pelo fato de levar os sujeitos a quererem permanecer nela como também pelo fato de ditar tendências culturais, mercadológicas e de lazer. Assim, imagens e insígnias adolescentes são objetos mercadológicos vendidos como aquilo que é desejado por todos e são elevados à categoria de modelo identificatório para pessoas pertencentes a diferentes faixas etárias, configurando um estilo que influencia modos de vida e alternativas existenciais.

Diante deste cenário, relembra-se que, no início do século XIX, as palavras "juventude" e "adolescência" estavam fundidas no mesmo conceito, ou seja, "ser jovem" e "ser adolescente" possuíam o mesmo significado - a transição da infância para a idade adulta. Contudo, perante as transformações contemporâneas em relação à adolescência, Birman (2009) reflete sobre a necessidade de separar a ideia de "juventude" da ideia de "adolescência", uma vez que elas já não podem ser consideradas como sinônimos. Isto é, em um cenário de valorização da adolescência, os sujeitos desejam permanecer nesta fase por mais tempo, o que acarreta em um prolongamento deste período da vida na sociedade atual⁴.

De acordo com Calligaris (2000), antes dos anos 80, pensava-se que a rebeldia do adolescente se devia ao fato de ser excluído do mundo adulto, mas atualmente pensa-se que, ao se revoltar, os jovens estariam, de alguma forma, realizando um desejo dos adultos. Quer dizer, além de todas as variantes que tornam a adolescência um ideal contemporâneo, ela traz consigo um aspecto que representa o maior sonho da cultura: o sonho de liberdade. Desse modo, o autor sugere que a rebeldia é o ideal cultural básico do ser humano e que, por esse motivo, as condutas adolescentes têm se tornado objeto de imitação para a sociedade:

Por tentar dispensar a tutela dos adultos, a rebeldia adolescente se torna uma encenação do ideal cultural básico. Por esse motivo, as condutas adolescentes em todas as suas variantes se cristalizam, se fixam e se tornam objetos de imitação. (Calligaris, 2000, p. 57)

Nesta conjuntura, a adolescência foi transformada em um estilo de vida a ser seguido por todas as faixas etárias, o qual é permeado pela valorização da estética, do consumo e da liberdade. O perigo disso encontra-se, principalmente, em uma possível intensificação nas experiências de desamparo próprias dessa faixa etária, uma vez que o adolescente encontra-se, recorrentemente, sem figuras de referências e sem os limites protetivos necessários. Por outro

-

⁴ Apesar das considerações de Birman (2009), esta dissertação utiliza a ideia de adolescência e de juventude como sinônimos.

lado, percebe-se que as famílias também encontram-se desamparadas no que diz respeito à educação dos filhos, uma vez que oscilam entre comportamentos permissivos em excesso ou supridores em excesso, o que denuncia uma dificuldade de colocar e propiciar limites (Cardoso, 2006).

Sobre este cenário, reflete-se que, em 1930, no texto "O mal-estar na civilização", Freud já chamava atenção para o fato de que a ausência de uma figura de autoridade de destaque na sociedade poderia representar um perigo. Assim, como uma sociedade necessita de uma autoridade que transmita segurança e dite as leis, Savietto (2012; 2007) alerta para a importância da função de autoridade das figuras parentais e para o não apagamento das diferenças geracionais, as quais oferecem suporte e segurança aos adolescentes. Destaca-se, portanto, que os adultos deveriam estar servindo como modelos aos jovens, mas, nas circunstâncias atuais, os lugares dos pais e dos filhos encontram-se frequentemente mal definidos.

Por fim, Savietto (2010) define a adolescência como uma "experiência transbordante e apassivadora" (p.17), na qual o sujeito revive a experiência constitutiva de desamparo, precisando se reconhecer em um corpo de um adulto e necessitando de novas referências - que não sejam as figuras parentais - para identificar-se. No entanto, a espetacularização contemporânea do adolescer deixa de fora a reflexão sobre a dor psíquica que essa fase carrega, podendo acarretar um "acréscimo de dificuldade à árdua travessia da adolescência" (Savietto, 2010, p.17; Savietto, 2007).

Portanto, as circunstâncias contemporâneas indicadas apresentam certo potencial traumático na relação entre pais e filhos adolescentes. Por isso, considera-se importante refletir, a partir dos resultados desta pesquisa, se o sofrimento dos adolescentes da contemporaneidade pode estar sendo intensificado por uma idealização da adolescência por parte daqueles que deveriam ser figuras de referência.

3. MÉTODO

3.1 Opção metodológica

O método é formado pelo conjunto de passos sistematizados que auxiliam a chegar aos objetivos de pesquisa. Nesta dissertação, optou-se pelo método de cunho qualitativo e de caráter exploratório. Conforme Nunes (2004), a abordagem qualitativa na condução de uma pesquisa possibilita fazer descobertas, compreender novos significados sobre as questões em estudo e avaliar alternativas. Por outro lado, esse tipo de abordagem mantém a possibilidade de confirmação do que já foi constatado, verificando-se frequentemente esses conhecimentos que nunca podem ser entendidos como prontos (Turato, 2011).

3.2 Procedimentos para a coleta de dados

Após concordar em participar da pesquisa, o participante recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que formalizou sua adesão voluntária à pesquisa. Já o participante menor de 18 anos assinou um Termo de Assentimento, manifestando a concordância em participar do estudo, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por um de seus responsáveis.

Posteriormente agendou-se uma entrevista com cada participante. Todos os encontros foram gravados em áudio, e, posteriormente, transcritos. As entrevistas foram abertas e situadas de acordo com os eixos temáticos estabelecidos, ou seja, foram elaboradas perguntas abertas para que o participante respondesse de forma livre, possibilitando que a pesquisadora explorasse os aspectos que eram mais importantes para a pesquisa. Dessa forma, não houve uma ordem de questões pré-estabelecidas. A entrevista foi conduzida a partir das respostas dos participantes e dos eixos temáticos que guiavam a pesquisadora, que foram:

- História de vida do participante;
- Relação com as figuras parentais;
- Estratégias para lidar com o sofrimento psíquico;
- Experiências significativas da adolescência.

3.3 Procedimentos para a análise de dados

Após gravadas e transcritas, a análise das entrevistas foi realizada através do método de "Análise Interpretativa", proposto por Frederick Erickson (1997). Nesta metodologia, a tarefa do pesquisador é descobrir os diferentes estratos de universalidade e particularidades presentes no caso específico estudado, ou seja, discriminar quais aspectos são universais e podem generalizar-se para outras situações similares e quais são exclusivos do caso em questão. A tese de doutorado de Vera Kude (1995) foi a primeira no Brasil a utilizar essa metodologia e, desde então, algumas pesquisas vêm sendo realizadas e reconhecidas a partir desse método.

Dessa maneira, o método interpretativo possibilita uma generalização lógica e não estatística, permitindo ao pesquisador buscar fatores universais, organizados a partir do estudo detalhado de um caso particular. Esses fatores universais, segundo Erickson (1997), evidenciam-se conforme sua manifestação específica nas experiências das pessoas e não em generalização estatística de uma amostra de uma população inteira.

Neste sentido, o método interpretativo pode ser resumido pelas seguintes etapas (Erickson, 1997):

- Formulação e verificação de asserções que serão elaboradas e apresentadas a partir do estudo do material coletado. Tais asserções poderão variar em amplitude e em níveis de interferência.
- 2) Após isso, o investigador realiza um cuidadoso e profundo estudo do corpus dos dados para testar e retestar as asserções com o objetivo de encontrar provas a favor ou contra as afirmações.
- 3) Posteriormente, há a reformulação das afirmativas quando necessário: sempre que o investigador encontrar discrepâncias nas afirmativas, torna-se indispensável voltar a explorar os dados obtidos na pesquisa. Esse trabalho de buscar a negação das asserções é tão essencial quanto à de formulação.

Por fim, o investigador faz a *redação da análise*, que tem como elementos essenciais os mesmos da análise de dados propriamente dita, relatando tópicos das entrevistas acrescidos de comentários interpretativos. Segundo Kude (1995) existem três tipos de descrições essenciais neste relatório: a descrição particular, a descrição geral e o comentário interpretativo.

A descrição particular é a essência do relatório de pesquisa, uma vez que garante as asserções formuladas, ilustradas pela vinheta narrativa. Erickson (1997) considera que ao escrever o relatório, o pesquisador deve apresentar as citações diretas dos participantes, oferecendo as "provas nas quais se baseiam suas afirmações" (p.272).

Já a *descrição geral* permite a generalização dos achados, evidenciando o quanto é típica ou atípica uma circunstância particular. Para Erickson (1997), a função da descrição geral é "estabelecer a possibilidade de generalizar pautas expostas na descrição particular através de retratos narrativos analíticos e de citações diretas" (p. 277).

Por fim, o *comentário interpretativo* circunscreve a descrição particular e a descrição geral. De acordo com Erickson (1997), o mais importante e difícil é "provar analiticamente o significado dos detalhes concretos informados, e das diversas camadas de significado contidas na narrativa" (p.279).

A apresentação das asserções é ilustrada com vinhetas e fundamentada com comentários interpretativos sustentados na teoria psicanalítica. Isto permite acompanhar o caminho percorrido pelo pesquisador no processo de perceber quais são os detalhes, dentre os vários elementos trazidos no material levantado, que ele considerou proeminentes e os sentidos que lhes atribuiu. Seguiu-se a essa etapa a busca por evidências que confirmassem ou negassem as asserções e, caso necessário, sua reformulação (Kude, 1995).

Dessa forma, foi possível, por meio da análise das falas dos adolescentes, aprofundar a interpretação de uma experiência singular e, assim, pôr em questão o que se julga saber a respeito de um dado fenômeno (Erickson, 1997). Esse método vai ao encontro do pensamento psicanalítico que presta especial atenção aos sentidos ocultos que se apresentam na fala do sujeito, viabilizando, assim, explorar a investigação, além da compreensão do fenômeno. Percebe-se, através do comentário interpretativo associado à teoria construído em cada asserção, a busca pela alternância entre a especificidade de uma fala de um entrevistado com a generalidade do comentário feito pelo pesquisador.

Nesse sentido, o desafio está em alternar o que é específico de uma vinheta com o que é geral do comentário interpretativo. Então, esses comentários interpretativos emolduram a descrição particular dos casos e a descrição geral do fenômeno, fazendo uso da interpretação dos achados e de uma discussão teórica que, nessa pesquisa, será sustentada pelo referencial psicanalítico.

Considera-se, desta forma, que este método vai ao encontro da psicanálise - uma vez que busca fomentar uma investigação aprofundada de um fenômeno - interpretando a singularidade. Por fim, Erickson (1997) salienta o fato de que a interpretação final da pesquisa é extremamente valorizada quando o pesquisador é capaz de demonstrar que seu modo de pensar transformou-se ao longo do trabalho, ou seja, que a hipótese inicial realmente mudou.

3.4 Participantes

Este estudo ocorreu por meio de uma amostra por conveniência, apresentando como participantes quatro adolescentes. Tais participantes foram localizados na cidade de São Paulo, independente do sexo e com idades entre 14 e 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera que a adolescência acontece dos doze anos aos dezessete anos e onze meses. No entanto, considerando uma atual extensão desse período na sociedade e o fato de que os aspectos dessa fase da vida não se encerram ao completar-se dezoito anos, foram entrevistados jovens de até dezenove anos. A escolha dos participantes se deu pela técnica denominada Bola de Neve (Turato, 2011), a qual se constitui a partir da identificação de um primeiro participante, que indica o segundo e, assim, sucessitivamente.

3.5 Caracterização dos participantes

A partir de informações coletadas nas entrevistas, foram elaborados pequenos resumos com a caracterização dos quatro participantes da pesquisa, considerando que os mesmos podem ajudar a entender o contexto de cada jovem e, consequentemente, compreender melhor os trechos das entrevistas que serão apresentados posteriormente nos resultados.

Sara, 16 anos, nasceu e reside na cidade de São Paulo e estudou durante toda a sua vida nos melhores colégios particulares da cidade. Desde a separação de seus pais, quando tinha doze anos, mora com a mãe e com o irmão mais novo. Apenas no final da entrevista, relatou que os seus pais haviam se separado, sendo este o único momento em que chorou - demostrando que o divórcio ainda a incomoda bastante. Culpa a madrasta pelo fim do casamento dos pais e faz fortes críticas a ela. Na ocasião da entrevista, a jovem havia voltando há dois meses de um intercâmbio de um ano no Canadá. Na maior parte do tempo, falou sobre a sua intensa vontade de ir embora novamente e relatou ainda que todos os seus planos atuais têm como único objetivo morar em outro país assim que finalizar o Ensino Médio. Quando questionada, demonstrou dificuldade de falar sobre o motivo desse desejo tão intenso de "ir embora, começar tudo de novo" (sic), porém, no final de seu relato, contou que essa vontade surgiu logo após a separação dos pais, já que, nesse período, a mãe mostrou-se muito frágil e a jovem se viu sozinha para lidar com muitas mudanças. Sara contou, ainda, que durante seu intercâmbio começou a usar maconha e que, recentemente, a mãe viu uma mensagem em seu celular e descobriu este fato.

Breno, 19 anos, filho único, nasceu em São Paulo e reside apenas com a mãe desde a separação dos pais – que aconteceu quando o jovem tinha 13 anos. Sempre estudou em colégios particulares da cidade, apesar de a família não possuir uma vida financeira estável. O jovem tem uma relação difícil com a mãe, sendo que em uma das brigas mais sérias entre os dois, ele precisou se mudar para a casa do pai, em outro estado, por seis meses. Quando questionado sobre o motivo dessa briga, o adolescente refere-se que não lembra. O pai mora com a atual esposa em Curitiba, cidade onde a conheceu durante uma viagem a trabalho. Essa madrasta foi, inicialmente, amante do pai de Breno. Na época da traição, o adolescente ficou sabendo do caso antes mesmo da mãe, uma vez que o pai resolveu lhe contar e apresentar a nova companheira antes mesmo de separar-se. O jovem relatou, ainda, um episódio em que todos acharam que ele queria se matar, mas ele referiu que "só queria ficar em coma para não sentir nada" (sic). Depois dessa ocasião, foi internado e diagnosticado com bipolaridade. Breno relata que, atualmente, uma das coisas que mais gosta de fazer é se fantasiar de personagens, e que seus preferidos são: "Luigi" do jogo "SuperMario", porque lembra sua infância e "Jaison", o assassino do filme "Sexta-Feira 13".

Arthur, 19 anos, vive com a mãe, o padrasto e o meio-irmão em São Paulo e sempre estudou em colégios públicos devido às dificuldades financeiras familiares. Os pais se separaram quando ele tinha 12 anos, sendo que o pai é descrito como ausente pelo jovem. Sobre o casamento dos pais, conta da dificuldade de presenciar as inúmeras brigas entre eles, relatando que o pai, alcoólatra, agredia a mãe diariamente. Logo após a separação, a mãe se casou com o padrasto, que também é alcoólatra, agressivo com a esposa e viciado em jogos. O adolescente relata que o padrasto sempre o menosprezou e a mãe não o defendia. Sobre o colégio, Arthur refere que não tinha amigos e sofria *bullying* - o que o motivou a começar a treinar lutas com o intuito de se defender. Nesta época começou a usar maconha, cocaína e LSD, mas resolveu parar para seguir o seu sonho de ter um trabalho, uma família e uma vida normal. Dessa forma, apesar de todas adversidades, o adolescente se diz muito focado em estudar e ter uma vida digna.

Letícia, 18 anos, morou durante quase toda a sua vida com a avó materna, a qual é considerada pela jovem como mãe. Quando nasceu, seu pai foi embora e nunca mais voltou, e, além disso, a mãe começou a rejeitá-la. Demonstra uma fala desorganizada, confusa e com partes incongruentes. Sempre estudou em colégios públicos e teve que parar de frequentar a escola aos quinze anos, já que precisou trabalhar e ajudar em casa. Aos quatorze anos, a mãe tirou a guarda da menina da avó. Portanto, Letícia passou a morar com a mãe, o padrasto e dois

irmãos por parte de mãe A jovem conta que o padrasto era agressivo, não trabalhava e a chamava de "prostituta e drogada". No entanto, relata nunca ter se envolvido com drogas e só ter tido um namorado. Em uma discussão com o padrasto, jogou uma panela de pressão na cabeça do mesmo, e, em outra situação, cortou ele com um pedaço de vidro. Cansada de brigas, Letícia diz que pediu para a mãe escolher entre ela ou o padrasto, e a mulher escolheu o marido. Depois disso, voltou a morar com a avó. Relatou, também, um episódio em que foi visitar a tia na praia, e foi acusada, injustamente, de roubar uma roupa da prima. Sobre essa acusação, Letícia contou que, na hora de ir embora, foi humilhada pela tia e chamada de ladra e, quando relatou este acontecimento para mãe, ela não acreditou.

Sobre os participantes, é importante ressaltar a diversidade em relação à renda. Apesar de não ter sido aplicada uma ficha de dados pessoais e sociodemográficos que comprovasse as diferenças sociais entre os jovens, foi possível perceber, a partir das narrativas, que eles pertenciam a diferentes classes sociais. Isso ressalta que o sofrimento não se restringe a determinadas configurações familiares de baixa renda, por exemplo. Assim, a pesquisa tem uma abrangência importante nesse aspecto, pois coloca em questão o tema da pesquisa nas diferentes classes sociais.

3.6 Considerações éticas

O projeto de mestrado foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em dezembro de 2017 (CAEE 79533717.3.0000.5561, nº do parecer 2.448.199), seguindo todas as exigências da regulamentação de pesquisas com seres humanos (Anexo A). Após essa aprovação, como já relatado, as entrevistas foram realizadas, sendo gravadas em áudio, transcritas e analisadas.

No decorrer do processo, houve o cuidado para que o trabalho fosse suspenso caso se observasse sintomas que denunciassem a mobilização afetiva excessiva que poderia vir a comprometer o andamento das entrevistas, e, principalmente, o bem-estar psíquico do participante. Além disso, caso se percebesse um intenso sofrimento no jovem, havia a possibilidade de marcar-se mais alguns encontros com o adolescente, objetivando proporcionar um maior espaço de cuidado e escuta.

Cabe ressaltar, ainda, que, no decorrer do processo, se fosse constatada a necessidade de acompanhamento psicológico, os entrevistados poderiam ser encaminhados para uma clínica psicológica que oferecesse atendimento à população em geral. E, se fosse verificada essa

necessidade de acompanhamento psicológico, os responsáveis pelo adolescente também seriam informados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: APRESENTAÇÃO DAS ASSERÇÕES

Após a transcrição das entrevistas e a análise do material obtido, foram formuladas três asserções que proporcionaram uma compreensão mais aprofundada sobre o lugar que os jovens atribuem aos pais no seu sofrimento psíquico e sobre as estratégias de enfrentamento da dor psíquica adotadas por estes adolescentes. O termo "asserção", utilizado por Erickson (1997) para explicar o método da Análise Interpretativa, pode ser compreendido como uma afirmação categórica que enuncia o resultado ou um dos resultados da pesquisa.

Neste sentido, a primeira asserção foi assim denominada: "A confusão de línguas entre adolescentes e seus pais *versus* conflitos geracionais". Ela propõe uma inovação teórica que aponta para o conceito ferecnziano de "confusão de línguas" como mais uma ferramenta de leitura da complexidade da adolescência no mundo contemporâneo, além de contrapor essa confusão com os conflitos geracionais entre pais e filhos.

A segunda asserção recebeu a seguinte denominação: "A carência de relações significativas entre pares na adolescência", e abordou conteúdos inesperados que surgiram nas entrevistas - mas que também estão relacionados à primeira asserção.

E a terceira asserção foi intitulada: "O corpo como campo de batalha diante de uma dor psíquica não legitimada", e explorou os usos que o jovem faz do seu corpo para tentar aliviar seu sofrimento diante da frequente falta de legitimação por parte das figuras parentais.

Desse modo, a seguir, serão apresentadas as três asserções, as quais foram desenvolvidas à luz da teoria psicanalítica e ilustradas por meio de vinhetas das entrevistas realizadas. Ou seja, dentro de cada asserção, serão discutidos aspectos teóricos que colaboram para a reflexão da pesquisa e, entrelaçado a isso, alguns trechos das entrevistas serão expostos, seguidos de interpretações ou comentários.

Salienta-se o fato de que serão apresentadas apenas algumas vinhetas consideradas importantes, e não a entrevista na íntegra. No final de cada relato constará o nome fictício e a idade do participante para auxiliar o leitor a identificar cada adolescente. Por fim, é fundamental ressaltar que todo o material apresentado representa a ótica do jovem sobre as relações e os acontecimentos vividos por ele, e não pretende culpabilizar o adulto, mas compreender o sofrimento a partir do ponto de vista do adolescente.

4.1 Primeira asserção: "A confusão de línguas entre adolescentes e seus pais *versus* conflitos geracionais"

Confusão de línguas é alterar o que está sendo dito, por quem está sendo dito e de que forma está sendo dito (Kupermann, 2019)

Essa asserção propõe uma releitura do conceito ferencziano de "confusão de línguas" no contexto da adolescência, com o intuito de aprofundar o entendimento da dinâmica entre os adolescentes e seus pais. Esta releitura se coloca como uma proposta teórica, tendo surgido a partir da escuta das entrevistas e da rememoração dessa noção ferencziana. Assim, ao longo da asserção, apresenta-se uma reflexão sobre o atravessamento da confusão de línguas nas relações entre adultos e adolescentes e o consequente sofrimento psíquico acarretado ao jovem. Além disso, é realizada uma contraposição entre o conceito de conflito geracional e de confusão de línguas.

Neste sentido, no âmbito desta asserção, foram observados importantes elementos que circundam essa tématica, e estes se transformaram nos subtítulos indicados a seguir.

4.1.1 O descuido à assimetria

Primordialmente, é pertinente contextualizar que na época em que Ferenczi propôs as conceitualizações de confusão de línguas e de trauma patogênico, Sigmund Freud já havia percorrido um longo caminho pela Psicanálise. Inicialmente, a partir de seus estudos teóricos e de sua prática clínica, Freud (1896) havia desenvolvido a Teoria da Sedução, a qual atribuía a origem do trauma a um evento real provocado por um agente externo e afirmava que esta experiência seria a responsável por muitos sintomas neuróticos presentes nas histéricas da época. Vale lembrar que, na ocasião dessa teorização, Freud (1896) preconizava o caráter bifásico da sexualidade, isto é, considerava que a criança não tinha sexualidade, e que, portanto, as marcas de um abuso eram recalcadas e ressurgiam apenas na puberdade, quando o sexual já podia fazer sentido.

Porém, mais tarde, com o surgimento da sexualidade infantil em sua obra, Freud (1897) abandonou definitivamente a Teoria da Sedução, negando, assim, que a origem dos acontecimentos traumáticos derivava de um agente externo provocador. O autor passou a considerar, então, que os relatos de abusos se tratavam, frequentemente, de fantasias sexuais infantis relacionadas ao Complexo de Édipo (Laplanche & Pontalis, 1970).

Dessa forma, na década de 30, na qual Sándor Ferenczi apresenta seus principais textos, o autor não está mais restrito à concepção do século XIX sobre a falta de sexualidade na infância, pelo contrário, o fato de que a criança tem sexualidade já era algo digerido pelo campo psicanalítico da época. Contudo, Ferenczi (1933) ressalta que isto não significa que a sexualidade da criança é igual à do adulto e salienta que existe uma dissimetria⁵, uma diferença, inclusive no emprego da linguagem utilizada por ambos - distinção esta que deve ser percebida e respeitada pelo adulto.

Então, na contramão do pensamento freudiano vigente na época, Ferenczi (1933) abre seu texto "Confusão de línguas entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)" ressaltando a importância do fator traumático real e justificando que o mesmo estava sendo injustamente negligenciado nos últimos tempos. Por isso, o autor acaba se afastando da teoria freudiana, que na época relacionava o trauma às expressões de fantasias edipianas, e justifica, a partir de sua vivência clínica, a hipótese de que "nunca é demais insistir sobre a importância do traumatismo, e, especialmente, do traumatismo sexual como fator patogênico" (Ferenczi, 1933/2011a, p.116).

Nesta direção, o psicanalista relatou que "até mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis são, com mais frequência do que se ousa pensar, vítimas de violências e de estupros" (p.116). Por essa razão, para Ferenczi (1933), a ideia freudiana de que tais acontecimentos correspondiam a fantasias edipianas, infelizmente, perde sua força, em consequência do número considerável de pacientes em análise que confessaram ter mantido relações sexuais com crianças.

Baseado nestas constatações é que foi desenvolvido o polêmico texto ferencziano que aponta para a existência de uma confusão entre as linguagens da criança e do adulto em diferentes âmbitos da vida. Esta noção diz respeito ao fato de que a criança e o adulto comunicam-se fazendo uso de "línguas" diferentes, isto é, enquanto a criança se comunica a partir da linguagem da ternura, o adulto já está marcado pela linguagem da paixão, sendo que a primeira se refere à linguagem lúdica, evocativa, constitutiva de si e do mundo, e a segunda como uma linguagem dominadora, que supostamente portaria uma verdade - ou a verdade (Ferenczi, 1933; Kupermann, 2019⁶).

-

⁵ Ao longo dos resultados utiliza-se, frequentemente, as expressões "dissimetria" e "assimetria", as quais são sinônimos, para se referir a uma desproporção e uma diferença entre a posição do adulto e do adolescente.

⁶ No prelo.

Ainda que o texto de 1933 trate, principalmente, sobre a relação entre adultos e crianças, em determinado momento, Ferenczi utiliza como exemplos de confusão de línguas a prática de atos sexuais impostos ou o caso de uma mulher adulta, que já atingiu a maturidade, mas que se relaciona sexualmente com um adolescente - usando como ilustração a situação de uma governanta de família nobre que mantinha uma vida conjugal com adolescentes deste núcleo familiar.

Posto isto, é sugestivo considerar que a criança descrita por Ferenczi (1933) não está relacionada apenas com determinada idade cronológica, mas sim com um sujeito que se encontra em estado de vulnerabilidade, e que, então, a linguagem da ternura se mostra como um convite à relação de cuidado - o que, obviamente, não se restringe à infância (Kupermann, 2019). Desse modo, constata-se que a confusão de línguas não ocorre apenas entre crianças e adultos, e foi com base nesses fundamentos que esta asserção foi pensada e desenvolvida.

Além disso, imagina-se que, se o psicanalista Sandór Ferenczi tivesse vivido por mais tempo, provavelmente essa teorização teria sido mais aprofundada e desenvolvida pelo autor, uma vez que o primeiro e único texto sobre a confusão de línguas foi publicado no ano de sua morte - 1933. Aliás, os cinco textos⁷ mais importantes da obra ferencziana foram apresentados nos últimos cinco anos da vida do psicanalista, e todos estão relacionados, de alguma maneira, com a confusão de línguas e com o trauma patogênico. Pode-se presumir, assim, que, em outras circunstâncias, talvez a confusão de línguas entre adultos e adolescentes teria sido, teoricamente, aprofundada pelo autor.

Propõe-se, a partir dessa reflexão, que a linguagem da ternura não se refere somente à criança, mas também ao adolescente - apesar de neste possuir outras nuances. Deste modo, considera-se que este tipo de linguagem se relaciona intimamente com o lúdico, com o desejo de cuidado e com a constituição de sentido, então, na juventude, corresponde à atenção e ao zelo que se espera dos adultos e com as experimentações próprias da adolescência.

Isto é, da mesma maneira que a criança brinca lançando mão de fantasias e jogos, o adolescente experimenta diferentes formas de ser em distintos grupos sociais e vai construindo a sua identidade a partir destas experiências. Essa ideia também vai ao encontro do pensamento winnicottiano citado no levantamento bibliográfico, o qual considera que, na adolescência, a busca por novas experiências vem acompanhada por uma oscilação entre rebeldia e dependência. Nesta direção, Winnicott (Winnicott, 1961/2013) salienta que "esses meninos e

-

⁷ "Elasticidade da técnica" (1928), "A adaptação da família à criança" (1928), "A criança mal acolhida e sua pulsão de morte" (1929), "Análises de crianças com adultos" (1931) e "Confusão de língua entre os adultos e a criança" (1933/2011a).

meninas, por vezes tão rebeldes, podem também ser, ao mesmo tempo, dependentes a ponto de parecerem crianças e mesmo bebês, manifestando padrões de dependência que talvez remontem aos primeiros meses de vida" (p. 123).

Desse modo, pensa-se que esses comportamentos adolescentes estão associados à linguagem da ternura, já que reportam ao desejo de ser cuidado e as experimentações da adolescência. Sendo assim, a confusão de línguas sobre a qual se reflete nesta asserção está relacionada a um descuido à assimetria que deveria existir entre o adulto e o adolescente, isto é: o adulto comete um descuido à assimetria quando não ocupa o seu devido lugar e trata o adolescente como um par, ou quando se comporta como alguém mais frágil e mais imaturo do que o próprio jovem, esperando do adolescente uma postura que ainda não lhe compete. A confusão de línguas pode ser manifestada, também, por uma passagem ao ato muito rápida por parte do adulto, uma punição imediata ao jovem e pela atitude dos pais de humilhar os adolescentes.

Para Ferenczi (1934), nesta violação à diferença que deveria estar sendo respeitada, poderá desenvolver-se a origem do trauma, marcado por um excesso pulsional intolerável ao psiquismo – posteriormente esta noção será aprofundada. Desse modo, destaca-se que a relação entre um adolescente e um adulto deveria ser assimétrica, com pesos desiguais sobre as responsabilidades de cada um, uma vez que as obrigações são de teores distintos. Entretanto, percebeu-se que nem sempre essa diferença é respeitada, e esse descuido poderá ser observado no discurso dos participantes que serão mostrados a seguir.

Posto isso, nunca é demais recordar que não se trata de culpar o adulto pelo sofrimento do jovem, mas sim de mostrar que as relações entre os adolescentes e os adultos estão marcadas por um confronto entre duas línguas de teores distintos. Sabe-se que as relações, por si só, são complexas, uma vez que cada sujeito tem uma história de vida e motivos para agir de determinada maneira. No entanto, como a pesquisa se debruça sobre o sofrimento do adolescente, baseia-se na perspectiva do jovem para interpretar a sua dor psíquica.

É pertinente lembrar da ênfase dada por Ferenczi (1933) ao fenômeno da progressão traumática ou prematuração – que dizem respeito a um amadurecimento precoce na vida do sujeito – como sendo uma das possíveis reações frente à confusão de línguas. Segundo o autor, quando ocorre um grave abandono ou uma grande aflição na vida da criança, há um despertar de capacidades que só deveriam se manifestar na idade adulta (Kupermann, 2006). Para refletir sobre essa questão, Ferenczi lança mão de uma interessante metáfora: "Pensa-se nos frutos que

ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado" (Ferenczi, 1933/2011a, p. 119).

Nesta pesquisa, de um modo geral, percebeu-se que a confusão de línguas é, recorrentemente, manifestada por uma troca de papéis, isto é, o adolescente precisando cuidar do adulto ou o adulto comportando-se como um adolescente, esperando do filho uma postura que não é própria desta fase da vida. Pensa-se que essas situações de inversão das posições de cuidado trazem à tona a questão da progressão traumática, já que evidenciam um contexto em que o adolescente é obrigado a tornar-se responsável precocemente.

A narrativa de Breno, exposta a seguir, conta sobre um acontecimento em que a diferença entre o adulto e o adolescente parece se esvair de forma a provocar intenso sofrimento:

"Eu tinha 13 anos, meu pai foi sair a trabalho, mas eles [pai e mãe] ainda não tinham se separado, né, nessa época. Daí ele saiu a trabalho, a gente continuou se falando normal, relação normal de pai e filho, daí depois de um ano ele ficou com a amante dele, ele achou uma mulher lá em Curitiba, que é a atual esposa dele, e eles se conheceram e tal. Ele chegou a me apresentar ela sem a minha mãe saber, e eu fiquei pensando 'será que eu conto para minha mãe, será que eu não conto? '. Eu era muito novo pra entender essa situação e eu não entendia. Ele quis me apresentar ela sem a minha mãe saber. E daí eu não sabia o que fazer" (Breno, 19 anos)

Esta vinheta atesta o descaso desse pai ao contar para o filho, que na época tinha apenas 13 anos, que estava traindo a esposa, como se fossem amigos da mesma idade e como se não houvesse uma diferença entre o momento de vida de cada um. Nessa situação, a confusão de línguas pode ser interpretada de duas formas: o pai agindo como um adolescente e equiparandose ao filho ou o pai tratando o filho como um amigo, adulto, deixando de lado a assimetria que deveria existir entre os dois.

Ademais, é perceptível que este pai não leva em consideração que estava traindo a própria mãe do jovem, e que este fato acarretaria em um intenso sofrimento ao filho. Ao invés de preservá-lo dessa situação, o adulto procurou estabelecer uma aliança negativa com o menino, tentando fazer com que o filho fosse cúmplice deste caso. Fica perceptível, desse modo, que o pai não considerou as difíceis reflexões e dilemas pelos quais o jovem passaria ao saber dessa situação.

Na direção deste confronto entre duas línguas, Ferenczi (1933) lança mão de ilustrações que ajudam a compreender esse conceito. No caso de um abuso sexual, por exemplo, o adulto, já atravessado pelos desejos de alguém que atingiu a maturidade, confunde as fantasias da criança com os seus desejos, próprios de uma pessoa adulta. As seduções incestuosas, segundo Ferenczi (1933/2011a), produzem-se habitualmente assim: "um adulto e uma criança amam-se" (p. 116), nessa relação a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto - este jogo pode assumir uma forma erótica, mas sempre no nível da ternura.

Contudo, adultos que possuem tendências psicopatológicas não são capazes de diferenciar a ternura infantil do amor sensual e acabam "deixando-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências" (Ferenczi 1933/2011a, p. 116). Nestes casos, não se considera o fato de que, por mais que uma brincadeira assuma uma forma erótica, a criança está sempre atravessada pela fantasia e pela ternura e não deseja, em hipótese alguma, que suas fantasias se tornem realidade (Osmo & Kupermann, 2012).

Convém sublinhar que, por mais que Ferenczi priorize o exemplo do abuso sexual para explicar a origem da experiência traumática, o autor aborda também outras modalidades de confusão de línguas potencialmente traumáticas, como a punição passional. Para explicar essa ideia, o psicanalista utiliza como ilustração o caso de uma criança, que comete um delito sem intenção, uma vez que ainda não tem dimensão da gravidade de suas ações, e o adulto a pune com um castigo exagerado (Ferenczi, 1933). No relato de Breno, de 19 anos, observa-se um tipo de punição passional da mãe em relação ao filho:

"... teve algumas brigas com a minha mãe que ela me agrediu. Tipo: teve uma vez que minha mãe veio querer me acordar 5h da manhã nas férias pra levar o lixo na rua, e eu disse que não ia. Daí ela pegou um cabo de vassoura e bateu muito em mim. Às vezes eu conseguia segurar ela e empurrar, e conta como uma agressão, mas eu considero uma defesa. Mas não é algo que eu goste, eu sempre fico triste quando preciso fazer isso. Porque essas brigas físicas sempre acontecem por coisas pequenas, por exemplo por eu não lavar a louça, não arrumar o quarto, e isso acabava deixando ela brava. Eu ficava irritado, daí partia pra xingamento verbal, até que os dois se irritavam, daí ela pegava algo e vinha pra cima de mim me bater, com tudo. E eu tentava imobilizar ela. E depois eu normalmente me trancava no meu quarto pra não bater nela. " (Breno, 19 anos)

Na confissão acima, o adolescente é castigado de forma excessiva por abster-se das tarefas domésticas, deixando evidente o descontrole dessa mãe ao agredir o filho por tais motivos. Isso não tira a responsabilidade de Breno, que na adolescência já poderia ajudar nos afazeres da casa, mas salienta a atitude negativa da mãe ao violentar o jovem dessa maneira.

Além do exemplo do abuso sexual e da punição passional, Ferenczi (1933/2011a) citou ainda uma terceira forma de ilustrar a confusão de línguas: é o terrorismo do sofrimento e referese às "crianças que são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família" (p. 120) — o que caracteriza uma inversão nas práticas do cuidado, já que a criança se responsabiliza pelo adulto que deveria acolhê-la e cuidá-la. A seguir, apresenta-se um trecho da entrevista da jovem Letícia, de 18 anos, no qual a troca de papéis se manifesta em diferentes momentos da sua adolescência:

"Enquanto criança, morava com a minha avó. Depois fui morar com a minha mãe, eu tinha 13 anos. Quando eu morei com minha mãe, meu padrasto e meus irmãos, eu que fazia as coisas de casa. Fazia comida, lavava roupa... E meu padrasto, quando minha mãe chegava, ele brigava porque não queria que minha mãe trabalhasse. E todo final de semana, de sexta a domingo, pode contar que era briga... então, ele tem até hoje um corte no braço, que eu fiz com um pedaço de vidro, porque eu fiquei muito brava de ver aquilo ali. Como eu defendia a minha mãe, eu apanhava. Eu levava soco no nariz, soco na cabeça, ele me derrubava no chão. Ai, foi quando eu falei pra minha mãe, ou ela escolhia eu, ou ela escolhia ele. E nós morava num barraco... eu assim, eu agradeço a Deus por tudo, por causa que é uma fase da nossa vida, nós tem que aprender, né? Viver e aprender. Então, nós morava num barraco que eu chamava de casa de lençol, porque todos os lençóis que a minha mãe ganhava a gente colocava na parede por causa que era sempre um buraco que tinha. Mas quando eu pedi pra ela escolher entre eu e meus irmãos ou ele e ela escolheu ele [padrasto], eu fui morar com a minha avó lá em Osasco. E quando eu fui morar lá, ela começou a ficar doente e ninguém sabia o que era. E eu fiquei 1 ano e 8 meses sem estudar porque eu não largava dela pra nada. Ela tinha que fazer uma cirurgia, mas chegou na hora e ela não conseguiu, porque o peso não permitiu que ela fizesse a cirurgia. Eu ia pro hospital com meus trabalhos de escola, fazia tudo no hospital. E ela tá mal até hoje, e mesmo meu pensamento estando na escola, na verdade eu tô preocupada com ela. " (Letícia, 18 anos)

O discurso desta adolescente denunciou uma total inversão nas práticas de cuidados em diferentes sentidos. Como informado na caracterização dos participantes, Letícia foi abandonada pelo pai biológico e rejeitada pela mãe assim que nasceu e, por esta razão, morou com a avó materna durante sua infância. No início da adolescência da menina, a mãe exigiu que a filha morasse com ela, com o novo companheiro e com os meios irmãos. No entanto, a jovem, mais velha entre os filhos, passou a ser responsável pelas tarefas domésticas, pelos cuidados com os irmãos, além de ser violentada pelo padrasto e tentar proteger a mãe das agressões do marido. Quando sentiu a situação intolerável e pediu para que a mãe escolhesse entre ela ou o padrasto, se viu mais uma vez preterida, já que a mãe preferiu o marido.

Diante do novo abandono, Letícia voltou a morar com a avó, na esperança de ser cuidada. Porém, precisou deixar de ir à escola para tomar conta da avó, que estava doente. Todos esses fatores demonstram a falta de uma figura de referência que acolhesse e cuidasse da jovem, pensando em suas necessidades de desenvolvimento. Isso não significa que ela não poderia ajudar os irmãos, a avó e possuir afazeres domésticos, porém essas não deveriam ser as principais funções de uma adolescente, que na época desses acontecimentos tinha entre 15 e 18 anos. Portanto, amparando-se na teorização ferencziana, pode-se imaginar que a confusão de línguas, neste caso, ocorreu por meio do terrorismo do sofrimento, que obrigou Letícia a carregar sobre seus ombros o fardo de todos os outros membros da família (Ferenczi, 1933).

Em contrapartida, é válido salientar que, talvez, outro jovem pudesse passar pelas mesmas situações que Letícia, por exemplo, mas não sentir angústia diante desse contexto e, neste caso, a experiência não se configuraria como traumática. Ao encontro dessa constatação, Perón (2007) sugere que:

considerar o trauma como consequência do impacto da realidade externa ou como consequência de fatores psíquicos empobrece a compreensão da situação colocada. É preciso levar em conta tanto a importância do fato real, e assim não desmentir o sujeito e não incrementar sua culpa e estagnação, quanto a significação singular que um determinado indivíduo atribui ao fato (p. 24).

Entretanto, baseando-se na contratransferência da pesquisadora durante a escuta dos participantes, os casos interpretados como confusão de línguas foram percebidos como causadores de intenso sofrimento aos jovens. Nesta direção, o seguinte relato de Arthur,

também indica uma responsabilização inadequada por outros membros da família, além de uma desvalorização do jovem diante das figuras parentais:

"Era muito conturbado porque tudo que acontecia era culpa minha. O filho mais novo do meu padrasto tinha um problema na cabeça, ele bateu a cabeça uma vez e tem vários pontos na cabeça, e é perigoso abrir né, até hoje. E daí teve um dia que eles [os dois irmãos] brigaram e eu tava jogando vídeo game. E eu não vou fazer nada, porque se eu entrar na briga eu vou apanhar também. E aí eu deixei eles brigando lá. E aí um bateu a cabeça na pia e o outro machucou a mão. Daí meu padrasto chegou em casa e falou que era culpa minha, que os dois tavam brigando, que, não sei o quê, e que eu machuquei o mais novo e eu fiquei "meu, mas eu não fiz nada!". E assim, parece que ele me odeia e sempre quis me diminuir. Teve uma vez que era Páscoa, a gente foi no mercado comprar ovos de páscoa e a gente chegou no mercado e ele comprou dois ovos grandes pra cada filho dele e ai ele chegou no caixa do supermercado e comprou um bombom. E aí os filhos dele vieram todo felizes no carro com os dois ovos, e aí ele falou "ó, comprei pra você" e me deu um bombom. "(Arthur, 19 anos)

A fala de Arthur revela que o padrasto espera do enteado uma responsabilização pelos seus próprios filhos - que tem a mesma idade do jovem. Além disso, o padrasto parece fazer questão de diminuir a importância do enteado diante da família, tratando Arthur com evidente hostilidade. Perante esses comportamentos, questiona-se ainda o lugar da mãe nessas situações, a qual deveria defender o seu filho, mas que parece não o fazer.

Sendo assim, nesses casos marcados por violências de diferentes ordens, "há um confronto entre duas línguas que teriam qualidades distintas, uma confusão promovida devido a uma dissimetria entre o mundo do adulto e o mundo das crianças" (Osmo & Kupermann 2012, p. 331). A mesma dinâmica acontece na adolescência, evidenciada pela presença de um confronto entre duas línguas, entre dois lugares, promovida pelas diferenças entre o adolescente e o adulto que, frequentemente, não são respeitadas.

Apesar de Ferenczi (1933) ter utilizado o abuso sexual, a punição passional e o terrorismo do sofrimento para explicar e ilustrar a confusão de línguas, é fundamental salientar que a mesma não se restringe apenas a essas modalidades de acontecimentos. Nos trechos que serão apresentados abaixo, o encontro confuso entre duas línguas manifesta-se de maneiras distintas na relação dos participantes com as figuras parentais.

Nota-se, na história de vida de Arthur, que a confusão de línguas entre o jovem e as figuras parentais provoca intenso sofrimento para o adolescente e parece obrigá-lo a assumir uma postura de adulto precocemente:

"Mas meu padrasto, ele não honra a família, ele é aquele tipo de pessoa que tem 45 anos, por aí, mas ele parece um menino de 18, só quer zoar. É complicado isso, porque a gente trabalha com obra grande dentro da serralheria, ele fechou um mezanino pra fazer de 300m², ele fechou o mezanino em mais ou menos 300 mil reais. Ele fez o trabalho, terminou o trabalho, recebeu, tirou dinheiro de funcionário, material, e era pra ter sobrado em torno de 50 mil. E ele só fecha trabalho assim, o mais barato que ele fechou agora foi de 30 mil. E assim, cadê o dinheiro? Não vejo dinheiro. É complicado, porque a serralheria tá desse tamanho, já tá com nome lá na rua, já faz um ano. Já tá com nome muito grande lá na rua, tá com esse peso aí já. E é complicado porque a gente não vê dinheiro, a gente mora de aluguel, falta bastante coisa, às vezes, e não vê dinheiro. Então, é a zoeira. Porque assim, antigamente ele era usuário, ele usava mais. Hoje ele só fuma maconha, fuma muito por sinal. Mas ele também, por noite, ele gasta no bar que ele vai com os amigos, toda noite, ele gasta 300, 400 reais. 300, 400 reais por dia, se você for colocar aí, pra fazer o cálculo, dá mais de 2 mil por mês. Então é complicado. E é ruim, porque cada coisa que ele faz, é um a menos na nossa vida. Sabe? Porque o cara, ele ganha dinheiro, eu não sei o que ele faz com o dinheiro, era pra gente tá numa vida boa, era pra gente estar estabilizado, bem certinho, cada um fazendo o seu, mas não. É praticamente um atraso de vida. " (Arthur, 19 anos)

Observa-se, a partir do relato, que o jovem enxerga o padrasto como um "moleque de 18 anos que só quer zoar", ou seja, aparentemente, o adulto age como um adolescente mais novo que o próprio Arthur, esquecendo-se das responsabilidades que deveria ter e comportando-se de forma inconsequente. O mesmo participante, nos trechos a seguir, continua narrando as suas difíceis experiências:

"A relação com a minha mãe é assim meio complicada porque ela quer me encher de coisa e é complicado porque eu já não tenho muito tempo, não tenho tempo nem pra mim e ela quer me encher de coisas, ela quer que eu faça muita coisa sem eu poder. Porque assim, às vezes eu saio da escola e a professora deixa um monte de trabalho

pra gente fazer, aí chego em casa e aí eu fico lá e tal, às vezes eu quero sair mais cedo lá da sorveteria onde eu trabalho pra poder fazer os trabalhos, aí ela não deixa. Daí às vezes eu atraso o trabalho, às vezes eu fico de madrugada acordado fazendo trabalho, daí tem dia que eu chego na escola exausto, e ela só querendo colocar pressão, colocar pressão. Daí eu fico pensando, não vai dar certo. Como é que eu vou ficar indo e voltando, trabalhando lá, trabalhando cá, fazendo isso e aquilo, é impossível isso. E ela acaba colocando muita pressão em mim. E a gente briga muito por causa disso, e ela é uma pessoa que não tá nem aí, ela não quer saber, ela só liga pra ela. " (Arthur, 19 anos)

"Era complicado né, era bem complicado, porque pô, eu era muito novo pra ver o que eu via dentro de casa, as brigas dos meus pais... eu ficava pensativo, eu ficava meio triste e ao mesmo tempo eu ficava com muita raiva do meu pai. E eu sentia que com tanta confusão né, não tinha ninguém pra me ajudar, porque o clima lá em casa era muito tenso, era minha mãe toda inconformada, meu pai ali nervosinho, não tinha ninguém pra conversar e pra cuidar de mim, então eu fui bem solto assim. Assim, bem solto entre aspas, o que eu falo bem solto é nessa questão da conversa, do conselho... porque de liberdade mesmo eu nunca tive nenhuma, sempre tive que ficar só em casa. Eu era obrigado a ficar em casa, até hoje eu sou obrigado a ficar em casa. Eu não posso sair pra lugar nenhum. Pra ver minha namorada por exemplo, eu só posso de vez em quando de domingo. " (Arthur, 19 anos)

"Meu pai é muito ausente, meu pai sempre foi ausente. Eu praticamente não tive um pai, eu gosto do meu pai, mas eu praticamente não tive um pai. Ele é muito ausente e assim, ele não me ajuda em nada. Muitas coisas eu preciso fazer e muitas coisas eu preciso dele, porque lá em casa não dá pra contar com a minha mãe na parte financeira, porque ela já faz muita coisa. Toda a economia da oficina ela tenta controlar, ela tenta tirar do meu padrasto de algum jeito, porque se não ele gasta tudo em uma semana. Então não dá pra contar com a minha mãe, então às vezes eu preciso do meu pai. Por exemplo, teve uma vez que eu queria fazer um curso de inglês, e eu falei "pai, eu preciso de um curso de inglês, é tanto", e ele disse "faz que eu pago", e eu falei "'tá bom, vou fazer minha inscrição". Mas eu não fiz minha inscrição, porque eu sabia que ele não ia pagar. Daí chegou um dia e eu inventei "ó pai, a fatura já chegou e é tanto", e ele

respondeu "não tenho dinheiro, não tenho como pagar, depois de amanhã te pago". Dois dias depois, passei lá pra cobrar e ele disse "não vou poder pagar esse mês". Eu sabia já que ele ia fazer isso, então eu nem fiz a inscrição, porque contar com ele é a mesma coisa que o meu padrasto, é muito variável, nunca se sabe. E ainda por cima, ele é alcoólatra, viciado em baralho, jogo do bicho... meu padrasto também é alcoólatra." (Arthur, 19 anos)

Essas três vinhetas abarcam a diversidade de situações nas quais a confusão de línguas atravessa a relação de Arthur com as suas figuras parentais. Primeiro com o padrasto, que apresenta comportamentos irresponsáveis, típicos da adolescência, como gastar o dinheiro da família para beber ou usar drogas com os amigos. Por outro lado, tem-se a mãe de Arthur, que por um lado exige do filho responsabilidades de um adulto, sobrecarregando a rotina do jovem, e por outro não oferece a ele a liberdade que alguém de 19 anos precisaria ter.

O participante conta, ainda, que "não tinha ninguém pra conversar e pra cuidar de mim, então eu fui bem solto assim", ou seja, desde sua infância, quando seus pais ainda estavam casados, Arthur parece não ter contado com uma figura de referência protetiva. O jovem conta também sobre a falta de confiança no pai, já que o mesmo, além de ser ausente na vida do filho, faz promessas que não pode cumprir.

Compreende-se que essas situações obrigaram Arthur a sair, violentamente, da posição de adolescente e assumir uma posição de adulto, trabalhando e estudando para poder cuidar de si mesmo - arcando com responsabilidades que as figuras parentais não se encarregaram por ele – caracterizando o que Ferenczi (1933) chamou de progressão traumática. A falta de confiança nas figuras parentais, mencionada anteriormente, se repete na história da jovem Sara, de 16 anos, porém em outro contexto:

"O divórcio foi complicado porque foi uma mentira. Primeiro meu pai falou que ele ia passar um mês fora de casa pra estudar porque ele tava fazendo faculdade de Letras com pós em Grego, então ele tinha que passar um tempo estudando na casa da minha vó porque era mais silencioso. Eu e meu irmão não sabíamos o que estava acontecendo e ficávamos perguntando onde ele tava. E aí ele fez isso, depois não usava mais aliança, não voltava mais pra casa, e só depois que ele foi se divorciar. Tipo, eu já sabia que tinha algo acontecendo e ele não falava. Porque ele não falava mais com a minha mãe. E na verdade ele já tava com outra mulher há um tempão, e foi direto morar com ela,

sem contar pra gente. E foi muito difícil pra minha mãe, ela chegou a pesar quarenta e cinco quilos, ela tinha quarenta anos. Ela não saía de casa mais. E ela não conseguia cuidar de mim e do meu irmão sozinha, por isso a gente se mudou pra perto da minha tia. E eu lembro que mesmo que eu estivesse muito triste, eu não falava com ela, porque parecia que ela tava mais frágil ainda e precisava mais de cuidados do que eu, sabe? Então foi muito difícil pra mim. Eu me lembro nitidamente de ver essas cenas dela muito mal. Acho que isso contribuiu, porque logo depois do divórcio que eu comecei a falar "Nossa, eu vou passar um tempo fora, eu preciso morar fora do Brasil". Eu acho que eu já queria sentir um pouco o que era ter uma situação longe disso tudo, porque... eu tava bem sozinha. " (Sara, 16 anos)

Sara expressou, neste discurso, o abalo da confiança em suas figuras parentais no início da sua adolescência, período em que seus pais se separaram. Convém frisar que, neste momento da entrevista, a jovem se mostrou nitidamente triste e associou sua intensa vontade de ir embora do Brasil com a situação do divórcio. Assim, a falta de sinceridade e cuidado do pai ao separarse da mãe dessa forma, e a fragilidade desta mãe no momento da separação, somaram-se e tornaram a realidade da adolescente, de 12 anos na época, difícil e solitária, já que a mesma afirma que "tava bem sozinha".

Posto isso, é importante salientar que uma fragilidade da mãe, como a relatada, é esperada diante do sofrimento que esta experimentava. Entretanto, Sara indica que a falta de diálogo com a mãe ("mesmo que eu estivesse triste, eu não falava com ela") impossibilitou a elaboração de sua própria angústia por meio da palavra, o que a impeliu, como se pôde observar, a desejar fugir da sua realidade para um lugar distante.

4.1.2 Conflitos geracionais

É preciso reconhecer que não há como evitar a presença de conflitos entre os adolescentes e as figuras parentais, já que existe uma diferença de posições e, em consequência disso, seus valores, suas opiniões, seus desejos e suas ideias entram, constantemente, em confronto. Os conflitos dessa ordem são considerados, nesta pesquisa, como inexoráveis ao processo de adolescer e, assim, não são entendidos como traumáticos.

Para refletir sobre essa noção, relembra-se que, durante a adolescência, é esperado um desinvestimento nas figuras parentais por parte dos filhos, ou seja, enquanto na infância, os pais

eram considerados "super-heróis", nesta nova etapa da vida, eles são alvos de constantes críticas e reprovações (Macedo, Azevedo & Castan, 2010). Este afastamento é provável, já que se trata de um período marcado pela diferenciação identitária das figuras de referência e pela consequente necessidade do jovem de criar sua própria identidade. No relato de uma das participantes da pesquisa, observa-se um exemplo deste tipo de divergência entre as ideais da mãe e da filha:

"Ah, eu acho que tempos mudaram, então tem coisas que pra mim assim, pro pessoal da minha idade, parece muito mais normal e que a minha mãe sente que é muito pra frente. Por exemplo sobre a comunidade LGBT, sobre o uso de drogas na adolescência. Eu sou contra o Bolsonaro e ela ainda concorda com algumas ideias dele." (Sara, 16 anos)

Nesta narrativa, verifica-se uma oposição de opiniões que não ocorre de uma maneira traumática, já que a divergência é respeitada por ambas as partes e não parece causar sofrimento à jovem. Dessa maneira, supõe-se que esse tipo de discordância se enquadra na noção de conflito geracional, que será desenvolvida a seguir.

Entende-se que o conflito de gerações diz respeito a uma diferença estruturante existente entre a posição do adolescente e a do adulto, mas que não traz angústia para o jovem, pelo contrário, na maioria das vezes, oferece contenção – o que será explicado posteriormente. Desse modo, este tipo de conflito pode ser definido como um embate entre forças conservadoras, vindas da parte do adulto, e forças disruptivas, próprias do adolescente (Winnicott, 1975).

Em relação às forças disruptivas, Winnicott (1971/1975, p. 202) afirma que o adolescente possui um importante papel na transformação da cultura, salientando a necessidade de "que os jovens possam modificar a sociedade e ensinar os adultos a verem o mundo com novos olhos, mas onde houver o desafio do rapaz ou da moça em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio". A fim de refletir sobre esse tema, expõe-se um trecho da narrativa de Sara:

"Não sei se você percebe, mas as gerações mais liberaizinhas vão ter uns filhos mais cabeça fechada e ao contrário também, os cabeças fechadas tem filhos libeiraizinhos. E quando ela era nova, os adultos estavam na era hippie, então ela ficou mais pra trás e a minha geração abriu mais." (Sara, 16 anos)

Assim como nesse exemplo, é esperado que os pensamentos e as opiniões dos adolescentes contrariem as ideias conservadoras dos adultos, e isso vai transformando a cultura, na medida em que os jovens, constantemente, problematizam e questionam a ordem social estabelecida. Sobre essa constatação, Winnicott (1971/195, p. 1980) indica, ainda, que "a sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis". Por outro lado, considera-se que, por meio dos conflitos geracionais, as figuras parentais encontram a possibilidade de transmitir aos filhos os valores considerados importantes, por mais que os adolescentes possam contestar vigorosamente.

Imagina-se que, talvez, o problema da educação e transmissão de valores esteja, justamente, no esperar que o adolescente entenda os limites impostos e aceite sem contestar. Isso, provavelmente, não irá acontecer, e essa incompreensão faz parte do conflito geracional, mas não se trata de uma violência. Desse modo, é necessário sublinhar que a educação não pressupõe um acordo entre as partes, mas implica obediência - mesmo que não concorde, o adolescente precisa aceitar a superioridade do adulto.

Esses confrontos auxiliam os jovens a enfrentarem a adolescência e são considerados por Winnicott como positivos e necessários, como salientado a seguir: "A confrontação é própria da contenção que não é retaliatória, nem vingativa, mas possui sua própria força" (Winnicott, 1971/1975, p.193). Desse modo, a fim de haver espaço para a vivência do conflito geracional, é imprescindível que o adulto não abdique de sua posição e atue como tal, o que proporciona as condições necessárias para que o jovem se desenvolva nesta fase da vida.

Seguindo essa reflexão, considera-se, nesta asserção, que existe uma dimensão da confusão de línguas, fonte de sofrimento psíquico intenso ao adolescente, e uma dimensão do conflito geracional, que é saudável, apesar de também poder gerar certo sofrimento. Um conflito geracional acontece quando um adolescente quer uma coisa e os pais querem outra, por exemplo, e cada parte sustenta sua posição, reconhecendo que há uma dissimetria entre ambos. Isto é, cada um sabe e defende o que deseja e, eventualmente, há um jogo de poder envolvido: o adulto, na maior parte das vezes, detém um poder maior de decisão final (Ferenczi, 1933; Winnicott, 1975).

Já a confusão de línguas acarreta o contrário: trata-se da perda da dimensão de posições diferenciadas. Isto é, a confusão de línguas se faz presente quando os pais não conseguem sustentar o conflito geracional, igualando as posições e sendo descuidados com a assimetria que deveria existir entre o mundo adulto e o mundo adolescente. Assim, observa-se que, muitas das

situações causadoras de sofrimento aos jovens são aquelas nas quais os pais parecem esquecerse do papel que deveriam desempenhar.

Neste sentido, quando há um apagamento da dissimetria, não sobra espaço para o conflito de geração, isto é, a confusão de línguas surge como um obstáculo ao conflito. Por exemplo, se o adulto agir como um adolescente ou esperar do jovem uma responsabilidade que não lhe compete, a diferença entre as forças conservadoras e disruptivas deixa de existir, e, assim, impossibilita-se a vivência do conflito geracional. Sobre a necessária atitude dos pais de responsabilizar-se pelos adolescentes, Winnicott (1971/195, p.202) salienta:

Enquanto o crescimento [do jovem] se encontra em progresso, a responsabilidade tem que ser assumida pelas figuras parentais. Se essas figuras abdicam, então os adolescentes têm de passar por uma falsa maturidade e perder sua maior vantagem: a liberdade de ter ideias e de agir segundo o impulso.

Essa ideia vai ao encontro da noção de progressão traumática (Ferenczi, 1933), descrita anteriormente, que evidencia um amadurecimento forçado pelas difíceis circunstâncias da vida. Para ilustrar essa modalidade de situação, expõe-se uma parte do discurso de Arthur, a qual ajuda a compreender esse cenário:

"E assim, eu não sou mais uma criança, e querendo ou não, com todo esse meu passado, eu fui obrigado a crescer muito rápido. Eu cresci mais rápido do que eu deveria. Às vezes eu fico pensando assim que eu tenho uma cabeça que não era pra eu ter, era pra eu ser mais infantil sabe? E minha mãe não entende, ela acha que tenho que ter responsabilidade de um adulto, mas não posso ter nenhuma liberdade assim. Eu perdi toda a minha infância, eu perdi minha infância e minha adolescência, então eu cresci muito rápido né. " (Arthur, 19 anos)

Diante do contexto vivido, o adolescente não encontrou adultos disponíveis para estabelecer bons embates e precisou responsabilizar-se, precocemente, por cuidar de si e de outros membros da família. Essa situação caracteriza o que se entende por terrorismo do sofrimento e por progressão traumática (Ferenczi, 1933), uma vez que evidencia uma inversão nas práticas de cuidado e um consequente amadurecimento precoce imposto pelas circunstâncias da vida do adolescente. Em relação à maturidade prematura, confessada pelo participante, Kupermann (2012, p. 334) sublinha que:

a consequência, para o sujeito, dessa aquisição precoce de um saber e de uma maturidade própria dos adultos é um comprometimento da capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, que se faz acompanhar de uma dificuldade de expressar afetos de amor e de ódio e de uma diminuição da potência para se afirmar de modo singular.

Neste sentido, propõe-se que a principal diferença entre o conflito geracional e a confusão de línguas diz respeito ao exercício da ambivalência e, para explicar essa noção, baseia-se na leitura de Winnicott (1955; 1971; 1983) sobre este conceito. Apesar de o autor ter utilizado pouco esse termo propriamente dito, observa-se - ao longo de sua obra, em diversos contextos - expressões como "integração dos impulsos amorosos e destrutivos", "ódio e amor", "fusão da agressão com o amor", entre outros (Costa & Ribeiro, 2016).

Na teorização psicanalítica, geralmente a ambivalência assinala a presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio (Laplanche & Pontalis, 1970). Já na obra winnicottiana, além de a ambivalência representar a possibilidade de suportar a coexistência do amor e do ódio em relação a um mesmo objeto, o emprego desta noção diz respeito a uma importante aquisição do desenvolvimento emocional (Winnicott,1955; Costa & Ribeiro, 2016).

Isto é, Winnicott (1955) refere-se que o alcance da ambivalência e sua tolerância implicam em um significativo grau de crescimento saudável e dizem respeito à capacidade do sujeito de responsabilizar-se por todos os sentimentos e ideias que pertencem ao fato de estar vivo. Além disso, o autor ressalta que esta conquista depende, diretamente, de um ambiente facilitador que a sustente. Desse modo, a ambivalência é a base para o relacionamento com a alteridade — ou seja, o reconhecimento da diferença que o outro representa. Além disso, o exercício desta capacidade sustenta um ponto central da natureza humana: o aspecto destrutivo e, ao mesmo tempo, construtivo dos relacionamentos (Winnicott, 1955; Costa & Ribeiro, 2016).

A partir disso, no âmbito desta discussão, considera-se que o exercício da ambivalência possibilita que o jovem ame e odeie o mesmo objeto, entendendo, mesmo que de forma inconsciente, que a contrariedade que sofre pode ser uma forma de ser cuidado. Essa capacidade permite que o adolescente reconheça a diferença entre ele e o outro e que possa, na fantasia, destruir o objeto - ou seja, as figuras parentais.

Sobre esta destruição, frisa-se a importância que o sujeito possa, na sua fantasia, destruir o objeto odiado, e perceber que, no real, o objeto sobrevive - esse processo desbanca a onipotência e o sujeito se dá conta dos seus limites. Assim, essa dinâmica contribui para a estruturação psíquica e aumenta a confiança do sujeito no mundo de uma forma geral. A

respeito desta capacidade, Winnicott (1971/1975) conclui que os pais precisam ser capazes de lidar com os comportamentos espantosos que um adolescente saudável terá:

Se nossos filhos vierem a se descobrir, não se contentarão em descobrir qualquer coisa, mas sua totalidade em si mesma, e isso incluirá a agressividade e os elementos destrutivos neles existentes, bem como os elementos que podem ser chamados de amorosos (p. 193).

Neste sentido, interpreta-se que o conflito geracional pressupõe esse exercício de ambivalência. Em contrapartida, na confusão de línguas, além de não se encontrar uma forma de cuidado, a possibilidade de exercer a ambivalência é abolida. E nessa conjuntura, considera-se que a travessia da adolescência fica comprometida.

Sobre esta travessia, Mannonni (1996) inaugura uma tradição importante, ao propor que a crise da adolescência é marcada, sobretudo, pela problemática identificatória. Isso porque o adolescente encontra-se frente a duas complexas funções: abandonar as identificações passadas, próprias da infância, e buscar novos objetos de identificação, com o propósito de adquirir uma posição de adulto perante a sociedade.

O autor utiliza uma interessante metáfora para referir-se a esse estágio da vida: "os pássaros quando estão a mudar são infelizes. Os humanos também mudam, no momento da adolescência, suas plumas são plumas emprestadas – e se diz, frequentemente, que quando o adolescente começa a perder suas antigas identificações, adquire um ar emprestado" (Mannonni 1996, p.32). Compreende-se, assim, que os adolescentes se encontram, nessa fase da vida, um tanto perdidos em relação às suas identificações. Frente a estas exigências impostas, tanto internas, quanto externas, o adolescente necessita de um ambiente facilitador que o auxilie passar por esse período.

Considera-se, assim, que o importante exercício da ambivalência também está associado à necessidade salientada por Winnicott (1971), que diz respeito ao adulto sustentar a sua posição, e consequentemente dar limites aos adolescentes. Ou seja, para que o adolescente possa exercer sua ambivalência, odiando e destruindo o objeto em sua fantasia, é imprescindível que o adulto sobreviva.

A postura do adulto, então, pressupõe duas condições bem específicas: se permitir suportar o embate e não retaliar (Winnicott, 1971). É justamente o encontro com essa resistência que possibilita ao adolescente o controle da angústia, na medida em que percebe que o adulto ocupa a posição de adulto: sobrevive à rebeldia do jovem, não aceita tudo que o adolescente deseja, e exerce, assim, uma função de autoridade vinculada ao cuidado.

Vale frisar que proporcionar limite não corresponde à violência ou à humilhação - tratase de sustentar as fronteiras, manter a superioridade e, dessa forma, oferecer contenção. Quando os filhos encontram a possibilidade de brigar e de criticar os pais, por exemplo, eles estão reconhecendo que há uma diferença e que, querendo ou não, terão que aceitá-la – isso caracteriza o movimento ambivalente.

Ao encontro dessa reflexão, ainda de acordo com Winnicott (1961, 1964, 1975; 1983), relembra-se que o jovem deseja se rebelar e ser livre, mas, ao mesmo tempo, quer ser dependente, recebendo carinho e contenção - quer a liberdade, mas com o controle familiar. Dessa forma, os pais não devem tentar encurtar a adolescência dos filhos, sendo que "o melhor que podem fazer é sobreviver, e sem alterar-se, sem o abandono de qualquer princípio importante" (Winnicott, 1971, p. 196).

Conclui-se, assim, que os conflitos geracionais são embates inevitáveis e não pertencem a um contexto traumático. Longe disso, do ponto de vista da teoria winnicottiana, eles são extremamente desejáveis. Como já mencionado, para proporcionar um ambiente saudável aos filhos com a possibilidade da ambivalência, os adultos precisam sobreviver à rebeldia do jovem e não retaliar. Porém, essas condições não se apresentam na confusão de línguas, e, lamentavelmente, percebeu-se nas entrevistas a predominância da não sustentação da posição de adulto e da retaliação dos adolescentes por parte dos pais.

A seguir, tem-se uma vinheta para ilustrar um exemplo de humilhação por parte da figura parental, no qual a rebeldia da adolescente não foi suportada:

"E teve outro dia também, que quando a gente brigou, porque a gente brigava muito, eu tava fazendo feijão, na panela de pressão, e joguei a panela de pressão na cabeça dele. Ai ele levou dois pontos. Porque sempre que a gente discutia, ele falava que, como nós mora em comunidade, então ele falava que eu ficava dando pros caras nas biqueiras, que eu vivia fumando droga... só que eu nunca usei nenhum tipo de droga!" (Larissa, 18 anos)

O relato de Larissa demonstra que a figura que deveria ser protetiva, não foi capaz de suportar as discussões com a jovem. Apesar de Letícia não ter explicitado o motivo dessas constantes brigas, é esperado que discussões estejam presentes nas famílias com adolescentes. No entanto, o adulto, além de não suportar, insulta a jovem, ofendendo-a com situações falsas, acarretando no descontrole da menina.

A seguir, outra fala da jovem Sara, que, por sua vez, ilustra um conflito geracional:

"Então, às vezes, me dá vontade de contar as coisas pra ela, mas eu e ela temos opiniões muito diferentes, então teve coisas que eu comecei a contar e eu vi que ela não concordava. Então tem muito do que eu penso que ela não aceita. Então eu comecei a não falar mais, porque se ela soubesse, ficaria muito braba. Por exemplo sobre ficar com pessoas, ela acha errado ficar com quem quiser, com quantas pessoas quiser. É uma coisa do meu jeito e parece que ela não entende muito bem os conceitos. E sobre drogas também. Ela acha que maconha é muito pior do que bebida. Então, eu sinto que sempre que eu tô contando alguma coisa, eu tô sendo julgada. Então, me afastando um pouco, eu acabo não compartilhando mais as coisas. Então eu não posso ser muito sincera com ela. "(Sara, 16 anos)

A partir desta vinheta, pode-se entender que a fala da jovem indica uma diferença de gerações: enquanto a filha, de 16 anos, tem determinada percepção sobre o uso de drogas e sobre os relacionamentos, a mãe defende sua posição conservadora, criticando os ideais da adolescente. Ou seja, nesta situação percebe-se que as posições estão bem claras e definidas, por mais que haja uma divergência entre as opiniões. Macedo, Azevedo e Castan (2010, p.30) refletem sobre este tema declarando que

é preciso paciência para que o diálogo evolua até uma conversa com troca de ideias, em que os dois lados possam ser escutados. A autoridade dos pais, por sua vez, é extremamente necessária para que o adolescente tenha um ponto de referência, tenha para onde recorrer quando precisar.

Dito isso, não se deve esquecer que, apesar da luta dos adolescentes pela liberdade, eles são sujeitos dependentes e necessitam do auxílio dos pais para lidarem com os momentos oscilantes próprios desta fase da vida. Isto é, por mais que seja fundamental conceder espaço para que os adolescentes conquistem sua independência, é imprescindível que os pais também ofereçam segurança e cuidado nos momentos de sofrimento.

Nos casos marcados pela confusão de línguas, não há continência e nem sobrevivência após o embate, pois trata-se de uma situação em que o adulto perde a perspectiva da dissimetria. Já no conflito geracional, acontece justamente o oposto: as figuras parentais sustentam a diferença, e, dessa forma, sugere-se que as relações entre pais e filhos adolescentes deveriam estar marcadas, predominantemente, por esse tipo de conflito. Entretanto, observou-se que, por

mais que algumas das narrativas apresentadas possam ser interpretadas como conflitos de gerações, não foi esse o cenário dominante nos relatos dos participantes dessa pesquisa.

Como indicado, considera-se o exercício da autoridade por parte dos pais como constitutivo para o adolescente, já que lhe oferece a possibilidade de agredir os pais na imaginação, por exemplo. Para ilustrar a importância desse exercício de superioridade das figuras parentais e finalizar esta parte da discussão, resgata-se um interessante exemplo citado por Ferenczi em 1928:

Lembro-me de um incidente com um dos meus sobrinhos pequenos, a quem tratava com toda a suavidade que, em meu entender, convém a um psicanalista. Aproveitou para começar a atormentar-me; por fim, passou a agredir-me. A psicanálise não me ensinou que deveria deixar-me agredir. Portanto, tomei-o em meus braços e, segurando-o com firmeza para impedi-lo de se mexer, disse-lhe: "Bata em mim agora se conseguir". Ele tentou, mas, não o conseguindo, pôsse a injuriar-me, dizendo que me detestava. Respondi-lhe: "Muito bem, continue, tudo isso você pode pensar e dizer, mas não tem o direito de me bater". Finalmente, reconheceu a minha superioridade e o seu direito de me agredir unicamente em imaginação. Após o que nos separamos como bons amigos. (Ferenczi, 1928/2011c, p. 33)

4.1.3 A potencialidade traumática da confusão de línguas

Com base no que foi discorrido até aqui, considerou-se a confusão de línguas como uma experiência essencialmente traumática. Porém, vale frisar que, o conceito de trauma, na psicanálise, pode ser entendido e desenvolvido a partir de diferentes leituras.

Posto isso, recorda-se que o percurso adotado por Ferenczi (1933, 1934) acerca da diferença entre a linguagem da ternura e da paixão preconiza um contexto traumático, mas nem todos os leitores consideram a confusão de línguas como essencialmente traumática, pelo contrário, alguns defendem uma dimensão estruturante dessa confusão. Entretanto, para esta pesquisa, optou-se pela leitura da confusão de línguas na via do trauma e do conflito geracional na via estruturante. Essa escolha baseou-se, principalmente, na contratransferência da pesquisadora ao escutar as entrevistas, sentindo a confusão de línguas como causadora de intenso sofrimento ao adolescente.

Faz-se necessário, então, refletir de forma mais aprofundada sobre um conceito central na obra ferencziana e no entendimento da confusão de línguas: o trauma patogênico. Para explicar a sua conceitualização, Ferenczi (1933, 1934) destaca uma ideia, que aqui propõe-se chamar de ambientalismo ferencziano, a qual diz respeito ao papel do outro na constituição do trauma (Kupermann, 2019).

O trauma patogênico foi dividido em dois momentos por Ferenczi (1934). Primeiramente, como já mencionado, um adulto e uma criança se amam, sendo que este amor pode ou não ser significativo, isto é, o adulto pode ou não ser uma figura de muita importância na vida da criança. A criança se interessou pelo pênis do adulto, mas no campo da ternura, da curiosidade, e o adulto transformou isso em um ato sexual, por exemplo. Ou seja, houve uma violação, mas ainda não houve trauma, já que este acontecimento não é traumático em si.

Logo, esse primeiro tempo do trauma patogênico foi chamado de choque por Ferenczi (1934), e refere-se a "um acontecimento que age de forma esmagadora sobre o sujeito, de maneira que ele não pode oferecer resistência" (Osmo & Kupermann, 2012, p. 322). Kupermann (2019) propõe chamar este momento do trauma de *tempo do indizível*, já que a criança não tem como dar sentido a essa experiência sozinha.

Após o momento do choque, ocorre a busca de ajuda por parte do sujeito em vulnerabilidade - relacionada a tendência da criança ou do adolescente de buscar simbolização. Isto é, o sujeito tende a procurar dar sentido às experiências, procurando uma pessoa de confiança, que possa auxiliá-lo a dar conta da excitação pulsional irrepresentável (Ferenczi, 1934). Neste sentido, Kupermann (2019) sugere chamar esse segundo tempo do trauma de *tempo do testemunho*.

É pertinente destacar que nem sempre o sujeito violado vai contar explicitamente o que aconteceu, pelo contrário, na maioria das vezes ele vai demonstrar que precisa de ajuda da forma que conseguir, seja com agressividade, seja diminuindo o rendimento escolar, ou até maltratando animais, por exemplo. No relato a seguir, a adolescente Sara, de 16 anos, solicita a ajuda da mãe de forma peculiar:

"Eu não me liguei e deixei meu celular na mesa da sala bem onde ela tava sentada, e ai recebi uma mensagem de um cara que eu conheci falando sobre drogas, ela viu só a notificação, porque ela não mexe no meu celular, e acabou que ela descobriu um envolvimento meu com isso. E ela ficou meio chateada, porque isso começou lá no Canadá e ela se arrependeu muito de ter me deixado ir pro intercâmbio e ela tá muito brava. Eu agora eu tô numa fase complicada, não posso mais sair a hora que eu quiser. Ela conversou com meu pai e eu tô indo no psicólogo por causa disso." (Sara, 16 anos)

A narrativa de Sara evidencia um pedido de ajuda indireto, o qual se pode considerar que ocorreu de forma inconsciente, por meio de um ato falho. Diante desse gesto, percebe-se

que neste caso a mãe pareceu reconhecer a angústia da filha, já que tomou providências diante do fato, encaminhando a situação para um profissional. Não se pretende julgar se a decisão dos pais de obrigar a filha a fazer tratamento psicológico e de não a deixar sair de casa é correta, mas salientar que o pedido de ajuda da jovem foi escutado e acolhido pela mãe.

Desta forma, se o sujeito puder dar um testemunho adequado, para alguém que o escute e o acolha com sinceridade, ele é capaz de dar sentido à experiência sem desenvolver sequelas psíquicas. Então, mesmo diante da desorientação psíquica gerada pelo choque, a criança ainda poderia ser ajudada e, por esta razão, a atitude do adulto em relação à criança que sofreu um choque é determinante para o desenvolvimento, ou não, do trauma patogênico (Kupermann, 2019; Ferenczi, 1934).

Assim, o ideal seria que o adulto escutasse o sujeito em vulnerabilidade, o acolhesse e o compreendesse com ternura e com sinceridade, tornado possível, desta forma, que tais acontecimentos fossem superados. Isto significa que o *tempo do testemunho* (Kupermann, 2019) é marcado pelo pedido de ajuda por parte da criança que dirige a um adulto de sua confiança algum sinal ou algum testemunho (Kupermann, 2019; Osmo & Kupermann, 2012; Ferenczi, 1933).

Entretanto, nem sempre ocorre este acolhimento, pelo contrário, recorrentemente os adultos reagem ao pedido de ajuda com indiferença, silêncio ou castigam o sujeito vulnerável. E é justamente esse desmentido - o dizer, ou fingir, que não aconteceu nada - que constitui o trauma patogênico para a criança (Ferenczi, 1933). Nessa direção, o terceiro momento da traumatogênese diz respeito justamente ao fracasso do *tempo do testemunho*, e Kupermann (2019) o nomeia de *tempo do desmentido*.

Isso é, após esse pedido de ajuda por parte do sujeito em vulnerabilidade, o *tempo do desmentido* (Kupermann, 2019) ocorre quando há uma quebra da confiança, uma ausência do testemunho, prevalecendo a recusa - o adulto, diante do pedido de socorro da criança, não a compreende, não acredita no testemunho, a pune ou reage com silêncio. Nesse sentido, Kupermann (2019) sublinha que "trata-se de um evento efetivamente crucial na teorização ferencziana, uma vez que é justamente o fracasso do *tempo do testemunho* que torna a violência sofrida pela criança efetivamente traumática" (n. p.)⁸.

Desta forma, no *tempo do desmentido*, há uma quebra total da confiança da criança no mundo, uma vez que ela pediu ajuda justamente para uma pessoa em quem confiava muito, mas descobriu que não tem com quem contar. Portanto, o trauma não é caracterizado apenas pelo

-

⁸ No prelo.

ato sexual ou pelo castigo punitivo em si, o pior é realmente o desmentido, ou seja, o dizer ou o fingir que nada aconteceu (Kupermann, 2019).

Vale deixar claro, então, que o abusador não seria o único agressor na constituição do trauma, mas que existiriam dois agressores, e que o segundo seria mais devasso que o primeiro. Isso dado que o segundo abusador, a quem a criança lançou um pedido de ajuda, é sempre uma figura significativa, ou seja, alguém privilegiado de investimento amoroso, mas que quebrou a confiança da criança (Kupermann, 2019).

Neste sentido, considera-se que toda essa dinâmica também acontece na adolescência. A tentativa de buscar testemunhar algo do indizível e o consequente desmentido pode ser observado no trecho abaixo, em que Breno encontra-se muito frágil e busca ajuda na mãe, mas não é acolhido:

"Foi um incidente que aconteceu ano passado em que eu tentei me matar entre aspas. Todo mundo fala que eu tentei me matar, mas não, o que eu queria era entrar em coma. Que o que aconteceu? Eu tava super apaixonado por uma garota, meio que a gente tava ficando, só que eu não interpretando as coisas do jeito certo. Eu não tava entendendo na minha cabeça que ela queria só ficar comigo, eu tava achando que ela queria namorar comigo, e ficou nesse vai e vem por dois meses. E daí, quando ela disse que não queria mais, eu fiquei louco da cabeça! O que que eu fiz, primeiro eu tentei procurar ajuda, mas como eu não tenho amigos próximos, falei pra minha mãe um pouco do que tinha acontecido. E minha mãe disse que era bobagem, que todo mundo passa por isso. Só que isso não me ajudou. Falei com um primo meu que teve os problemas dele né e ele me falou que ia na minha casa no final de semana. Mas eu não consegui esperar. E aí eu tomei uma overdose de medicamentos, tomei ácido valproico e tomei junto whisky, porque enfim, eu não me lembro de onde eu tinha ouvido falar que tomar bebidas com remédio pode dar coma. E sim, na teoria deu certo, porque eu dormi por 20 horas, então foi um mini coma." (Breno, 19 anos)

A fala de Breno indica a presença do *tempo do desmentido* (Kupermann, 2019), posto que o jovem, diante de uma dor psíquica intensa, buscou ajuda na mãe, uma figura de investimento amoroso, porém, esta agiu com indiferença. Quer dizer, a mãe se limitou a dizer que todos passam por isso, parecendo esquecer da idade do filho e do fato de ele estar vivendo suas primeiras experiências e frustrações amorosas.

De um modo geral, é notável que os adultos, frequentemente, adotam saídas que desconsideram a responsabilidade que deveriam ter com os filhos adolescentes, prevalecendo, em suas atitudes, o desmentido descrito por Ferenczi (1933, 1934). Já em outro momento, quando Breno conta sobre a sua relação com o pai durante a adolescência, observa-se um exemplo de confronto que poderia configurar-se como uma confusão de línguas ou como um conflito geracional, dependendo do sentido que dado à experiência pelo jovem:

"E meu pai começou a ficar mais chato, querendo escolher as minhas roupas, e também, enfim, querer que eu faça tudo do jeito dele, porque ele acha que o jeito dele é o certo e isso que vai me levar pro bom caminho, não importa o que eu pense ou ache. A implicância dele é até hoje, mais mesmo com minha roupa, meu estilo, meu cabelo. Ele quer tudo no tempo dele, e que eu use as coisas do jeito que ele quer que eu use. Tipo, a minha roupa não pode ser a roupa que eu gosto e me identifico, tem que ser a roupa que ele acha que é melhor pra mim. Meu cabelo não pode ser do jeito que eu gosto de deixar, tem que ser curto porque ele acha que é melhor. Uma vez tinha um almoço pra gente ir, e eu queria ir com uma roupa e ele queria que eu trocasse. E ficamos discutindo muito tempo por causa disso. Daí uma hora ele entrou no quarto e perguntou se eu tava pronto, esperando que eu tivesse colocado a roupa que ele queria, e eu disse que sim, com a roupa que eu queria. Daí ele me empurrou pra trás e eu cai na cama, machuquei o braço, tava pronto pra me bater. Mas saiu e foi pro almoço sem mim." (Breno, 19 anos)

Sobre a cena narrada, pode-se pensar que é esperado que os pais tenham críticas ao modo de se vestir dos filhos, e que os adolescentes resistam em relação a isso, já que estão tentando diferenciar-se das figuras parentais, criando sua própria identidade. Além disso, espera-se que haja certo aconselhamento da figura cuidadora em relação ao adolescente, a fim de transmitir valores e ensiná-lo como agir em determinadas situações. A partir do que já foi desenvolvido, esses dois aspectos caracterizariam a situação como um conflito geracional.

Em contrapartida, pressupõe-se que um conflito geracional entre pai e filho poderia ser experienciado sem violência física, como o empurrão que foi relatado e machucou o jovem. Dessa forma, supõe-se que o que caracterizará esta situação como um conflito geracional ou como uma confusão de línguas seria a presença ou ausência do exercício da ambivalência e o sentido que o adolescente atribui a essa experiência. Na ocasião da entrevista, apesar da

discordância e do consequente empurrão, notou-se que a relação de Breno com o pai não é totalmente pautada por este embate de qual roupa usar e, apesar de trazer incômodo para o adolescente, não parece ser fonte de angústia.

Sendo assim, nesse caso, a cena narrada estaria mais próxima de um conflito geracional do que de uma confusão de línguas, já que se refere a um embate entre forças disruptivas e forças conservadoras, e não possui um caráter traumatogênico. Entretanto, outras situações relatadas pelo mesmo adolescente em relação as figuras parentais são lidas como confusão de línguas e isso evidencia o fato de que, em uma mesma relação, podem existir situações consideradas conflitos geracionais, esperados e saudáveis, e casos marcados pela confusão de línguas, fonte de angústia e traumas.

Em relação ao trauma patogênico, convém sublinhar que o desmentido ferencziano é diferente do freudiano e que estão postos em contextos diferentes (Kupermann, 2019). A depender da tradução, pode-se encontrar que Freud (1927) trata de um tipo de "desmentido" relacionado ao campo intrapsíquico, a uma defesa própria dos sujeitos perversos contra a castração - outra tradução para isto seria "denegação". Já para Ferenczi, o desmentido está no campo relacional – o adolescente buscar ajuda em um outro que faz uso do desmentido frente a este pedido, por exemplo.

Portanto, com base nas leituras dos autores utilizados nessa asserção, considera-se que o uso do desmentido como defesa psíquica não corresponde, necessariamente, a um sujeito perverso (Kupermann, 2017). Entende-se, então, que o sujeito faz uso do desmentido como um mecanismo de defesa para se proteger de situações traumáticas ou das instabilidades que o adolescente produz dentro de uma família, por exemplo.

Sugere-se, ainda, que a idealização contemporânea da adolescência, indicada no levantamento bibliográfico desta pesquisa, poderia estar servindo como um incremento a confusão de línguas entre pais e filhos, já que os adultos, recorrentemente, comportam-se como se tivessem a mesma idade dos filhos. Consequentemente, percebe-se uma falta de idealização das figuras de referência por parte dos jovens, isto é, esses adolescentes parecem não encontrar mais nos pais um modelo a seguir. Assim, seguindo o questionamento de Figueiredo (2006): quem vai idealizar um adulto nesse mundo "teenegizado"?

Por fim, essa asserção evidenciou uma falta de confiança nas figuras parentais e uma fragilidade psíquica das mesmas, já que, recorrentemente, os pais parecem não possuir

-

⁹ Expressão em inglês, utilizada por Savietto (2012) para referir-se a uma sociedade que idealiza e deseja o estilo adolescente de existência: experimentador, livre e móvel.

condições psíquicas para acolher os filhos. Porém, relembra-se que o jovem é imaturo e vulnerável e, frequentemente, tem dificuldade de traduzir o que sente, necessitando de um adulto que o auxilie a compreender seu próprio mal-estar. Mas, nas atuais circunstâncias, em que a diferença entre adolescente e adulto parece se esvair, questiona-se: quem estaria ocupando o lugar de responsável por sustentar bons embates e por ajudar o jovem a compreender o que sente e experimenta?

4.2 Segunda asserção: "A carência de relações significativas entre pares na adolescência"

"Eu sinto uma facilidade muito grande de ter amizades, mas, ao mesmo tempo, as conexões não são profundas e fortes. Eu tenho muitos amigos que eu posso chamar quando eu quiser pra sair, mas eu não tenho uma melhor amiga ou um grupo de amigos próximos. Tanto é que quando eu voltei pro Brasil eu senti que eu não tinha mais amigos. Parece que eu não posso me deixar depender muito de uma pessoa na minha vida" Sara, 16 anos

A partir da escuta dos participantes, constatou-se uma falta de relações íntimas e significativas entre pares na adolescência, ou seja, diferentemente do que é esperado neste período, as amizades parecem não ocupar um lugar de destaque na vida destes jovens. Desse modo, a segunda asserção desta pesquisa refere-se à carência de relações relevantes entre pares na adolescência e foi considerada a asserção mais inesperada dentro dessa dissertação.

Isso porque, para a Psicanálise, as amizades ocupam um lugar privilegiado na adolescência, já que representam as primeiras escolhas exogâmicas na vida do jovem, ou seja, fora do núcleo familiar, além de possibilitarem novas identificações neste árduo momento da vida. Dessa forma, espera-se que as relações de amizade possuam um lugar de destaque na vida dos adolescentes, uma vez que os pares são, na maioria das vezes, os protagonistas da vida social dos jovens (Cardoso, 2011).

Nesta direção, Macedo e Monteiro (2016) postulam que "é junto ao grupo de iguais, do qual se esperaria um ambiente facilitador para o crescimento e amadurecimento, que podem ser compartilhadas as dores e conflitos do adolescer" (p.16). Além disso, as relações com os grupos sociais mostram-se fundamentais para a travessia desse período, marcado pela busca de novas experiências, referências e identificações. Lejarraga (2010) enfatiza que "a amizade desempenha papel fundamental em vários momentos do processo de amadurecimento – como, por exemplo, na adolescência –, constituindo uma espécie de bálsamo ante as perdas e os sofrimentos e, também, uma indiscutível fonte de alegria" (p. 101).

Neste sentido, gradualmente, espera-se que o adolescente vá separando-se dos pais, idealizados na infância, e que esse lugar vá sendo preenchido por novos modelos identificatórios. Na saída do contexto endogâmico para o exogâmico, a amizade surge como crucial, sendo provável que o jovem busque nas relações horizontais o que não encontra nas relações verticais (Macedo, Azevedo & Castan, 2010). No entanto, os discursos dos entrevistados desta pesquisa mostraram um cenário distinto e surpreendente: adolescências marcadas pela superficialidade das amizades e pela dificuldade de estabelecer relações significativas. Indaga-se, assim, o que essa escassez revela sobre esses jovens. A narrativa do participante Breno exemplifica este contexto:

"Mas tipo assim, eu nunca fui uma pessoa de sair pra balada, essas coisas assim. Mas por agora que eu tô começando aí, porque eu achei um lugar né, uma danceteria que tem, que lá tem umas músicas mais nerds que é o tipo de música que eu gosto. Eu fui uma vez e tô pretendendo ir de novo mês que vem. Mas voltando ao assunto, eu nunca fui uma pessoa muito de sair de casa, eu nunca tive verdadeiros amigos assim. Porque eu nunca fui muito de socializar, eu sempre fui um cara mais quietão, mais parado, tipo aquele cara que chega numa festa e procura um lugar pra sentar." (Breno, 19 anos)

A declaração de Breno expõe a dificuldade do adolescente de estabelecer relações de um modo geral e de relacionar-se com os pares. A seguir, o discurso de Sara reafirma a superficialidade das relações horizontais:

"É... eu sempre fui uma pessoa que me sentia meio fora dos grupos, eu sentia que tinham vários grupos e eu transitava entre todos mas eu nunca tinha um. E eu queria muito criar uma identidade fora disso também. E até hoje eu sou assim. Me sinto meio perdida. Eu não consigo assim passar um mês inteiro com o pessoal da minha escola. Se eu tô todo dia com o pessoal da minha escola, eu não vou sair com eles no final de semana. Eu vou sair um dia com cada grupo de pessoas. "(Sara, 16 anos)

A partir desses relatos, sublinha-se que não se trata de uma ausência total de amizades na vida do adolescente, mas da inexistência de amigos íntimos, como exposto na narrativa acima – por mais que Sara transite por muitos grupos de jovens, nenhum deles tem um lugar

relevante em sua vida. Na próxima vinheta, o participante Arthur confessa a falta que as amizades fazem em sua vida, e associa essa ausência à sua maturidade precoce:

"Por tudo que eu passei, eu acabo tendo uma cabeça de velho mesmo. E é complicado, e às vezes eu queria sair, conhecer gente, fazer amigos, desabafar, tomar uma cerveja. E eu nem tô falando da fase de festa, porque eu passei tanto dessa fase que eu já nem gosto mais. Eu gostaria mais de ir na casa de alguém, tocar violão, tomar uma cerveja, escutar música e depois ir embora pra casa. Mas eu não tenho isso." (Arthur, 19 anos)

Entende-se, então, que a carência de amigos íntimos na vida desses adolescentes colocase como uma questão para os jovens, quer dizer, eles percebem essa falta como negativa e
afirmam desejar um cenário distinto. Pressupõe-se, neste sentido, que esta falta de relações
significativas entre pares pode estar relacionada à falha nos processos de construção das
primeiras relações íntimas, de apoio e de confiança – características que normalmente
descreveriam as amizades entre adolescentes. E, talvez, os sujeitos desta pesquisa, pelas
dificuldades importantes que experimentam na relação com os seus pais, também possuam
dificuldade de se abrir com estranhos.

Como desenvolvido na primeira asserção, as relações entre adolescentes e adultos, frequentemente, encontram-se marcadas por uma angústia. Essa angústia, quando originada pela confusão de línguas, provoca sofrimento intenso no adolescente. Além disso, os achados da pesquisa apontam para o fato de que as diferenças de posições deveriam estar mais definidas nas famílias atuais, considerando que esses limites são necessários para auxiliar o adolescente a atravessar essa fase da vida.

Neste sentido, retoma-se o que foi desenvolvido na primeira asserção: o jovem espera receber limites educativos por parte dos adultos e deseja que a assimetria de posições seja sustentada, já que essas fronteiras, quando bem delimitadas, são protetivas e proporcionam contenção para o adolescente, por mais que ele as conteste. Desse modo, se as posições de adulto e de adolescente estiverem bem demarcadas e os limites bem estabelecidos, esse contexto auxiliará o jovem a desenvolver confiança no ambiente, nas pessoas e no mundo em geral, sabendo que, independentemente da situação, aqueles são os lugares de cada um.

No entanto, quando os pais alternam suas posições sendo, ora adulto e ora adolescente, ou esperando dos filhos posturas que ainda não lhes competem, a confiança do adolescente no mundo pode ficar prejudicada, já que o jovem não sabe o que esperar do outro. Dessa forma,

analisa-se, nessa asserção, que a inexistência de relações importantes entre pares na adolescência pode advir de uma falta de confiança do sujeito no mundo de um modo geral.

Para aprofundar essa interpretação, que atribui a falta de relações relevantes à desconfiança do sujeito no mundo, é necessário recordar a dinâmica do trauma ferencziano desenvolvido na primeira asserção. Vale relembrar que a confusão de línguas é considerada, nesta pesquisa, essencialmente traumática e que, assim, o processo do trauma ferencziano refere-se a um encontro confuso que acontece entre as figuras parentais e o adolescente e que produz no jovem incertezas sobre os papéis e sobre os lugares ocupados.

Recorda-se que Ferenczi (1934) dividiu o trauma patogênico em dois tempos: sendo o primeiro tempo do trauma definido por um choque, quer dizer, trata-se de "um acontecimento que age de forma esmagadora sobre o sujeito, de maneira que ele não pode oferecer resistência" (Osmo & Kupermann, 2012, p. 322). Kupermann (2019) propõe chamar este tempo de *tempo do indizível*, considerando que se trata de uma experiência à qual a criança não tem como dar sentido sozinha. Ou seja, ocorreria uma violação, mas ainda não haveria o trauma propriamente dito, já que este primeiro tempo não é traumático em si.

Já o segundo tempo do trauma é caracterizado pela busca de ajuda por parte do sujeito em vulnerabilidade. A tendência da criança ou do adolescente é a de simbolização e, para tanto, recorrerá a um adulto, normalmente a mãe, ou uma pessoa de confiança, que possa auxiliar o sujeito a dar conta dessa excitação pulsional irrepresentável (Ferenczi, 1934).

Recapitula-se aqui exemplos de pedidos de ajuda por parte dos jovens entrevistados: Breno, quando se encontra muito frágil diante de uma decepção amorosa, liga para a mãe pedindo ajuda; Arthur, que sofria *bullying* no colégio, busca amparo na mãe e, posteriormente, na diretora da escola; Sara, que começa a usar maconha durante o seu intercâmbio e deixa o seu celular com uma mensagem a vista de sua mãe sobre este acontecimento; e Larissa liga para a mãe chorando para contar que foi chamada de ladra pela tia. Esses exemplos variados de pedidos de ajuda aconteceram de diferentes formas, mas todos podem ser compreendidos como tentativas de aliviar uma excitação pulsional irrepresentável com o amparo de uma pessoa de confiança (Ferenczi, 1934).

Como já explicado, Kupermann (2019) propõe chamar este tempo de *tempo do testemunho*, o qual consiste na busca por testemunhar algo da ordem do indizível por meio de alguém em quem se confia. Atenta-se aqui a uma diferença entre a confusão de línguas que envolve as crianças e a que envolve os adolescentes. A criança, necessariamente, teria que buscar ajuda em um adulto, uma vez que seu ambiente ainda está restrito a poucas pessoas de

confiança. Já no caso dos adolescentes, pode-se considerar que a amizade poderia suprir o que as relações verticais não oferecessem.

Sugere-se, desse modo, que o grupo de pares, ou uma figura importante dentro desse grupo, poderia desenvolver a relevante função no *tempo do testemunho*, e um exemplo que ilustra o pedido de ajuda a um par é a situação em que Breno não encontra o suporte na mãe e liga para um primo para confidenciar sobre seu sofrimento. Desse modo, um jovem poderia buscar em um amigo, ou em alguém da mesma idade, testemunhar o seu sofrimento, e isso cumpriria o valioso papel do testemunho enfatizado por Kupermann (2019). No entanto, de acordo com as entrevistas, os jovens não buscam, ou não encontram, nas relações horizontais a possibilidade de testemunharem o seu sofrimento e de, assim, evitar que a experiência de angústia se instaure como traumatizante.

Cabe relembrar, também, o terceiro tempo da traumatogênese, o qual Kupermann (2019) chamou de *tempo do desmentido*. Esse momento do trauma ocorre quando há uma quebra da confiança, prevalecendo o desmentido - o adulto, diante do pedido de socorro do adolescente, não o compreende, não acredita no testemunho, o pune ou reage com silêncio. O *tempo do desmentido* pode ser percebido no trecho abaixo, em que Arthur conta estar muito frágil e tenta buscar ajuda na mãe, mas não é amparado:

"Porque na escola, nessa época assim, dos nove até mais ou menos os quinze anos, eu sofri muito. E a minha mãe era aquele tipo de pessoa que ela não, não ligava. Ela dizia assim "ah, se tão fazendo isso com você, é porque você dá motivo, porque você faz também. E aí foi muito ruim, e não foi sabe, se fosse um ou dois ali, tudo bem, uma roda e tal, mas era toda a sala. Então eu via como se fosse toda a sala contra mim. Então foi muito tenso esse momento. E eu não gostava de ir pra escola, porque o pessoal, eles ficavam... me zoavam muito, me batiam... então era complicado. Quase não tinha professor, ainda mais no ensino médio, que da quinta até a sétima série foi um dos piores momentos da minha escola. Só que, nesses momentos aí não tinha professor, então assim, a gente, de todas as matérias, por exemplo, de cinco aulas que a gente fosse ter num dia, a gente só tinha três. Então nesses momentos que não tinha professor, era o momento em que a sala ficava muito dispersa e aí que eu apanhava, que o pessoal ficava me xingando, era complicado. Aí eu já cheguei a falar com a diretora, falava com a diretora várias vezes, só que a diretora também não dava atenção. Era muito complicado, na educação física eu era o alvo de tudo. Por exemplo, no jogo dos três

cortes, no vôlei, a gente ia jogar, e sempre cortavam em mim. Todos em mim, todos. E na sala de aula, eles passavam assim, saiam lá do fundo da classe deles e passavam por mim e me davam um tapa na cabeça. E me xingavam o tempo todo. E eu não fazia nada, porque se eu fizesse eles iam me espancar, eu via como se fosse toda a sala contra mim. "(Arthur, 19 anos)

Com base nesse e em outros enunciados do participante, observa-se que, além de Arthur não ter nenhum amigo, ele era extremamente hostilizado pelos colegas de classe. Diante do sofrimento experimentado, o jovem resolve contar o que estava vivenciando para a diretora do colégio e para a sua mãe, esperando que fosse amparado de alguma forma. No entanto, vê-se culpabilizado pela mãe, o que aumenta ainda mais a angústia do menino.

É importante frisar que na história de Arthur, a mãe não o acolher em sua dor torna-se mais devasso do que o *bullying* que o jovem sofria, e é isto que constitui, de fato, o trauma patogênico: pedir ajuda para uma pessoa em quem se confia, mas perceber que não tem com quem contar. Essa quebra na confiança que se tem nas figuras parentais se repete, em outro contexto, no discurso de Sara:

"Meus pais são separados, esqueci de falar esse detalhe, esqueci de contar essa. Eu tinha 12 anos quando eles se separaram. Daí meu pai já, acho que pouquinhos meses depois do divórcio, já tava morando com a minha madrasta. Meu pai tava com a minha madrasta durante o casamento. Eu soube disso depois. Até hoje eu não olho na cara dela direito, ela vem ser fofa comigo, eu dou de ombros e vou embora. Eu não gosto dela, mas eu não gosto dela por mil e outros motivos também. E ela nunca explicou que ia fazer mudança na casa, nada, ela simplesmente chegava, doava tudo do meu quarto que ela queria, mudava tudo. Meu pai casou com ela e eu não sabia, eu fui descobrir três meses depois, e não porque ele me contou, mas porque minha vó falou "vocês estão usando aliança", e aí ele disse "é, a gente casou". Eles mudaram de casa quando eu tava no intercâmbio, e aí eu não sabia nem que eles iam se mudar. " (Sara, 16 anos)

Como já mencionado, o divórcio dos pais, em si, não precisaria ser traumático para a jovem, no entanto, a forma como a situação aconteceu e foi encarada pelos adultos, afetou a confiança da filha nas figuras parentais. Dessa forma, compreende-se que, na medida em que o adolescente não confia nos pais, ele se vê impossibilitado de confiar nos pares para estabelecer uma relação íntima. Assim, o jovem se encontra sozinho, abandonado em seu sofrimento.

Enfatiza-se que a solidão vivenciada por estes adolescentes não se refere a saudável capacidade de estar só, proposta por Winnicott (1958), que diz respeito a uma aquisição desejável a todas as pessoas, principalmente para o adolescente, que possui uma demanda de solidão - sobretudo em relação aos pais.

Os adolescentes entrevistados encontram-se em uma situação de abandono traumático - uma tragédia para o adolescente - posto que caracteriza um contexto em que não há com quem lutar, não há resistência, e, portanto, não há lugar para o importante conflito geracional.

Mas, para além do abandono por parte das figuras parentais, foi constatado um isolamento em relação aos pares e um descaso por parte de outros adultos de referência. Arthur, por exemplo, como já mencionado, além de não ter com quem contar no meio familiar, é hostilizado pelos colegas e negligenciado pela diretora da escola.

Pinheiro (1995) enfatiza que a criança deposita "uma confiança cega no adulto". Entretanto, essa confiança fica comprometida na medida em que o adulto não corresponde às suas expectativas — que seriam de alguém que iria escutá-la, acreditaria nela e ajudaria a representar o que aconteceu. Diante desse desmentido a criança fica confusa: "Será o adulto ou será ela que não merece confiança?" (p.82). Desse modo, considera-se a falta de confiança dos adolescentes no mundo como uma das consequências do trauma patogênico ligado à confusão de línguas.

Posto isso, é compreensível que haja desconfiança do jovem nas pessoas a sua volta. Enfatiza-se ainda que, por mais que os resultados da pesquisa tenham se direcionado para os pais como figuras protetivas dos adolescentes, espera-se que os jovens tenham também outros adultos presentes no seu cotidiano, como um tio, um professor ou a própria diretora da escola, como no caso de Arthur. Porém, mesmo esses outros adultos, ou não aparecem nos discursos dos participantes, ou são figuras que não ocupam o lugar de ponto de apoio e de proteção para estes adolescentes.

Por fim, entende-se que os jovens entrevistados, de variadas maneiras, revelam não ter certeza se o mundo é confiável, e compreende-se que isto pode estar relacionado a confusão de línguas, que como já descrito, permeia as relações entre adolescentes e suas figuras parentais. Ou seja, quando se percebe que a pessoa que era considerada a mais confiável na vida do adolescente, na realidade, não é digna dessa confiança, a confiança do sujeito fica prejudicada de um modo geral.

Pressupõe-se, assim, que a carência de relações íntimas e significativas dos adolescentes entre pares esteja relacionada a essa problemática: "se nem a pessoa mais importante da minha

vida mostrou-se confiável, em quem eu poderia confiar? ". Com o intuito de dar continuidade a essa discussão - questiona-se: se a libido destes adolescentes não está nos amigos, onde está?

4.3 Terceira asserção: "O corpo como campo de batalha diante de uma dor psíquica não legitimada"

"Morrendo de raiva de alguma coisa, ansioso e com raiva, tudo aquilo em cima de mim... eu pegava, tirava a luva e ia bater no saco de pancada até machucar minha mão. Daí eu ficava com a mão toda zoada Várias vezes eu já cheguei a ir com a mão toda enrolada assim de faixa, tudo estourado" Arthur, 19 anos

A terceira e última asserção desta pesquisa refere-se ao lugar central que o corpo ocupa nas tentativas dos jovens de enfrentar o sofrimento experimentado, e baseia-se na reflexão realizada na primeira asserção para o seu desenvolvimento. Assim sendo, diante de uma dor psíquica não legitimada pelas figuras parentais ou por outros adultos de referência — isto é, frente a predominância do desmentido - reflete-se sobre as formas que o corpo se coloca enquanto um campo de batalha para estes jovens.

Propõe-se, então, essa terceira asserção como resultante das outras duas, acreditando que a confusão de línguas entre adolescentes e seus pais provoca no jovem um sofrimento intenso e, diante desse contexto, o corpo mostrou possuir um lugar de destaque nas tentativas de estancamento da angústia. Ressalta-se, desse modo, que nesta pesquisa, a palavra "batalha" se refere a uma espécie de embate do jovem consigo mesmo ou com as figuras parentais.

Cabe frisar que, em alguns casos que serão apresentados, o corpo entra como forma de tentativa de aliviar a angústia, mas não pela via da batalha física. Além disso, vale salientar que não se pretende aqui interpretar os diferentes usos como positivos ou negativos - o que essa asserção pretende destacar é a predominância do corpo do adolescente nas diferentes tentativas de lidar com a angústia.

Inicialmente, é importante lembrar o que o corpo significa para o adolescente. Sobre esse tema, Macedo, Gobbi e Waschburger (2009) contribuem ao postular que "o corpo ocupa um lugar de destaque sempre que é abordada a adolescência. Nesse sentido, o corpo adolescente evidencia manifestações da mudança e explicita diferenças concretas e psíquicas em relação à infância, constituindo-se em um território privilegiado de expressão" (p. 96). Desse modo, constata-se que o corpo do adolescente possui um lugar central nesta fase da vida, tanto pelas mudanças incontroláveis que sofre, quanto pelas possibilidades e limites que encontra.

Para refletir sobre o uso do corpo pelos adolescentes entrevistados, é importante retomar o conceito de desmentido proposto por Ferenczi (1933) e discutido anteriormente. Isso porque acredita-se que esta batalha pode ser reflexo da ausência de figuras de referência disponíveis para testemunhar e legitimar a dor psíquica do jovem. Relembra-se, ainda, que os conceitos de confusão de línguas e de desmentido, propostos por Ferenczi (1933), estão fundidos e, portanto, são considerados como sinônimos nessa pesquisa.

Dessa maneira, como já afirmado, é imprescindível que haja uma assimetria na relação entre adultos e adolescentes e isto pressupõe a demarcação e sustentação dos diferentes papéis e responsabilidades. Essa dissimetria, quando legitimada, pode vir acompanhada de alguns confrontos entre as figuras parentais e os adolescentes - os quais são esperados - uma vez que é próprio do adolescente contestar os limites e tentar impor suas vontades.

Este embate é promovido, em geral, pelo próprio adolescente e precisa ser sustentado pelo adulto, como lembra Kupermann (2007), quando aponta que o jovem deseja e precisa experenciar a sua rebelião, porém necessita de um ambiente seguro, que o acolha, o proteja e o contenha nessa turbulência (Winnicott, 1961, 1964, 1975). Entretanto, quando falta o acolhimento e a sustentação dessa "revolta" por parte dos pais, como ilustrado em diversos exemplos dos participantes, o adolescente não tem a quem dirigir essa inquietação, e as saídas que adota para tentar dar lugar ao embate pressupõem o uso do corpo.

Neste sentido, foi possível considerar, a partir das histórias dos participantes, que, na medida em que os pais não os auxiliam no manejo dos afetos, e os jovens também não encontram refúgio na relação entre pares, o conflito fica impossibilitado de ser expresso pela palavra, e o corpo entra em cena. Para ilustrar esta situação, lembra-se da história de uma das participantes da pesquisa, a qual associou sua vontade de fazer intercâmbio com a experiência da separação de seus pais, que a fez se sentir muito sozinha. Por mais que se compreenda que o divórcio possa trazer sofrimento para as figuras parentais, a menina, de apenas 12 anos na época, não se sentiu acolhida e cuidada na dor que ela também sentia. Em sua associação, a jovem disse que:

"Então foi muito difícil pra mim. Acho que isso contribuiu, porque logo depois do divórcio que eu comecei a falar "Nossa, eu vou passar um tempo fora, eu preciso morar fora do Brasil". Eu acho que eu já queria sentir um pouco o que era ter uma situação longe disso tudo, porque... eu tava bem sozinha. ... Eu sempre falava que eu queria muito passar um tempo morando fora, que eu queria pelo amor de Deus sair daqui e

ter uma experiência de liberdade de estar em outro lugar, de estar sozinha, de estar me reconstruindo. "(Sara, 16 anos)

A partir dessa vinheta, entende-se que Sara, diante da dor experimentada, preferiu retirar-se do espaço familiar, indo morar, aos 15 anos, em outro país. Além disso, a jovem relatou que, na época da separação, não conseguiu falar sobre seu sofrimento, pois sua mãe estava tão fragilizada que parecia demandar mais cuidado. A adolescente contou, ainda, que durante este intercâmbio, teve experiências importantes que lhe possibilitaram utilizar o corpo como forma de expressão, algo que não acontecia no Brasil:

"A expressão artística que eu tinha no Canadá, aqui eu não vou poder ter nunca. Porque lá você forma sua grade escolar de acordo com as matérias que você vai querer cursar na faculdade. E aí eu foquei minha grade muito mais em artes e comecei a pegar um monte de matérias de teatro, de artes, tudo que envolvesse corpo mesmo, então eu me expressava muito mais na escola e não ficava uma coisa estressante." (Sara, 16 anos)

Com base nesta fala, interpreta-se que o corpo entrou em cena como um recurso psíquico da jovem para tentar expressar seus conflitos e aliviar a angústia sentida diante das situações familiares que vivenciou. No entanto, por mais que em outro país a expressão artística possa ser mais valorizada, questiona-se o motivo dessa expressão não poder acontecer no Brasil, e associa-se isso à impossibilidade de Sara de expor sua angústia na ocasião da separação dos pais. Além disso, sobre esse período, relembra-se a situação já exposta na primeira asserção: quando sua mãe descobre que a jovem começou a usar drogas durante o intercâmbio, e retoma-se a explicação de Sara para este uso: "Eu usava pra me sentir melhor, acho que é porque eu me sentia longe de todos os problemas que eu tinha no Brasil".

Assim, a narrativa de Sara manifesta o uso do corpo via expressão artística e pelo uso de drogas. Considera-se que alguns usos do corpo podem representar formas saudáveis de lidar com a dor psíquica, como a expressão artística de Sara. Por outro lado, apesar de compreender-se que um intercâmbio possibilite o encontro com a liberdade desejada na adolescência, na transferência, foi possível perceber um excesso neste desejo, o qual pareceu ir além da busca por liberdade.

Para dar continuidade à discussão sobre o uso do corpo, resgata-se um trecho da entrevista de Arthur, já mostrado anteriormente, a fim de refletir sobre a dor psíquica acarretada por seu desamparo:

"Aí eu já cheguei a falar com a diretora, falava com a diretora várias vezes, só que a diretora também não dava atenção. E aquilo do colégio mesmo, que me zoavam muito. Era muito complicado, na educação física eu era o alvo de tudo. Por exemplo, no jogo dos três cortes, no vôlei, a gente ia jogar, e sempre cortavam em mim. Todos em mim, todos. E na sala de aula, eles passavam assim, saiam lá do fundo da classe deles e passavam por mim e me davam um tapa na cabeça. E me xingavam o tempo todo. E aí eu contava pra minha mãe e ela falava que eu devia estar fazendo alguma coisa pra merecer isso, que era besteira. E eu não fazia nada, porque se eu fizesse eles iam me espancar. Na escola foi bem difícil. "(Arthur, 19 anos)

Essa fala parece ilustrar o desmentido ferencziano (1933), isto é, o adolescente, hostilizado e excluído pelos colegas da escola, pede ajuda para duas adultas de referência, no entanto, nenhuma acolhe o jovem em seu sofrimento. A diretora, como Arthur mesmo diz, "não dava atenção" (sic), e a mãe, além de não acolher o filho, dizia que a culpa do bullying que sofria era dele. Perante essa situação, o jovem busca no corpo maneiras de defender-se, como confessado a seguir:

"E aí, depois que eu resolvi, aí que eu resolvi praticar esportes. Eu falei "não, eu preciso me defender de alguma forma". Aí eu comecei a praticar esportes pra fazer minha auto defesa. Aí eu comecei a praticar esportes em torno, acho que da sétima série mais ou menos, em torno da sétima série. E aí eu comecei a praticar esportes e tal, daí na primeira vez no primeiro ano, as coisas começou a melhorar pra mim porque daí eu comecei a me defender, e aí o pessoal já não fazia mais o que faziam comigo. Quando dava um ataque de ansiedade ou alguma coisa assim, eu ia pro treino, daí no final do treino eu pegava, que assim, era 20h, 21h, eu morrendo de raiva de alguma coisa, eu pegava e, ansioso com raiva, tudo aquilo em cima de mim, e pensando... daí eu pegava, tirava a luva e ia bater no saco de pancada até machucar minha mão, daí eu ficava com a mão toda zoada, aí várias vezes eu já cheguei a ir (para a escola) de... com a mão toda enrolada assim de faixa, e tudo estourado." (Arthur, 19 anos)

A partir do discurso de Arthur, constata-se que, frente à ausência de adultos que o protegessem, uma das estratégias utilizadas pelo jovem foi a prática de esportes a fim de cuidar de si mesmo. No entanto, o esporte o aproximou das drogas, como relatado a seguir:

"Só que aí que tá... aí eu comecei a me enturmar com outras pessoas... eu não sei se foi por causa do meu passado ou o que, mas eu comecei a me enturmar com outras pessoas. E essas pessoas que eu comecei a me enturmar, foi aí que eu comecei a desviar de um caminho. Aí, eu acho que em torno dos quinze, em torno dos quinze mais ou menos, eu comecei a fumar, não cigarro, eu fumava maconha com quinze anos. E daí foi só evoluindo... foi mais a maconha mesmo, o que eu mais usei. Cheguei a maconha, depois cocaína, depois LSD... deixa eu ver, já cheguei a usar a injetável também... pelo o que eu me lembre, é só. Se teve outra, eu não lembro. Pelo o que eu me lembre, é só. Era bom usar pelas alucinações, por exemplo, a maconha era interessante porque eu me sentia feliz, né. Esse era o efeito dela em mim, eu me sentia feliz. E as outras mesmo é a sensação de euforia, adrenalina e tudo. É que sem droga, eu ficava pensativo demais... daí sei lá. Com a droga eu acabava não pensando em nada. " (Arthur, 19 anos)

Dessa forma, na mesma direção do caso de Sara, predomina na fala de Arthur o uso drogas como forma de anestesiamento da dor psíquica. Cabe salientar que Arthur, por possuir menos recursos financeiros do que Sara, não poderia fazer intercâmbio a fim de se distanciar dos seus problemas, por exemplo. Assim, o adolescente fez uso do corpo de outras maneiras - esportes de luta para enfrentar o *bullying*, uso de drogas para anestesiamento da dor psíquica e, inclusive, pela violência física, como nota-se no trecho a seguir da entrevista de Arthur:

"Ah, teve uma vez que minha vizinha me segurou numa briga com meu padrasto. Nessa época, eu tinha uma espada, eu tinha acabado de comprar uma espada pro treino de Kung Fu. E aí meu padrasto chegou em casa e foi pra cima da minha mãe. E aí eu vi aquilo e fiquei com raiva e falei "não, não pode! Por que você vai bater nela? ", e comecei a gritar pra ele soltar e ele não quis soltar. Daí ele me mandou calar a boca e eu falei "beleza então". Fui no meu quarto, peguei a espada, e ele tava sentado com o tênis no pé assim, só que o tênis tava calçado pela metade, então tinha uma parte pra trás. E eu falei "solta ela", e ele falou "não, não vou soltar", e eu falei "tá bom então",

e fui lá e cravei a espada no tênis dele, mas não pegou no pé porque tava metade pra fora. Aí ele falou "você tá louco?", e eu falei "se você não soltar ela, eu te mato", e ele falou "eu não vou soltar ela", e eu falei "você tem certeza? Eu te mato, to falando sério", daí ele soltou. Daí eu falei "agora você pega sua chave e sai daqui, se você não sair, vai morrer". Daí ele saiu. Daí ele chamou a polícia, os policiais vieram conversar comigo pra saber o que tinha acontecido, queriam me levar pra dar depoimento e eu falei "não vou dar depoimento, só tava defendendo a minha mãe." (Arthur, 19 anos)

Neste relato, fica clara a tentativa de Arthur de proteger e cuidar da mãe, o que por si só já denuncia uma confusão de lugares, além do comportamento do padrasto que parece estar brigando com outro adulto, desconsiderando a necessidade de cuidado e de proteção do jovem. Além disso, o padrasto parece não se atentar ao fato de que, ao agredir a mãe de Arthur, também provoca sofrimento no adolescente.

Dadas as circunstâncias, fica explícita a predominância do corpo como forma de descarga da angústia. Arthur, além de precisar lidar sozinho com as dificuldades que sofria na escola, enfrentava problemas em casa e, pela impossibilidade de expressar seus conflitos, a violência física se fez presente no confronto com uma das figuras parentais como outro sentido do uso do corpo. Neste mesmo sentido, percebeu-se que os embates físicos entre os pais e os adolescentes se fizeram presentes nas narrativas de outros dois participantes:

"E todo final de semana, de sexta a domingo, pode contar que era briga... então, ele tem até hoje um corte, que eu.. eu fiquei muito brava de ver aquilo ali, eu chorava... quando minha vó ligava pra mim, eu chorava, porque eu não aguentava mais! Por que desde os meus 14 anos até os meu 16, era briga! Ele tem um corte porque tinha um espelho enorme em casa, e ele não tinha mais condições de nada, e ele saiu pra roubar com os amigos dele. Foi quando eu quebrei o espelho, peguei um vidro e cortei o braço dele. Daí ficou parecendo uma minhoquinha o braço dele. Ele levou uns 15 pontos. E teve outro dia também, que quando nós brigou, eu tava fazendo feijão, na panela de pressão, e joguei a panela de pressão na cabeça dele. Aí ele levou dois pontos. Porque ele falava que, como nós mora em comunidade, e eu sempre defendia a minha mãe, então ele falava que eu ficava dando pros caras nas biqueiras, que eu vivia fumando droga... só que eu nunca usei nenhum tipo de droga!" (Larissa, 18 anos)

"Agredir é uma palavra muito forte, mas eu já precisei dar uns socos. Não muito forte, não querendo machucar, mas pra me defender na hora da raiva. Empurrar ela, dar um soco meio fraco. E os motivos das brigas eram sempre os mesmos, eu não fazer as coisas na hora que ela quer, basicamente esse o motivo." (Breno, 19 anos)

Essas vinhetas denunciam que os embates entre os filhos e as figuras parentais, frequentemente, são expressados via violência física, que acontece nos dois sentidos – adolescente agredindo o adulto, e vice-versa. Assim, vale ressaltar que o corpo a que se faz referência nessa asserção não se limita ao corpo do próprio jovem, mas envolve também o corpo dos pais que se faz presente nos embates físicos entre pais e filhos. Entende-se que, diante do desmentido, o corpo entra em cena como uma das formas de evacuação desse sofrimento que não é nomeado, e, consequentemente, não consegue ser elaborado.

Acredita-se que, recorrentemente, o sofrimento do jovem não é legitimado justamente pela fragilidade das figuras parentais, que utilizam o desmentido como defesa contra a percepção de que o filho está sofrendo, contra a sensação de não estar sendo capaz de lidar com o seu próprio sofrimento ou, até mesmo, contra as instabilidades que um adolescente provoca em um núcleo familiar. Dessa maneira, pressupõe-se que a dificuldade de enxergar e lidar com o sofrimento do adolescente, leva os adultos a fingirem que nada aconteceu, ou que o sofrimento do jovem não é válido. Para pensar sobre esta situação, recorda-se da situação narrada por Breno, na qual ele conta que tentou entrar em coma para aliviar sua dor:

"Foi um incidente que aconteceu ano passado em que eu tentei me matar entre aspas. Todo mundo fala que eu tentei me matar, mas não, o que eu queria era entrar em coma. Que o que aconteceu? Eu tava super apaixonado por uma garota, meio que a gente tava ficando, só que eu não interpretando as coisas do jeito certo. E daí quando ela disse que não queria mais, eu fiquei louco da cabeça! O que que eu fiz, primeiro eu tentei procurar ajuda, mas como eu não tenho amigos próximos, falei pra minha mãe um pouco do que tinha acontecido. E minha mãe disse que era bobagem, que todo mundo passa por isso. Só que isso não me ajudou. Falei com um primo meu que teve os problemas dele né e ele me falou que ia na minha casa no final de semana. Mas eu não consegui esperar. E aí eu tomei uma overdose de medicamentos, tomei ácido valproico e tomei junto whisky, porque enfim, eu não me lembro de onde eu tinha ouvido falar que tomar bebidas com remédio pode dar coma. E sim, na teoria deu certo, porque eu dormi por 20 horas, então foi um mini coma. Eu queria que aquilo passasse logo, aquela

sensação que eu tava, de tá muito, muito mal, que passasse logo. E que só o tempo passasse pra ver o que iria acontecer. E o que aconteceu é que no outro dia eu acordei no outro dia e comecei a vomitar na casa toda, foi uma desgraça, né, eu não tenho o fígado muito bom, então qualquer coisinha mais forte ele não aguenta. Enfim, qualquer coisinha um pouco mais forte, ele bota pra fora. Então, como eu tinha bebido bastante bebida com remédio junto, eu acabei vomitando, eu fiquei acho que umas duas ou três horas vomitando sem parar. "(Breno, 19 anos)

Na fala de Breno, mais uma vez, constata-se o desmentido: primeiramente, pelo pedido de ajuda que o adolescente direcionou a sua mãe, na esperança de que ela o auxiliasse a encontrar uma saída para sua dor. Entretanto, a mãe não acolhe esta solicitação, se limitando a dizer que era "bobagem, que todos passam por isso". Diante da falta de amparo, Breno se viu sozinho para lidar com a sua angústia e fez uso do próprio corpo para tentar apaziguar sua dor.

Além do mais, o jovem conta que tudo aconteceu porque "eu não tava interpretando as coisas do jeito certo. Eu não tava entendendo na minha cabeça que ela queria só ficar comigo". Pressupõe-se, desse modo, que a relatada dificuldade de compreensão da situação também possa estar relacionada à falta de nomeação e de manejo dos afetos e de situações da sua própria vida. Sobre a ocasião em que Breno ingeriu medicamentos e bebida alcoólica para entrar em coma, ele conta:

"Meu pai, a primeira coisa que ele pensou quando me viu daquele jeito foi que tinha sido uma intoxicação alimentar, alguma coisa assim, que na teoria foi mais ou menos isso que aconteceu. Foi uma intoxicação de outras coisas. E tipo, a gente foi no médico e eu falei o que aconteceu de verdade, antes de eu ser internado, e tipo, ele falou: não vale a pena fazer isso por mulher." (Breno, 19 anos)

"Ah, tipo eu tenho bipolaridade e depressão. Eu sei que bipolar não é estar uma hora bem e outra hora triste, mas eu vou usar isso como exemplo assim. Tipo, uma hora eu tô bem feliz e outra hora eu tô bem pra baixo, e também, tem uma hora que eu tô feliz e qualquer coisinha eu já fico muito bravo. Daí nesses momentos, no caso eu tenho um rivrotril pra eu colocar embaixo da língua pra quando eu ficar muito emocional. Daí eu tomo e isso me acalma. "(Breno, 19 anos)

Ou seja, no primeiro relato é manifesto o uso do corpo – via ingestão excessiva de medicamentos - como tentativa de dar conta de uma "intoxicação" de sentimentos, como explicado pelo próprio jovem. Após este acontecimento, o adolescente é encaminhado para um psiquiatra, sendo diagnosticado com bipolaridade e medicado. Acredita-se ser prudente o acompanhamento psiquiátrico e medicação do jovem diante destes episódios, no entanto, ressalta-se a necessidade de um lugar que proporcione ao adolescente falar sobre suas "intoxicações". Em contrapartida, ele conta sobre outro uso do corpo que o auxilia positivamente em suas dificuldades:

"Eu vou em uns eventos e me fantasio com personagens, eu tenho tipo três personagens diferentes que eu faço. Eu tenho esse negócio do pessoal chegar e pedir pra tirar foto. De Jason Voorhees, o assassino, de o Senhor Incrível dos Incríveis e de Luigi do Super Mário. O Luigi é algo de infância, que me traz memórias da infância, que eu amava ele. O senhor incrível também vem da infância, que eu gosto desde pequeno. E o Jason... é mais porque eu comecei a me interessar há uns anos atrás por filmes de terror, essas coisas assim, e eu acabei gostando, e foi o mais acessível que eu achei pra fazer. E teve uma vez que eu fui em uma festa a fantasia, e eu fui fantasiado de Jason e nossa, e eu fico muito mais solto de fantasia. E quando eu to de fantasia eu fico com uma garota, e eu fiquei com duas garotas. Então sei lá, as fantasias que eu uso têm algo que me deixam mais aberto, muito mais eu, eu me sinto eu. " (Breno, 19 anos)

É possível relacionar o uso da fantasia, exposto por Breno, com o teatro, relatado por Sara, já que ambos trazem um aspecto em comum: encenando uma outra pessoa – ou um personagem-, sentem-se mais perto de si mesmos. Além disso, de acordo com as narrativas, essas utilizações do corpo – fantasiar-se e expressar-se via teatro - auxiliaram os jovens a diminuir a angústia.

Mas, essa asserção pretendeu demonstrar, principalmente, que os casos em que o conflito fica impossibilitado de ser expresso, parte-se para o uso do corpo como forma de apaziguar essa angústia vivida. E, apesar de alguns usos poderem ser interpretados como saudáveis, a maioria indicou o lugar do corpo ligado à violência corpórea - presente nos embates físicos entre pais e filhos – ao uso de drogas e ao abuso de medicamentos.

Sobre essas modalidades de uso do corpo pelos adolescentes, Birman (2006) postula que as drogas representam um antídoto contra o sofrimento e o exercício da violência configura

uma resposta ao sentimento de impotência dos jovens frente aos tempos sombrios da atualidade. Nesta direção, faz-se importante marcar que atualmente o corpo também desempenha um lugar de destaque na sociedade e nas mídias de comunicação.

Ao encontro dessa constatação, tem-se ainda o fato de que a adolescência é um dos campos mais influenciados pela mídia. Sobre este contexto, Savietto e Cardoso (2006), indicam que "a mídia acabou fortalecendo a participação do corpo físico na composição identitária" (p. 27). Por isso, considera-se que essas circunstâncias possam estar servindo como um incremento ao uso do corpo como meio de expressão por estes jovens, como se essa supervalorização fosse sugestiva (Maroun & Vieira, 2008).

Para concluir, relembra-se que o desmentido se coloca como fonte de sofrimento para esses jovens, uma vez que não são reconhecidos pelas figuras parentais em suas angústias. Além disso, diante das circunstâncias, os adolescentes mostraram não possuir amizades íntimas, que, por sua vez, poderiam ajudá-los na travessia da adolescência — e, talvez, esta carência esteja relacionada a incapacidade de confiar. Logo, foi possível observar que, ao invés de falar, os jovens recorrentemente atuam, e compreendeu-se que talvez isto ocorra por não terem a quem direcionar o seu sofrimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Meus pais não querem Que eu fique legal Não vai dar, assim não vai dar Como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar? Não vai dar, assim não vai dar Pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar" (Trecho da música "Rebelde sem Causa" - Ultraje a Rigor, 1984)

Após o caminho percorrido até aqui, é necessário relembrar a hipótese inicial desta pesquisa, segundo a qual os excessos, marcados pela presença ou pela ausência das figuras parentais, configurariam um incremento ao sofrimento inerente vivido pelo adolescente. A partir desta hipótese, formulou-se o objetivo geral deste trabalho, que foi investigar, por meio da narrativa de adolescentes sobre as suas vivências, qual seria o lugar atribuído às figuras parentais no seu sofrimento psíquico. Já o objetivo específico era o de explorar as estratégias de enfrentamento dos adolescentes diante dos conflitos vividos com essas figuras parentais. Procurou-se compreender, então, os elementos que, nas relações de jovens com seus pais, poderiam representar um incremento ao sofrimento próprio desse período da vida.

O levantamento bibliográfico desta pesquisa foi composto, principalmente, pelas contribuições de autores clássicos, como Sigmund Freud e Donald Winnicott, e por artigos psicanalíticos contemporâneos sobre a adolescência. Isto com o intuito de discorrer sobre o significado da adolescência para a psicanálise, sobre as diferentes demandas impostas ao jovem nesta fase da vida e a respeito do destaque que a relação entre pais e filhos possui durante este período.

Recorda-se que, para a coleta de dados, foram entrevistados quatro adolescentes, entre 14 e 19 anos, de ambos os sexos. As questões norteadoras das entrevistas desta pesquisa foram as seguintes: história de vida do participante, relação com as figuras parentais, experiências significativas da adolescência e estratégias para lidar com o sofrimento psíquico.

É importante relembrar que a elaboração desta dissertação se baseou no conceito psicanalítico de realidade psíquica - lugar do fantasmático, vinculado à narrativa e não à efetividade da pureza do fato (Freud, 1911; Baas, 2001). Além disso, é fundamental salientar, novamente, que toda a dissertação foi desenvolvida a partir do ponto de vista do jovem. Pressupõe-se, assim, que se as figuras parentais também tivessem sido entrevistadas, a análise seria diferente, pois haveria diferentes versões sobre os fatos, por exemplo. Neste sentido, como já enfatizado, a análise das entrevistas não pretendeu culpabilizar o adulto pelas difíceis

situações relatadas pelos participantes, mas sim inseri-lo também nesse campo de atordoamento do ser e, talvez, ajudá-los a compreender melhor as necessidades dos adolescentes.

Em relação aos participantes desta investigação, é válido relembrar que, apesar de não ter sido aplicada uma ficha de dados pessoais e sociodemográficos na ocasião da entrevista, foi possível perceber, por meio das narrativas dos participantes, que eles pertenciam a diferentes classes sociais. Destaca-se esse fator como um ponto importante deste trabalho, já que demonstra a presença dos elementos centrais da pesquisa em jovens de classe social mais baixa até a classe mais alta.

A partir dos resultados encontrados, pode-se afirmar que a hipótese ampliou-se, já que se observou que o sofrimento dos adolescentes não é causado apenas pelos excessos de presença ou de ausência das figuras parentais. A nova hipótese com que esta pesquisa se defrontou é a de que a confusão de línguas perpassa as relações entre os adolescentes e suas figuras parentais, produzindo dor psíquica ao jovem. Sendo assim, a percepção da confusão entre duas linguagens distintas na relação entre adolescentes e seus pais apareceu como uma proposta teórica nesta investigação – como será retomado em seguida.

Sobre a ampliação da hipótese em um trabalho investigativo, já foi mencionado que Erickson (1997), autor que desenvolveu o método utilizado neste trabalho, salientou que a interpretação final da pesquisa é extremamente valorizada quando o pesquisador é capaz de demonstrar que seu modo de pensar transformou-se ao longo do trabalho. Considera-se que isso se concretizou no percurso desta pesquisa: a hipótese inicial se desenvolveu a partir das entrevistas realizadas.

O método da Análise Interpretativa (Erickson, 1997), utilizado para a análise dos dados dessa dissertação, oferece ao pesquisador a instrumentalização para descobrir, no material coletado, os aspectos universais e particulares que estejam presentes em cada caso analisado. Trata-se do reconhecimento de uma generalização lógica e não estatística que acarreta na criação de asserções, as quais auxiliam na organização dos dados na forma de classificação dos assuntos que surgem no texto.

Esse método propõe que a pesquisa se desenvolva dos dados em direção à teoria, e não o contrário. Por isso, após o levantamento bibliográfico inicial dessa pesquisa, partiu-se para a análise das entrevistas, buscando deixar a teoria desenvolvida em suspenso, em um certo esquecimento, a fim de tentar possibilitar que os dados falassem por si. Dessa forma, a partir do que as narrativas suscitavam na pesquisadora, o corpo teórico dos resultados foi se desenvolvendo e, assim, sendo costurado à elaboração das asserções (Erickson, 1997).

Para compreender o fato de que uma asserção engloba aspectos do singular e do geral, ao mesmo tempo, pode-se pensar que a confusão de línguas esteve presente em todos os casos entrevistados, mas em cada família ela se manifestou de uma forma diferente. A carência de relações entre pares, expressa na história de todos os participantes, também apareceu de jeitos variados em cada caso. Bem como o uso do corpo, que foi apresentado de maneiras singulares na narrativa de cada adolescente.

Além disso, todos os jovens, de diferentes maneiras, em algum momento, direcionaram um pedido de ajuda às figuras parentais, buscando auxílio para lidarem com a dor psíquica sentida. A singularidade de cada caso pode ser observada nos seguintes exemplos: enquanto a mãe de Sara ouviu o pedido de ajuda e tomou providências para tentar auxiliar a filha, a mãe de Breno, além de não amparar o jovem, afirmou que sua angústia era "bobagem".

Destacou-se ainda, na história de todos os participantes desta pesquisa, a não permanência das figuras parentais, manifestada pelas separações dos pais, pelas trocas de parceiros e pela existência de padrastos e de madrastas na vida dos adolescentes – tais situações estiveram presentes em todas as narrativas dos entrevistados. É claro que essas novas configurações familiares, tão comuns nos dias de hoje, por si só, não podem ser consideradas como fonte de sofrimento para os adolescentes. Mas, o que se deseja destacar é o fato de que as diversas mudanças relatadas nas famílias dos participantes estão acompanhadas por uma inconstância das figuras parentais na vida e no cotidiano dos jovens – visto que os pais parecem não sustentar a posição de autoridade.

Sobre essas circunstâncias, Savietto e Cardoso (2012, p. 355) afirmam que:

desde que cada um ache seu lugar, todas as figuras são possíveis nas mais diversas configurações familiares hoje existentes. Entretanto, as figuras parentais encontram-se frequentemente perdidas, tendendo à incapacidade de achar seus lugares, de exercer sua autoridade de forma mais adequada e de, dessa forma, deixar marcadas as diferenças simbólicas que dão ensejo à assimetria geracional.

Ainda nesta direção, outro aspecto que chamou atenção nas narrativas foi a fragilidade psíquica das figuras de referência. Isto é, esses adultos, que deveriam ser protetores, mostramse, recorrentemente, frágeis, incapazes de estabelecer limites entre as posições de adulto e adolescente e, ainda, irresponsáveis no que diz respeito aos filhos. Para ilustrar esta constatação, recorda-se da mãe de Arthur, a qual não impede o marido de gastar todo o dinheiro em bebidas alcoólicas, mesmo que isso prejudique toda a família. E relembra-se, ainda, da mãe de Larissa,

que, por medo das agressões físicas que sofria por parte do marido, pedia para que os filhos deitassem com ela na cama.

Para a interpretação dos resultados, priorizou-se as contribuições do psicanalista Sandór Ferenczi no que diz respeito à confusão de línguas, ao desmentido e ao trauma patogênico – três conceitos que são enredados. Desse modo, a partir dos cenários relatados, a primeira asserção foi intitulada "A confusão de línguas entre adolescentes e seus pais *versus* conflitos geracionais", e propôs uma releitura do texto ferencziano "Confusão de línguas entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)", refletindo sobre o mesmo no âmbito da adolescência. Após a análise das entrevistas, verificou-se que as relações entre adultos e adolescentes estão marcadas por uma confusão de línguas, e que esta é fonte de intenso sofrimento para estes jovens.

Considerando que a adolescência é uma fase da vida marcada por diferentes demandas, internas e externas, evidenciou-se que a confusão de línguas entre pais e filhos traz uma intensificação daquilo que já se espera das conflitivas e das dificuldades da adolescência. Como já explicado, essa confusão pressupõe a existência da linguagem da paixão, que está relacionada ao que seria próprio da onipotência narcísica do adulto, e da linguagem da ternura, que seria da ordem da ilusão de onipotência lúdica infantil. Relembra-se que a linguagem da ternura corresponde a um convite à relação de cuidado (Kupermann, 2019), e, portanto, não se refere só às crianças, mas também aos adolescentes, ou até mesmo aos adultos em situação de vulnerabilidade frente a outro adulto, por exemplo. Recorda-se, ainda, que por mais que os termos que Ferenczi (1933) utilize para explicar a confusão de línguas remetam ao abuso sexual, ela não se restringe a esse tipo de acontecimento, mas diz respeito à toda situação em que uma das posições não é legitimada, percorrendo o seguinte sentido: há duas lógicas diferentes, mas uma se impõe exacerbadamente sobre a outra, a dominadora sobre a vulnerável.

Partindo-se da lógica ferencziana, compreende-se que os adolescentes, ao vivenciarem situações difíceis, por exemplo, lançarão um pedido de ajuda em direção a um adulto de referência, normalmente uma das figuras parentais – por mais que haja um afastamento normal entre pais e filhos nesse período. Frente a isso, caberia aos adultos a função de ouvir, compreender e acolher esse pedido de ajuda, auxiliando, assim, o adolescente a encarar e lidar com os acontecimentos que, segundo a leitura de Kupermann (2019), podem ser chamadas de indizíveis.

Entretanto, as entrevistas denunciaram um cenário em que, normalmente, e infelizmente, essa assistência não acontece. E, como frisado anteriormente, o maior dano está

justamente na recusa frente ao pedido de ajuda do sujeito em vulnerabilidade, isto é, na afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo na punição frente a esta solicitação (Ferenczi, 1934; Kupermann, 2019).

Além disso, os resultados levantaram a importância de diferenciar a noção de confusão de línguas, produtora de sofrimento para o adolescente, e a de conflito geracional, fundamentalmente necessário para a travessia deste período. Como já explicado, os conflitos de geração não são produtores de angústia, pelo contrário: na maior parte das vezes, produzem contenção para a angústia experimentada (Winnicott, 1971). Sabe-se, segundo a teoria winnicottiana, que é próprio do adolescente procurar contenção de sua turbulência por meio de embates, os quais devem ser sustentados por seus pais. Neste sentido, Winnicott (1971) estabelece duas condições essenciais que as figuras parentais precisariam dispor para auxiliarem os filhos a atravessarem a adolescência: sobreviver à rebeldia e não retaliar.

A mencionada necessidade dos pais de sobreviverem, pressupõe não humilhar os filhos, não mudar de atitude e, assim, permanecer confiável. Vale salientar que a sustentação da autoridade por parte das figuras parentais, fundamental para a vivência do conflito geracional, se exerce via aceitação, e, na maioria das vezes, pela incompreensão por parte dos filhos (Winnicott, 1971). Isto é, faz parte do adolescente contestar os limites, mas é fundamental que ele encontre resistência e que tenha com quem brigar.

Isso consolida, para o adolescente, a sensação de confiança e possibilita o exercício da ambivalência, como descrito anteriormente (Winnicott, 1971). Porém, ao invés deste cenário, as entrevistas denunciaram que as relações entre pais e filhos adolescentes estão, predominantemente, marcadas por violências de diferentes ordens, humilhações, abandonos e trocas de papéis – sendo estas situações compreendidas como confusão de línguas.

Salienta-se que não há como elencar apenas um conceito chave que possa definir uma situação como sendo uma experiência de confusão de línguas ou como conflito de gerações, já que essa diferenciação dependerá de inúmeros aspectos. Mas foi possível constatar que, enquanto o conflito geracional pressupõe o exercício da ambivalência, a confusão de línguas abole essa possibilidade. Sobre essa discussão, concluiu-se que é indispensável, para o desenvolvimento psíquico saudável do adolescente, que a dissimetria de momentos e de posições entre os adolescentes e as figuras parentais sejam sustentadas.

Para relacionar essa reflexão às entrevistas realizadas, relembra-se que o encontro confuso entre o adolescente e seus pais se dá, por exemplo, pela mãe que sofre agressões físicas e é traída pelo marido, e que espera proteção do filho de 19 anos, além de obrigá-lo a trabalhar

de domingo a domingo, não levando em consideração as obrigações que o adolescente tem com os estudos. Outro caso seria o da mãe que não ajudou o filho quando o mesmo a acionou, acarretando em uma tentativa de suicídio. Essas modalidades de situação pressupõem o desmentido ferencziano (1933) e colocam o sujeito em estado de intensa angústia, provocando um sofrimento que dificulta a travessia dessa fase da vida.

Ao encontro dessa ideia, Savietto e Cardoso (2006, p. 36) propõem o seguinte questionamento: "Será que os pais da geração contemporânea de adolescentes estão sendo capazes de oferecer o suporte narcísico solicitado por seus filhos? ". A partir dos resultados levantados por esta pesquisa, observou-se que as figuras parentais se encontram, frequentemente, impossibilitadas de proporcionar aos filhos esse auxílio, tão fundamental para a travessia deste período. Desse modo, há um enfraquecimento da possibilidade de o jovem elaborar e violência interna experimentada e superar o desamparo vivido e, de acordo com Cardoso (2006), esse cenário intensifica o recurso a passagens ao ato.

Já a segunda asserção, denominada "A carência de relações significativas entre pares na adolescência", foi, inicialmente, uma surpresa para a pesquisadora. No entanto, posteriormente, percebeu-se que este elemento "inesperado" também estava relacionado aos outros resultados da pesquisa. Isto é, dado que a confiança dos adolescentes nas figuras parentais encontra-se frágil, ou até mesmo inexistente, estes jovens também não se permitem confiar nos pares e, assim, construir amizades íntimas. Considera-se essa situação como negativa, visto que, esperava-se que os adolescentes procurassem - e encontrassem - nas relações horizontais o que não encontram nas relações verticais. No entanto, não foi esse o cenário predominante nos discursos dos participantes - considera-se que essa constatação abre espaço para novas investigações.

A terceira asserção, por fim, foi nomeada "O corpo como campo de batalha diante de uma dor psíquica não legitimada" e tratou sobre os diferentes usos do corpo mencionados pelos adolescentes: uso de drogas, abuso de medicamentos, embates físicos com as figuras parentais (marcados por violências de ambas as partes), esportes que envolvam lutas, fantasiar-se e expressão por meio do teatro.

Por mais distintos que esses usos fossem, entendeu-se que a finalidade de todos foi tentar aliviar a intensa dor psíquica experimentada. Relembra-se que não se pretendeu elencar os usos como positivos ou negativos, mas salientar a predominância do corpo nas estratégias de enfrentamento do sofrimento destes adolescentes.

Percebeu-se que uma modalidade recorrente do uso do corpo foram os embates físicos entre os adolescentes e as figuras parentais. Essa situação se fez presente em três das quatro entrevistas, e chamou a atenção devido ao fato de que se dá nos dois sentidos: os pais agridem os filhos, e os filhos também agridem os pais.

Portanto, sintetizando as três asserções e respondendo aos objetivos da pesquisa: compreendeu-se o lugar atribuído às figuras parentais no sofrimento psíquico do adolescente como um lugar de destaque, manifestado, principalmente, pela confusão de línguas e de lugares. Isto é, quando os adultos abdicam da posição de adulto, o papel de ser pai ou mãe fica prejudicado e traz consequências negativas para os filhos. Frisou-se, ainda, a impossibilidade de evitar a existência de confrontos na relação entre pais e filhos adolescentes. No entanto, em um cenário saudável, se esperaria que esses confrontos se encaixassem na dimensão de conflitos de geração e não na dimensão da confusão de línguas, tão presente nesta pesquisa.

Diante disto, a carência de amizades entre pares se fez presente nessas histórias, podendo estar relacionada à dificuldade do adolescente de confiar no mundo de uma forma geral. E, frente a esse cenário, os jovens recorrem ao corpo, de diferentes maneiras, com o intuito de tentar aliviar a dor causada por essa confusa relação.

Como sugerido no levantamento bibliográfico, a partir dos resultados encontrados é válido refletir se o sofrimento dos adolescentes pode estar sendo intensificado pela idealização contemporânea da adolescência por parte daqueles que deveriam ser figuras de referência. A resposta que se encontra é afirmativa, já que a condição de ser adulto, atualmente, se assemelha a de ser adolescente, estando influenciada pelo ideal contemporâneo da juventude: do culto à liberdade, da falta de compromisso, de querer apenas usufruir dos direitos e desconsiderar os deveres (Rocha e Garcia, 2008).

Essa idealização manifestou-se no discurso dos jovens, quando, por exemplo, Arthur conta sobre o padrasto que gasta todo o dinheiro da família em bebidas alcoólicas, ou quando Breno relata que o pai traiu a mãe e lhe confidenciou, pedindo que guardasse segredo, ou até mesmo quando Larissa revela que o padrasto, além de não trabalhar, dormia o dia inteiro. Esses comportamentos, próprios de adolescentes, fundem as posições entre os filhos e as figuras parentais, suscitando sofrimento para a parte vulnerável.

Além disso, diante da idealização da adolescência, a sociedade parece esquecer-se do processo de sofrimento inerente a essa etapa da vida. Relacionado a essa idealização, evidenciou-se também uma fragilidade das figuras de referência como modelos de

identificações, isto é, os jovens parecem não se identificar com os pais, e muito menos idealizálos – pelo contrário, afirmam não querer ser como eles.

Outro tema desenvolvido no levantamento bibliográfico que pode ser associado aos resultados diz respeito à diferenciação que Birman (2014) faz entre sofrimento e dor. Para o autor, o sofrimento propriamente dito, ou o desamparo, corresponde ao que é inerente à vida, ligado àquilo que seria, por exemplo, inseparável e constitutivo do processo de adolescer. Já o sofrimento em excesso, para o autor, corresponde ao que ele chama de dor ou desalento.

A diferença entre confusão de línguas e conflitos geracionais pode ser relacionada à essa leitura proposta por Birman (2014). Isto é, os conflitos geracionais, marcados por confrontos saudáveis entre pais e filhos, podem estar relacionados ao sofrimento que seria inerente - por mais que possam acarretar em frustrações para os adolescentes, também são constitutivos e estruturantes. Para ilustrar este tipo de conflito, relembra-se das constantes críticas que o pai de Breno fazia ao modo de se vestir do filho e das opiniões divergentes entre Sara e sua mãe que resultavam em discussões constantes entre as duas.

Já a confusão de línguas estaria mais próxima do que Birman (2014) descreve como dor, uma vez que evidencia um excesso de angústia para o adolescente, indo além do esperado para esta fase da vida. Para pensar sobre esse excesso, tem-se a situação em que Letícia se vê obrigada a responsabilizar-se por todos os membros da família e, ainda, o caso de Arthur, que é obrigado a proteger a mãe das agressões físicas do padrasto e precisa amadurecer precocemente para cuidar de si, por exemplo.

Ainda em relação ao levantamento bibliográfico, reafirma-se, a partir dos resultados, a relevância dos pais, ou dos substitutos dos mesmos, na travessia da adolescência, sendo imprescindível que estejam presentes, demonstrando preocupação e garantindo aos filhos que estarão por perto sempre que for preciso. Desta forma, apesar do espaço que é importante conceder ao jovem nesta fase da vida, as figuras parentais devem estar atentas aos comportamentos e às necessidades do filho (Oliveira & Fulgêncio, 2010; Winnicott, 1990).

Isso significa que a melhor solução é acompanhar o jovem, o que não significa suportalo passivamente e nem reprimi-lo cegamente. Relembra-se que a adolescência não se apresenta
como uma doença psiquiátrica a ser curada ou abreviada, e sim como um período que precisa
ser enfrentado e acompanhado pelos adultos (Mannoni, 1999; Winnicott, 2005a). Por isso,
destaca-se a relevância do acolhimento do adolescente pelas figuras parentais para que ele possa
elaborar esse período de crise (Aberastury, Dornbusch, Goldstein, Knobel, Rosenthal & Salas,
1992; Rassial, 1999).

Outro tópico importante a ser relembrado diz respeito aos efeitos do título inicial desta dissertação de mestrado - "O lugar dos pais no sofrimento do adolescente". Como relatado na introdução, um adolescente confessou "Pai, mandei a mensagem faz um minuto e tá fazendo o maior sucesso! ", referindo-se ao convite enviado a um grupo de WhatsApp de amigos para participar da pesquisa. Em contrapartida, alguns pais não autorizaram os filhos a participar da entrevista, o que também pode estar relacionado ao título inicial. Como já mencionado, o título foi alterado, acrescentando a palavra atribuição, com o intuito de marcar que não se trata de um lugar necessariamente ocupado, mas de uma atribuição por parte do adolescente.

Por um lado, imagina-se que o demasiado interesse dos adolescentes em narrar-se pode estar denunciando uma falta de espaço a palavra. Nesta direção, pressupõe-se que o compartilhamento das experiências com os outros, ou seja, as entrevistas, viabilizam a construção de uma narrativa de si que atribui novos sentidos à experiência vivida e possibilita desdobramentos a ela (Lo Bianco, Costa-Moura & Solberg, 2010).

Por outro lado, refletiu-se que, sendo o título um tanto sugestivo, houve uma estratégia de vitimização por parte dos adolescentes. A tendência de culpabilizar alguém pelo próprio sofrimento faz parte do funcionamento de um sujeito neurótico, e, na adolescência essa culpabilização está centrada, sobretudo, nas figuras parentais. Ou seja, considera-se que alguns jovens possam ter imaginado que, por meio de uma entrevista, seria possível culpar os pais por seu sofrimento.

A partir destas constatações, imagina-se que o título inicial sugeriu uma vitimização por parte do adolescente e uma consequente culpabilização das figuras parentais. Desse modo, acredita-se que o mencionado sucesso estivesse denunciando o convidativo tema da pesquisa para os adolescentes. Isso fez refletir que haveria uma confusão do próprio título inicial, que, ao mesmo tempo, atraiu e repeliu a possibilidade de se construir uma narrativa sobre o sofrimento sentido, bem com a possibilidade de autorizar um filho a narrar-se. Esses fatores que se apresentaram foram inesperados, porém não foram considerados como obstáculos à pesquisa, e sim como um dos pontos disparadores da mesma.

Considerando-se que esta dissertação configura-se como uma pesquisa psicanalítica, Figueiredo e Minerbo (2006) afirmam que esta modalidade de investigação pode ser usada para interpretar qualquer fenômeno que faça parte do universo simbólico do homem: sessões de psicoterapia, entrevistas, fenômenos sociais ou institucionais, material clínico colhido de grupos de pacientes, por exemplo. Em relação à verdade da interpretação, os autores salientam que ela é sempre relativa ao processo que a produziu e este processo é irreplicável e singular.

No caso dessa pesquisa, interpretou-se que o sofrimento dos adolescentes está atravessado pela confusão de línguas entre pais e filhos. Mas poderia haver outra interpretação igualmente verdadeira se a investigação fosse feita por outro pesquisador, por exemplo, e uma interpretação pode ser mais útil do que a outra, dependendo do contexto e do uso que se venha a se fazer dela. De qualquer modo, a verdade de uma interpretação não pode ser tomada como definitiva, mas sempre provisória. Nem como totalizante, pois é sempre uma verdade parcial, uma perspectiva selecionada do seu objeto. Portanto, em se tratando de pesquisa psicanalítica, convém que o investigador não pretenda mais do que sua investigação permite (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Acredita-se, ainda, que a pesquisa em psicanálise pode dialogar com a clínica, vindo a movimentar e ampliar as contribuições teóricas que já existem. Para relacionar os resultados desta pesquisa com a clínica psicanalítica, relembra-se a importante declaração de Ferenczi (1933) sobre a necessidade de que a relação entre analista e paciente seja pautada em uma total sinceridade, para que seja possível, assim, reestabelecer-se a confiança que foi perdida.

Essa sinceridade se opõe a hipocrisia profissional - que diz respeito a um certo fingimento por parte do analista de que o paciente não lhe causa nenhuma perturbação desagradável. Ou seja, para que haja uma relação pautada na confiabilidade, o analista deve reconhecer, ao menos para si mesmo, o modo como o analisando o afeta, tomando consciência sobre esse incômodo e falando sobre o mesmo com o paciente. No entanto, não se trata de simplesmente dizer tudo para o analisando, já que isso também poderia configurar-se como uma confusão de línguas: a linguagem do analista, que supostamente detém uma verdade se impondo sobre a linguagem do analisando, que é própria de um convite ao cuidado. Dessa forma, cabe ao analista, assim como aos pais dos adolescentes, não se esquecer da dissimetria da relação entre paciente e analisando (Ferenczi, 1933).

Dessa forma, segundo o autor, o tratamento teria mais chances de obter sucesso se fosse baseado na sinceridade, considerando que o analisando estaria recuperando sua confiança no mundo, e dando um novo destino aos acontecimentos traumatogênicos do passado. Posto isso, a partir dos resultados desta pesquisa, retoma-se a importância da honestidade do analista, considerando que essa transparência auxiliaria o sujeito a resgatar a confiança no mundo. O autor propõe, neste sentido, que "essa confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico" (Ferenczi, 1933/2011a, p. 115).

Segundo Kupermann (2019), isso quer dizer que, no que se refere à clínica, apesar de não ser possível desfazer as marcas do *tempo do desmentido*, existe a oportunidade de se trabalhar sobre o *tempo do testemunho*. No mesmo sentido, o autor salienta que:

como as marcas da agressão sofrida são indeléveis, é sobre o *tempo do testemunho* que atuamos clinicamente, possibilitando ao analisando, por meio do resgate da confiança perdida, a oportunidade de encontrar um destinatário capaz de escutar sua dor e atestar seu desalento. (Kupermann, 2019, n. p.).

Ou seja, dado os resultados da pesquisa, um tratamento psicanalítico para estes jovens seria fundamental, se os analistas fossem capazes de auxiliar o sujeito a recuperar a confiança perdida.

Para dar rumo à conclusão, retoma-se a importância de homens e mulheres, que cumprem a função de pais na vida de adolescentes, serem capazes de encontrar e delimitar seus papéis com suas respectivas funções, exercendo sua autoridade simbólica e assegurando a manutenção da assimetria geracional. É preciso, que nas interações com seus filhos, os pais preservem o "modo pessoal de adulto" para que as barreiras geracionais não se apaguem (Savietto, 2012, p. 33).

Portanto, qual é o lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente? A partir da trajetória percorrida durante essa dissertação de mestrado, responde-se que é um lugar marcado pelo apagamento das diferenças, pela inversão de responsabilidades e de comportamentos, e pela ilusão de que um adolescente não precisa ser cuidado. Isto é, trata-se de um lugar que coloca em evidência a não legitimação da assimetria.

Por fim -, mas para dar a discussão como aberta ao invés de encerrada -, é preciso insistir na complexidade da relação entre pais e filhos adolescentes. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa indicaram pontos diversos e relevantes que resultaram em uma nova proposta teórica sobre o tema. No entanto, considera-se que o sofrimento do adolescente em relação às figuras parentais é multifatorial, e as constatações encontradas referem-se a uma das possíveis explicações para o assunto, mas abrem espaços para novas investigações.

REFERÊNCIAS¹⁰

- Aberastury, A., Dornbusch, A., Goldstein, N., Knobel, M., Rosenthal, G., & Salas, E. (1992). Adolescência e psicopatia: Luto pelo corpo, pela identidade e pelos pais infantis. In A. Aberastury & M. Knobel, *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baas, B. (2001). Freud, a realidade psíquica e a tentação do transcendental. Rio de Janeiro: *Ágora*, 4(2), 9-23.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo: A juventude na atualidade. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp. 25 -43). São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2009). Juventude e condição adolescente na contemporaneidade: uma leitura da sociedade brasileira de hoje. In H. Bocayuva & S. A. Nunes (Org.), *Juventudes, subjetivações e violências* (pp. 25 41). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Birman, J. (2014). O sujeito na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brasil (1990). Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça.
- Calligaris, C. (2000). A adolescência. São Paulo: Publifolha.
- Cardoso, M. R. (2011). Adolescentes. São Paulo: Escuta.
- Costa, P. F. D., & Ribeiro, P. D. C. (2016). O conceito de ambivalência sob a perspectiva da psicanálise winnicottiana. São Paulo: *Revista Natureza Humana*, 18(2), 123-159.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erickson, F. (1997). Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Ferenczi, S. (2011a). Confusão de língua entre os adultos e a criança. (A. Cabral, Trad.). In *Psicanálise IV* (pp. 111-135). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Ferenczi S. (2011b). Reflexões sobre o trauma. (A. Cabral, Trad.). In *Psicanálise IV* (pp. 126-135). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).
- Ferenczi, S. (2011c). A adaptação da família à criança. (A. Cabral, Trad.). *In Psicanálise* IV (pp. 1-16). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011d). Análises de crianças em adultos. (A. Cabral, Trad.). *In Psicanálise* IV (pp. 79-98). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011e). Elasticidade da técnica psicanalítica. (A. Cabral, Trad.). *In Psicanálise IV* (pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928).

1/

¹⁰ De acordo com o estilo APA (American Psychological Association).

- Ferenczi, S. (2011f). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. (A. Cabral, Trad.). *In Psicanálise IV* (pp. 55-60). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1929).
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. São Paulo: *Jornal de Psicanálise*. 39(70), 257-278.
- Fortes, I. (2010). A dimensão do excesso: Bataille e Freud. Rio de Janeiro: Ágora, 8(1), 9-22.
- Freitas, K. T. V. M. (2013). O uso da narrativa dos mitos gregos como um instrumento terapêutico na psicanálise. Sete Lagoas: *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(1), 90-101.
- Freud, S. (2006). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 1 (pp. 223-337). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1950 [1892-1899].
- Freud (2006). A etiologia da histeria. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.* 3 (pp. 187-218). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1896.
- Freud (2006). A interpretação dos sonhos. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.* 4 e 5. Originalmente publicado em 1900.
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre sexualidade. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 7 (pp. 119-209)*. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1905.
- Freud, S. (2006). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.* 12 (pp. 233-246). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1911.
- Freud, S. (2006). Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência X Simbolismo nos sonhos. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, *vol.*15 (pp. 151-170). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1917.
- Freud, S. (2006). Dois verbetes de enciclopédia. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 18 (pp. 245-270). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1923 [1922].
- Freud, S. (2006). Uma breve descrição da psicanálise. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.* 19 (pp.237-259). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1925.
- Freud, S. (2006). A questão da análise leiga. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, *vol.*20 (pp. 177-256). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1926a.

- Freud, S. (2006). Psicanálise. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 20 (pp. 257-268). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1926b.
- Freud, S. (2006). Fetichismo. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 21 (pp. 151-162). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1927.
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 21 (pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1930 [1929].
- Herrmann, F. (2001). Psicanálise e Universidade: Integração. Psicologia USP, 12(2), 161-70.
- Jordão, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. Canoas: *Aletheia*, *21*(1), 157-172.
- Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 48(1), 171–190.
- Kude, V. (1995). *A qualidade de atendimento na creche: um estudo de duas culturas*. Tese de Doutorado não publicada, Faculdade de Educação, PUCRS.
- Kupermann, D. (2006). A progressão traumática: algumas consequências para a clínica na contemporaneidade. São Paulo: *Revista Percurso*, 18(36), 25-32.
- Kupermann, D. (2007). Sobre o final da análise com criança e adolescentes. São Paulo: Estilos da Clínica.
- Kupermann, D. (2012). O poder da palavra e a origem do pensamento freudiano. São Paulo: *Boletim de Psicologia*, 62(136), 67-80.
- Kupermann, D. (2017). Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático. São Paulo: Zagadoni.
- Kupermann, D. (No prelo). *Por que ferenczi hoje*? São Paulo: Zagadoni. (No prelo 2019).
- Laplanche, J. (1992). Novos fundamentos para psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J-B. (1970/2016). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1967.
- Lejarraga, A. L. (2010). A noção de amizade em Freud e Winnicott. São Paulo: *Natureza Humana*, *12*(1), 85-104.
- Lerner, H. (2006). Adolescência, trauma, indentidad. In M. C. Hornstein (Org.), *Adolescencia: Trayectorias Turbulentas* (pp. 27-50). Buenos Aires: Paidós.
- Lo Bianco, A. C., Costa-Moura, F., & Solberg, M. C. (2010). A psicanálise e as narrativas modernas A transmissão em questão. *Psicologia Clínica*, 22(2), 17–25.

- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., & Castan, J. U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In M. M. K. Macedo (Org.), Adolescência e Psicanálise: Intersecções possíveis (pp. 15-54). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., Gobbi, A. S., & Waschburger, E. M. P. (2009). Marcas corporais na adolescência: (im)possibilidades de simbolização. Belo Horiznte: *Psicologia em Revista*, 15(1), 90-105
- Macedo, M. M. K., & Monteiro, R. A. (2016). A manifestação em ato na adolescência: testemunho do desamparo. Campinas: *Quaderns de Psicologia*, 18(2), 15-26.
- Mannoni, O. (1996). A adolescência é analisável? In A. I. Corrêa (Org.). *Mais tarde... é agora! Ensaios sobre a adolescência* (pp. 20-41). Salvador: Ágalma.
- Maroun, K., & Vieira, V. (2008). Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. Belo Horizonte: *Psicologia em Revista, 14*(2), 171-186.
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. Rio de Janeiro: Ágora, 9(1), 119-131.
- Matheus, T. C. (2008). Quando a adolescência não depende da puberdade. São Paulo: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(4), 616-625.
- Menezes, L. S. (2012). Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho. São Paulo, SP: Primavera Editorial.
- Moraes, E. G. D., & Macedo, M. M. K. (2011). A vivência da indiferença: do trauma ao atodor. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moreira, R. (1984). *Rebelde sem Causa* [Gravado pela banda Ultraje a Rigor] em 18 Anos sem tirar! [CD]. São Paulo: Abril Music.
- Nasio, J. -D. (2010). Como agir com um adolescente difícil?: Um livro para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nunes, M. L. T. (2004). Pesquisa qualitativa: abordagem, coleta e análise de dados. In D. Azevedo, M. C. Barros &, M. Muller (Org.), *Psicologia e interdisciplinaridade: uma experiência na educação à distância* (pp. 303-314). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Oliveira, D. M. D., & Fulgêncio, L. P. (2010). Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. Belo Horizonte: *Psicologia em Revista, 16*(1), 64-80.
- Osmo, A., & Kupermann, D. (2012). Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. Maringá: *Psicologia em Estudo*, *17*(2), 329-339.
- Palmeira, C. G., Mayerhoffer, E. L.; Mariz, N. N. & Cardoso, M. R. (2011). Desamparo e melancolia na adolescência contemporânea. In. M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp. 157-169). São Paulo: Editora Escuta.
- Papalia, D. E., & Olds, S. W. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Perón, P. R. (2007). Considerações teóricas ferenczianas sobre o trauma. São Paulo: *Psicologia Revista*, 16(1 e 2), 13-27.
- Pinheiro, T. (1995). Ferenczi: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rassial, J.-J. (1999). O adolescente e o psicanalista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rocha, A. P. R., & Garcia, C. A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. Brasília: *Psicologia ciência e profissão*, 28(3), 622-631.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. Fortaleza: *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348.
- Savietto, B. B. (2007). Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais "desmapeados", filhos desamparados*. São Paulo: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 10(3), 438-453.
- Savietto, B. B. (2010). Adolescência: ato e atualidade. Curitiba: Juruá.
- Savietto, B. B. (2012). Juventude e família na contemporaneidade: um desamparo sem fim? Uberlândia: Gerais: *Revista Interinstitucional de Psicologia*, *5*(1), 23-35.
- Savietto, B. B. & Cardoso, M. R. (2006). *Adolescência: ato e atualidade*. Fortaleza: *Revista Mal-estar e Subjetividadde*, 6(1), 15-43.
- Savietto, B. B., & Cardoso, M. R. (2012). Idealização e onipotência na juventude contemporânea: a drogadicção como ilustração. Rio de Janeiro: Fractal - Revista de Psicologia, 24(2), 353-366.
- Silva, I. G. da, & Menezes, L. S. de. (2018). O fotografar: uma resposta sublimatória à tensão pulsional? *Psicologia Revista*, 27(2), 233–261.
- Turato, E. R. (2011). Tratado da metodologia de pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e ampliação das áreas da saúde e humanas. Rio de Janeiro: Vozes.
- WHO, World Health Organization. (1986). Young People's Health a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1971.
- Winnicott, D. W. (1975). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1971.

- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1988.
- Winnicott, D. W. (2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 355- 373). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1955 [1954].
- Winnicott, D. W. (2000b). Preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-406). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1956.
- Winnicott, D. W. (1955/2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1955 [1954].
- Winnicott, D. W. (1958/2007). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed. p. 31-37. Originalmente publicado em 1958.
- Winnicott, D. W. (2005). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. Originalmente publicado em 1983.
- Winnicott, D. W. (2013). Adolescência. Transpondo a zona das calmarias. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1961.
- Winnicott, D. W. (2013). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1961.
- Winnicott, D. W. (2016). A luta para supercar depressões. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1964.
- Winnicott, D. W. (2016). A juventude não dorminará. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1964.
- Winnicott, D. W. (1987/2016). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1964.

ANEXOS

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP

USP- INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O lugar dos país no sofrimento do adolescente.

Pesquisador: RITA DAMBROS HENTZ

Área Temática: Versão: 2

CAAE: 79533717.3.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.448.199

Apresentação do Projeto:

Neste projeto de Mestrado, a autora baseia-se em autores de orientação teórica psicanalítica para compreender a vivência de sofrimento no período da adolescência, a qual seria julgada pelos jovens como sendo influenciada pela atitude dos pais. Destaca-se nesta abordagem a afirmação de Nasio (2010), de que o adolescente, na maioria das vezes, tem dificuldades ou não consegue verbalizar o que sente, razão pela qual transfere ao adulto a função de perceber e compreender seus sentimentos, o que pode auxiliar na tradução de seu próprio mal-estar. Nesse sentido, quando há uma impossibilidade de colocar em palavras o que lhe acomete, o sofrimento do adolescente pode se manifestar por meio do ato, sendo assim fundamental que as figuras parentais estejam atentas a essas manifestações. A pesquisadora pretende realizar duas entrevistas com no mínimo 3 e no máximo 5 adolescentes, de 14 a 19 anos, de modo a explorar suas manifestações relativas a essa hipótese, desenvolvendo um estudo qualitativo conforme a proposta de análise interpretativa formulada por Frederic Erickson (1987).

Objetivo da Pesquisa:

Este estudo tem por objetivo "explorar o lugar atribuído aos pais a partir da narrativa do adolescente sobre o seu sofrimento."

Avaliação dos Riscos e Beneficios:

A autora menciona que um possível risco seria uma mobilização afetiva do jovem pelo fato de falar

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Balrro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030

UF: SP Municipio: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 2.448.199

de assuntos difíceis, mas que haverá o cuidado de interromper a entrevista, caso perceba um impacto muito forte no adolescente. Caso seja necessário, o entrevistador poderá sugerir ao participante tratamento psicológico, encaminhando-o para algum colega de profissão ou para alguma Clínica de Psicologia. Como benefício, a pesquisadora acredita que "a fala possibilita ao sujeito uma forma de elaboração de questões que envolvem conflitos e sofrimentos". Além disso, julga que "o participante poderá contribuir para o avanço de uma pesquisa científica, a qual trará contribuições para profissionais que trabalham com adolescentes e/ou famílias".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa sobre adolescência, alterando as idades em proposta anterior para de 12 a 19 anos; alterou-se também aspectos éticos sobre o cuidado oferecido aos jovens entrevistados. Incluiu-se a possibilidade de realizar outros encontros caso seja percebida mobilização excessiva no jovem. Além disso, caso seja necessário encaminhamento para serviço psicológico, os pais ou responsáveis serão comunicados a respeito disso e da importância de um acompanhamento dos filhos nesse período.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos são apresentados de modo a permitir a análise ética do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 486/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Balrro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030

UF: SP Municipio: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

USP-INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 2.448.199

concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO 972380.pdf	09/12/2017 15:45:15		Aceito
Outros	Carta_ao_CEP.doox	09/12/2017 15:43:53	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Mestrado_alteracoe.doc	09/12/2017 15:43:22	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostooficial.pdf	30/10/2017 09:42:39	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_menor.docx	23/10/2017 11:41:37	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_adolescente_maior.docx	23/10/2017 11:39:42	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsavel.docx	23/10/2017 11:39:18	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisador.pdf	23/10/2017 11:36:47	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Justificativa_ausencia_instituicao.pdf	23/10/2017 11:36:31	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_infraestrutura.pdf	23/10/2017 11:36:14	RITA DAMBROS HENTZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

CEP: 05.508-030

Bairro: Cidade Universitária UF: SP Municipio: SAO PAULO UF: SP Munic Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o adolescente maior de 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulada "O lugar dos pais no sofrimento do adolescente", que tem como pesquisadora responsável a psicóloga e mestranda Rita Dambros Hentz. Essa pesquisa tem como objetivo compreender e explorar o sofrimento presente na relação entre pais e filhos na adolescência. Para tanto é necessário que você fale livremente sobre essa relação, respondendo as questões que lhe serão indagadas no intuito de compreender quando e de que forma os pais influenciam no sofrimento dos filhos na adolescencia. A sua participação será por meio de duas entrevistas com questões abertas, as quais serão gravadas em áudio, com duração aproximada de 30 a 60 minutos, e, posteriormente, transcritas para garantir a fidedignidade dos dados.

A participação nesse estudo é voluntária e não haverá recompensa financeira. Se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Não estão previstas despesas para a realização destas entrevistas, no entanto, caso seja necessário, a pesquisadora se responsabiliza pelo ressarcimento de eventuais custos que resultem dessa participação.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). O maior desconforto que você poderá experimentar relaciona-se ao fato abordar situações que podem ter sido difíceis, podendo vir a lhe provocar alguma mobilização afetiva. Caso perceba necessário, a pesquisadora responsável poderá realizar um encaminhamento para um serviço que ofereça tratamento psicológico para o participante. O beneficio desta entrevista será a contribuição que estará dando para o desenvolvimento de um estudo científico.

Quaisquer dúvida relativas a esta pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável Rita Dambros Hentz, fone (11) 99311209, ou pela entidade responsável, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, localizado endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira das 9h às 12h e das 14h às 16h (com flexibilidade nos casos excepcionais).

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do Participante/Responsável	Data
Assinatura da Pesquisadora Responsável	Data

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o responsável pelo adolescente menor de 18 anos

Prezado(a) responsável:

Você está sendo convidado a autorizar seu filho(a) a participar da pesquisa de mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulada "O lugar dos pais no sofrimento do adolescente", que tem como pesquisadora responsável a psicóloga e mestranda Rita Dambros Hentz. Essa pesquisa tem como objetivo compreender e explorar o sofrimento presente na relação entre pais e filhos na adolescência. Para tanto será necessário que seu filho fale sobre essa relação, respondendo as questões que lhe serão indagadas no intuito de compreender quando e de que forma os pais influenciam no sofrimento dos filhos na adolescência. Serão realizadas duas entrevistas com questões abertas, as quais serão gravadas em áudio, com duração aproximada de 30 a 60 minutos, e, posteriormente, transcritas para garantir a fidedignidade dos dados. Para que seu filho participe deste estudo, você deverá autorizar e assinar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável.

A participação nesse estudo é voluntária e sem recompensa financeira. Se você decidir não fornecer a autorização ou quiser retirá-la em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo sem qualquer prejuízo. Além disso, não estão previstas despesas para a realização destas entrevistas, no entanto, caso seja necessário, a pesquisadora se responsabiliza pelo ressarcimento de eventuais custos que resultem dessa participação.

Na publicação dos resultados dessa pesquisa, a identidade de seu/sua filho(a) será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificálo(a). Caso perceba necessário, a pesquisadora responsável poderá realizar um encaminhamento para um serviço que ofereça tratamento psicológico para o adolescente.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas a esta pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável Rita Dambros Hentz, fone (11) 99311209, ou pela entidade responsável, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, localizado endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira das 9h às 12h e das 14h às 16h (com flexibilidade nos casos excepcionais).

Autorizo a participação do meu filho(a) neste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste consentimento.

Nome e assinatura do responsável		Local e data	
	Rita Dambros Hentz (Pesq	uisadora Responsável)	
Nome complete	o do responsável:		
RG do responsa	ável:		
Nome complete	o do adolescente:		
RG do adolesce	ente:		
Telefone para c	contato:		

ANEXO D - Termo de Assentimento para o adolescente menor de 18 anos

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulada "O lugar dos pais no sofrimento do adolescente", que tem como pesquisadora responsável a psicóloga e mestranda Rita Dambros Hentz. Essa pesquisa tem como objetivo compreender e explorar o sofrimento presente na relação entre pais e filhos na adolescência. Para tanto é necessário que você fale livremente sobre essa relação, respondendo as questões que lhe serão indagadas no intuito de compreender quando e de que forma os pais influenciam no sofrimento dos filhos na adolescência. A sua participação será por meio de duas entrevistas com questões abertas, as quais serão gravadas em áudio, com duração aproximada de 30 a 60 minutos, e, posteriormente, transcritas para garantir a fidedignidade dos dados.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A participação nesse estudo é voluntária, e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Poderá haver um desconforto para você por falar sobre questões que podem ser difíceis, mas o benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico.

Quaisquer dúvida relativas a esta pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável Rita Dambros Hentz, fone (11) 99311209, ou pela entidade responsável, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, localizado endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3091-4182. Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira das 9h às 12h e das 14h às 16h (com flexibilidade nos casos excepcionais).

Eu,	(participante) fui informado(a) do
objetivos da pesquisa acima de maneira clara e det	talhada. Recebi informações a respeito d
pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que em q	qualquer momento poderei solicitar nova
informações, e o meu responsável poderá modificar a	a decisão de participação se assim o desejar
Tendo o consentimento do meu responsável já assi	nado, declaro que concordo em participa
desse estudo.	

Declaro que recebi uma cópia do presente Termo de Assentimento.

Assinatura do Participante	Nome	Data
Assinatura do Pesquisador	Nome	Data